

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

RAFAELA BERTUZZO

**A EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NO EVENTO NATAL LUZ E SUA RELAÇÃO
COM A DINAMIZAÇÃO DOS RITOS A PARTIR DO IMAGINÁRIO DAS CIDADES**

PORTO ALEGRE

2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RAFAELA BERTUZZO

**A EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NO EVENTO NATAL LUZ E SUA RELAÇÃO
COM A DINAMIZAÇÃO DOS RITOS A PARTIR DO IMAGINÁRIO DAS CIDADES**

Dissertação apresentado como requisito final para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadores: Dra. Juliana Tonin (2020-2021) e Dr. André Pase (2022)

Porto Alegre

2022

RAFAELA BERTUZZO

**A EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NO EVENTO NATAL LUZ E SUA RELAÇÃO
COM A DINAMIZAÇÃO DOS RITOS A PARTIR DO IMAGINÁRIO DAS CIDADES**

Dissertação apresentado como requisito final para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Aprovada com louvor em: 30 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. André Pase – PUCRS

Prof. Dr. Juremir Machado – PUCRS

Prof. Dr. Rudimar Baldissera – UFRGS

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Rojane e Algielto, por sempre me proporcionarem as melhores oportunidades e me apoiarem em todas as minhas decisões.

Aos meus irmãos, Robson e Miguel, por estarem ao meu lado independente de qualquer coisa, me fazendo rir sempre que preciso.

Ao Luis Eduardo, por ser meu parceiro nos melhores e piores momentos. Por todas as leituras atentas a este trabalho. Agradeço também a sua família, por todo carinho e receptividade.

À Lola, por toda companhia despendida na escrita do meu TCC e, agora, da minha dissertação. Aos meus amigos, da capital e da serra, recentes e de longa data, por estarem sempre ao meu lado.

A minha orientadora, Dra. Juliana Tonin, por toda atenção empregada na construção desta pesquisa. Por me inspirar, incentivar e ser luz nos momentos mais complicados.

Aos meus colegas do eterno LabGim, por serem exemplos de pesquisadores, pessoas e profissionais. Juntos fomos capazes de honrar o mundo da pesquisa, sem nunca perder de vista a sensibilidade, a ética e o afeto.

Por fim, agradeço a Deus pelo dom da vida e por possibilitar que eu siga realizando os meus sonhos.

RESUMO

A partir de noções sobre Imaginário das Cidades, Cultura e Sociologia da Infância e uso de eventos para produção de experiências, esta dissertação busca compreender a experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades. A metodologia, com foco qualitativo, abrangeu, além de pesquisas bibliográficas, a etnografia, cujo campo foi realizado durante a edição do evento Natal Luz do ano de 2020. A imersão, executada em meio à pandemia do novo Coronavírus, durou 42 dias e foi dividida primordialmente em três locais situados no município de Gramado: Aldeia do Papai Noel, Vila de Natal e Rua Coberta. Dentre os resultados apresentados, pode-se salientar a identificação de três dimensões que operam diretamente na experiência da criança no evento, são elas: Dimensão dos fluxos, que aponta particularidades no modo de se movimentar dos participantes pelos diferentes espaços, bem como de interagir com as atrações; Dimensão do imaginário das cidades, responsável por elencar que os elementos gerados pelas variadas localidades participam e influenciam na experiência da criança na festividade; e Dimensão das ritualizações, que demonstra que os ritos, especialmente atrelados ao Natal, impactam nas formas de agir e de se relacionar do público analisado.

Palavras chave: Comunicação. Sociologia da Infância. Evento Natal Luz. Ritos.

ABSTRACT

Based on notions about the Imaginary of Cities, Culture and Sociology of Childhood and the use of events to produce experiences, this dissertation seeks to understand the child's experience in the Natal Luz event and its relationship with the dynamization of rites from the imaginary of cities. The methodology, with a qualitative focus, covered, in addition to bibliographic research, ethnography, whose field was carried out during the 2020 edition of the Natal Luz event. The immersion, carried out in the midst of the new Coronavirus pandemic, lasted 42 days and was divided primarily into three locations located in the municipality of Gramado: Aldeia do Papai Noel, Vila de Natal and Rua Coberta. Among the results presented, it is possible to highlight an identification of three dimensions that operate directly on the child's experience in the event: Dimension of the flows, that points out particularities in the way participants move through the different spaces, as well as interact with the attractions; Dimension of the imaginary of cities, responsible for listing that the elements generated by the various locations participate and influence the child's experience in the festivity; and Dimension of rituals, which demonstrates that the rites, especially linked to Christmas, impacts on the ways of acting and relating to the analyzed public.

Keywords: Communication. Sociology of Childhood. Natal Luz Event. Rites.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folheto da 12ª edição da Festa das Hortênsias	41
Figura 2 - Mapa do campo.....	67
Figura 3 - Pesquisadora no campo com seu irmão Miguel.....	69
Figura 4 - Criança usando máscara	70
Figura 5 - Vestimenta dos participantes	72
Figura 6 - Criança utilizando capa de chuva	73
Figura 7 - Criança no carrinho de bebê	73
Figura 8 - Sacola da loja Criamigos	74
Figura 9 - Criança puxando seu responsável	76
Figura 10 - Irmão da pesquisadora andando à frente.....	76
Figura 11 - Criança de mãos dadas.....	78
Figura 12 - Criança segurando mapa.....	79
Figura 13 - Menina olhando pela janela da Casa do Papai Noel.....	80
Figura 14 - Bloqueio nas portas dos cômodos.....	81
Figura 15 - Grife com produtos oficiais do Natal Luz	82
Figura 16 - Menina puxando seu pai para irem almoçar	83
Figura 17 - Placa na Terra da Neve sobre a suspensão da neve artificial.....	84
Figura 18 - Arquitetura da Casa do Papai Noel na Aldeia do Papai Noel.....	85
Figura 19 - Menina que solicitava fotografias em diferentes posições e cenários	86
Figura 20 - Criança utilizando o celular para a prática de jogos	87
Figura 21 - Bonecos do Papai Noel comercializados nas lojas	88
Figura 22 - Boneco do Papai Noel no décimo terceiro dia de campo	88
Figura 23 - Boneco do Papai Noel no vigésimo primeiro dia de campo.....	89
Figura 24 - Crianças tocando no presépio	89
Figura 25 - Crianças dançando com seus responsáveis	91
Figura 26 - Irmão da pesquisadora com balde de balas e pirulitos.....	93
Figura 27 - Menina comendo pipoca.....	94
Figura 28 - Estátua do Papai Noel segurando urso de pelúcia	95
Figura 29 - Papai Noel na Aldeia do Papai Noel.....	96
Figura 30 - Irmão mais velho que não acredita no Papai Noel.....	97
Figura 31 - Criança e Papai Noel se despedindo	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Roteiro	66
--------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CIDADE COMO PROTAGONISTA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO	13
2.1.	A CIDADE E O IMAGINÁRIO	13
2.1.1	Estruturas arquitetônicas	16
2.1.2	Sentidos sonoros	17
2.1.3	Estímulos visuais	18
2.1.4	Os Superlugares	19
2.1.5	Conceito de <i>Hype City</i>	20
2.1.6	Uso de dispositivos digitais como próteses do ambiente	22
2.2	A CIDADE DE GRAMADO/RS	23
2.2.1	Contexto histórico	24
2.2.2	Gramado/RS e a produção de sentidos	26
3	OS EVENTOS E A EXPERIÊNCIA	29
3.1	OS EVENTOS.....	30
3.2	A EXPERIÊNCIA E O SUJEITO.....	33
3.3.	NATAL LUZ.....	40
4	OS RITOS E A INFÂNCIA	47
4.1.	CULTURAS DA INFÂNCIA	47
4.2.	OS RITOS	52
4.3.	A FESTA NATALINA	57
4.3.1	O Papai Noel	61
5	PERCURSO METODOLÓGICO	64
5.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	64
5.2	ETNOGRAFIA	64
5.2.1	O campo	65
5.2.2	Instrumentos	69
5.2.3	O Natal Luz na pandemia	69
5.2.4	Perfil: a experiência de quais crianças?	71
5.2.5	A experiência da criança no Natal Luz	74
5.2.5.1	Dimensão dos fluxos	75
5.2.5.2	Dimensão do imaginário das cidades	84

5.2.5.3	Dimensão das ritualizações	90
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	104

1 INTRODUÇÃO

Em uma realidade cada vez mais competitiva, os eventos são utilizados estrategicamente por diferentes localidades. No Brasil, dentre as diversas cidades dedicadas a esse setor, destaca-se Gramado, que além de utilizar as festividades como ferramenta de promoção, oferece experiências únicas, muitas vezes temáticas, que instigam o consumo não somente de objetos, mas também de cultura, desejos e sonhos.

Os eventos tornaram-se uma oferta fundamental do município, especialmente diante dos problemas de sazonalidade. Dentre todas as festividades presentes em seu calendário, é necessário dar ênfase ao Natal Luz, responsável por atrair, segundo o site da atração, em 2019, mais de 2,3 milhões de visitantes. O evento é apontado como a celebração natalina a céu aberto mais conhecida do Brasil.

De acordo com Machado (2017), o êxito do Natal Luz está atrelado a diversos fatores, contudo, destaca-se a presença de personagens que remontam à experiência dos contos de fadas, especialmente com a representação do Papai Noel, nas atrações, na decoração ou no comércio local. O personagem, juntamente com componentes que o permeiam no evento, como luzes, presentes, árvores, entre outros, possibilita uma absorção imensa de sentimentos nos participantes, além de proporcionar que o sujeito se afaste de sua realidade e de sua rotina.

Além disso, o Natal Luz pode ser considerado responsável por contribuir na dinamização dos ritos atrelados ao Natal, uma vez que na festividade, de modo geral, tanto adultos quanto crianças não questionam a existência do Papai Noel e de outros elementos natalinos, apenas permitem-se levar pelo clima mágico da cidade. Ainda, por meio das ritualizações, o evento tem a capacidade de auxiliar no fortalecimento da noção de identidade do sujeito participante, bem como colaborar na ideia de pertencimento a um grupo ou sociedade.

Por ter nascido e crescido na Região das Hortênsias e ter tido proximidade com o setor de eventos por meio dos meus familiares, além de ter participado de diversas edições do Natal Luz, especialmente na minha infância, sempre tive o desejo de pesquisar mais a fundo sobre o evento e sua potência. Além disso, tinha o desejo de entender a experiência que a festividade proporcionava, particularmente nas crianças, que, conforme Sarmiento e Gouvea (2008), constituem uma porta de entrada fundamental para a compreensão da realidade.

Além disso, considerando que o Natal Luz ocorre em diversos locais do município, torna-se necessário percorrer pelos diferentes pontos de Gramado para entender melhor o evento, bem como a experiência que ele proporciona a seus visitantes. Escutar, sentir, viver e

tocar os espaços de uma cidade são ações que emanam um imaginário de visões e sensações, que devem voltar a ser valorizados na pós-modernidade (LA ROCCA, 2018).

Ademais, torna-se importante destacar a escassez de estudos sobre a experiência das crianças, especialmente relacionadas à cultura e à ritualização, elementos relevantes na etapa da infância e na construção do indivíduo. A mesma carência ocorre nas abordagens sobre a potência dos eventos, visto que, embora sejam objetos de estudos de diferentes trabalhos, o enfoque encontrado até então está atrelado ao valor da atividade para os seus organizadores, e não para os seus participantes. Além disso, é de grande valia que a temática seja estudada por uma profissional de relações públicas, que, além de interesse no assunto, tem experiência teórica e prática no setor de eventos.

Referente ao Natal Luz, já é possível encontrar alguns estudos referentes à temática. Entre eles destaca-se o livro “A Luz que Transformou uma Cidade: os bastidores do Natal Luz de Gramado”, de 2018, escrito pelo idealizador do evento, Luciano Peccin. Sobre Gramado, é necessário comentar sobre a dissertação de Mestrado de Edson Bertin Dorneles, de 2001, que investiga a construção histórica do turismo em Gramado, por meio de documentos, entrevistas e pesquisa de campo. No entanto, é necessário salientar que o público infantil não é considerado em nenhuma das obras verificadas.

Nesse sentido, o problema de pesquisa que orienta este trabalho é: de que formas podemos compreender a experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades? Definiu-se como objetivo geral para este estudo: compreender a experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades. Como objetivos específicos elencou-se: discorrer sobre a relação entre imaginário e cidades; verificar a importância dos eventos e seu impacto nos sujeitos por meio da experiência e refletir sobre a presença dos ritos na infância.

A dissertação contará com seis capítulos, sendo o primeiro a “Introdução”. O segundo capítulo, denominado “A cidade como protagonista na construção do imaginário”, discutirá, especialmente a partir dos estudos de La Rocca (2018), a relação entre a produção do imaginário e as cidades e como elementos como arquitetura, sons, entre outros, impactam no dia a dia do sujeito.

No terceiro capítulo, por outro lado, intitulado “Os eventos e a experiência”, serão abordadas diferentes ideias sobre os eventos e seus impactos, não somente em termos comerciais, mas também na promoção de experiências marcantes. Também serão apresentadas informações a respeito do Natal Luz, tanto nos dias de hoje quanto ao longo de sua história.

Em contrapartida, o quarto capítulo, nomeado “Os ritos e a infância”, discorrerá a respeito da infância e de seu vínculo com a cultura e os ritos, a partir dos conceitos presentes na Sociologia da Infância. Também será dissertado a respeito do contexto histórico, cultural e econômico da festa natalina, bem como os principais elementos que a permeiam: Papai Noel, presentes, árvore de Natal etc.

No quinto capítulo, chamado “Percurso metodológico”, serão especificadas as metodologias selecionadas para o estudo: pesquisa bibliográfica e etnografia. Também serão apresentadas as anotações e as fotografias obtidas durante o campo, bem como a categorização, a análise e interpretação do material coletado.

Por fim, no sexto capítulo, “Considerações finais”, serão revisitados os objetivos e o problema de pesquisa elencados para orientar este trabalho. Também serão apresentados os conceitos mais relevantes abordados durante a obra e os principais resultados encontrados durante o processo.

2 CIDADE COMO PROTAGONISTA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO

A atualidade é caracterizada pela valorização do que é racional, palpável e mensurável, o que pode provocar a exclusão da sensibilidade estética, das emoções, das intenções e de qualquer vestígio de subjetividade do discurso científico. Nas sociedades industrializadas pós-modernas, segundo Rocha Pitta (2012), a diferença é percebida como oposição, e não como complementaridade, ocasionando uma visão dicotômica da existência, como, por exemplo, nas dimensões real/imaginário.

Para Silva (2017), o imaginário não se impõe ao real, e sim potencializa o banal, transformando o acontecimento trivial do cotidiano em um momento singular. “O imaginário pode ser visto como uma complementação do real, sua ampliação, sua face escondida, sua extensão ao modo luminoso” (SILVA, 2017, p. 35). Assim como o real configura sua existência com base no imaginário, este último surge a partir de uma sequência de camadas aplicadas sobre um acontecimento, um fato.

Na construção do imaginário, as cidades têm papel protagonista, seja por meio de suas estruturas arquitetônicas, pelos estímulos visuais ou até mesmo pelos sons produzidos. Não se trata somente de espaços materiais ou vividos, mas sim de lugares de imaginação, representação e sentidos. A partir de operações mentais, os indivíduos veem e são vistos no cenário da cidade, tomando posse dos locais urbanos, que fazem aflorar sensibilidades e recordações (CERTEAU, 1994).

As cidades contribuem para o desenho de mapas cognitivos e neurosensoriais, que influenciam na construção do imaginário. Podem trazer à tona lembranças e sensações, de forma que nem sempre é possível explicar a predileção do indivíduo por uma localidade ou por outra (BENJAMIN, 1983). Nesse sentido, a seguir será apresentado como os espaços diversos de um território, frutos da imaginação e do trabalho articulado de muitos indivíduos, interferem na produção dos diferentes sentidos atribuídos por todos àqueles que se relacionam com a cidade de alguma maneira, como moradores, turistas etc.

2.1. A CIDADE E O IMAGINÁRIO

Nós nos colocamos aqui na sensibilidade de uma cidade poética ou de uma poética da cidade, cidade que, como diria Pierre Sansot, ‘nós raramente nos perguntamos por quais razões ela nos encanta. Ou melhor: depois de enumerar todas as virtudes, fica um não sei que inexplicável, como se fosse um perfume, uma música perturbadora’ (LA ROCCA, 2018, p. 14).

A cidade é uma rede infinita de relações, símbolos e representações, e é desenhada por intermédio de desejos, experiências, memórias e expectativas individuais e coletivas. Ao pensar em cidade, manifesta-se no indivíduo um universo de sentidos, determinado pelas ruas, famílias, calçadas, prédios, pessoas. “A cidade é um livro-texto que se deixa desnudar pelo narrador. Este, ao mesmo tempo que olha, conta-lhe segredos, repete discursos” (NOGUEIRA, 1998, p. 116).

Conforme Rocha e Eckert (2008), a cidade deve ser pensada como um território de pluralidade e heterogeneidade, que acomoda diferentes histórias e valores individuais e coletivos. É resultado de uma configuração espacial em que grupos sociais, de culturas, línguas, religiões e idades diversas coexistem. “Não há uma ideia verdadeira de cidade, pois toda imagem urbana está carregada de emoções e visões de mundo. Isso a torna inevitavelmente plural” (NOGUEIRA, 1998, p. 122).

Para que seja possível compreender toda essa pluralidade, de acordo com La Rocca (2018), é necessário andar pelas ruas da cidade. Escutar, sentir, viver e tocar os espaços emanam um imaginário de visões e sensações, que tornam visível os fragmentos que caracterizam a comunidade urbana. “Se faz necessário estar sempre à escuta dos lugares, estar presente nos seus espaços, mergulhar na efervescência efêmera de suas ruas” (LA ROCCA, 2018, p. 14). Certeau (1994) acrescenta que, no cotidiano, ao caminhar na cidade, os sujeitos são capazes de transformar em outra coisa cada significante espacial, organizar e atualizar um conjunto de possibilidades, que variam conforme os momentos, os percursos e os caminhantes.

Com o intuito de entender o homem, é necessário compreender toda a rede da cidade que o engloba, visto que, segundo Nogueira (1998), é nela que estão presentes os mitos, os deuses e as fantasias que fazem parte do cotidiano do indivíduo. Além disso, na cidade, sempre há algo novo a se descobrir, pois ela é inventada e reinventada constantemente, a partir dos acontecimentos que nela ocorrem e que acarretam novos significados. La Rocca (2018) complementa que os espaços estão em renovação e movimento contínuos, os quais transmitem informações não somente sobre a evolução da cidade, como também sobre o estado de uma sociedade.

Nogueira (1998) comenta que, dentre os significados que fizeram parte do imaginário da cidade ao longo da história, destaca-se a personificação do feminino, da maternidade, a cidade como mãe-pátria. Ainda, está presente a dicotomia paraíso/inferno, sendo o saudosismo, a distância da terra natal e a glorificação do passado atrelados ao paraíso, e o presente e a utopia do futuro, ao inferno. Outro ponto salientado é o arquétipo do círculo, a comunidade territorial

como um recinto familiar aconchegante e protegido por cercas, fechada para defender-se dos inimigos.

Hoje, em contrapartida, a concepção de cidade se estende ao infinito. A comunidade urbana contemporânea caracteriza-se pela velocidade da circulação, “[...] pelos fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios” (ROLNIK, 1988, p. 09). Dessa forma, não se pode mais pensar sobre a cidade numa ótica rudimentar de ordem funcionalista, buscando controlá-la como um processo “fechado”. É necessário considerá-la como uma plataforma de situações abertas, com uma variedade de práticas e tribos, que recarregam sua fisionomia de novas significações.

Além disso, o espaço público das cidades torna-se mais do que apenas um cenário de circulação do cotidiano, converte-se em símbolo do desejo de cidadania em protestos, comícios e passeatas, e em palco de shows, desfiles e grandes eventos, em festas religiosas e carnavais, por exemplo (assim como no Natal Luz, que veremos posteriormente).

Quando o território da opressão vira cenário de festa, é a comunidade urbana que se manifesta como é: com suas divisões, hierarquias e conflitos, assim como com suas solidariedades e alianças. Na hora do rito, isso vem à tona; mas no dia a dia tudo isso está presente, subjacente, nos gestos e palavras cotidianas dos habitantes da cidade (ROLNIK, 1988, p. 25).

O advento da pós-modernidade fomenta uma nova centralidade da cena urbana, com expressões coletivas revalorizadas e espaços com reapropriações simbólicas. Há uma redescoberta do território da cidade e de seu simbolismo. Isso necessita, de acordo com La Rocca (2018, p. 11), “[...] da análise de um imaginário contemporâneo composto de uma espiral de elementos que permitem dizer o que compõe a atualidade urbana e social”. Compreender os espaços de uma localidade é descobrir os modos de habitar o mundo contemporâneo. Por esse motivo, La Rocca (2018, p. 17) refere-se à cidade como um “[...] laboratório gigantesco de pesquisa sobre o social em eterna mutação”.

Ainda, La Rocca (2018) enfatiza a importância de se entender as diferentes visões acerca de cidade de acordo com as fases históricas de seu desenvolvimento. Segundo Thomas Kuhn (1962 *apud* LA ROCCA, 2018 p. 17), cada época, com suas práticas sociais distintas, gera uma estrutura imaginária chamada de “paradigma”, que, para ele, é uma visão do mundo, um modelo normativo. Quando esse sistema passa por uma crise, há uma mudança de paradigma. Em 2020, devido à pandemia da COVID-19, muitos processos já definidos dentro da cidade tiveram que ser repensados, reapropriando sentidos e demonstrando o estado social e as características dos indivíduos desse período.

Na maioria das vezes, ao estudar as cidades, o pensamento principal está atrelado em como será o futuro, a forma da megalópole global, da cidade-mundo. No entanto, La Rocca (2018) salienta que, com isso, ignora-se o presente, que, de modo geral, constitui a substância das expressões cotidianas dos indivíduos. Nesse sentido, deve-se tentar extrair as dimensões multissensoriais explanadas na diversidade simbólica da cidade, como na arquitetura, que será apresentada em seguida.

2.1.1 Estruturas arquitetônicas

Ao contrário da lembrança, a memória não se dissipa com a morte, o que faz com que o habitar ganhe uma dimensão completamente nova. Segundo Rolnik (1988, p.17), não são somente os textos que a cidade produz que são fixados na memória, mas também a arquitetura urbana. “O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo”. Por esse motivo, as formas e as tipologias arquitetônicas podem ser lidas e decifradas como se fossem um texto.

Ao pensar em cidade, a arquitetura é uma das primeiras imagens mentais desenvolvidas, pois, para La Rocca (2018, p. 29), ela atua como a “pele” dos espaços, tanto em caráter simbólico quanto de função. “Ela estetiza: tanto do ponto de vista da beleza (ou da feiura), quanto do ponto de vista da esfera da percepção neurosensorial”. Nesse sentido, ela adquire papel primordial na construção do imaginário, bem como na captação da relação entre forma, indivíduo e ambiente.

Wilkoszynski (2006) complementa que, por intermédio de projetos, desenhos, prédios, monumentos, ruas, entre outros, as representações arquitetônicas são a maneira como o imaginário da cidade se materializa. Por meio das construções, os sonhos, desejos e necessidades da modernidade se realizam. Ainda, se a arquitetura é uma forma de expressão de uma sociedade, a partir de estudos sobre as representações do imaginário pode-se traduzir símbolos e valores dessa sociedade em determinado espaço e tempo.

As estruturas arquitetônicas podem ser consideradas uma parcela indissociável do espaço urbano, ou seja, têm capacidade de agir como “[...] fator de grande importância para o estudo das transformações ocorridas na paisagem das cidades, e, por consequência, na formação e análise do imaginário social” (WILKOSZYNSKI, 2006, p. 37). Além disso, a arquitetura opera como agente das transformações urbanas, passível de leituras e interpretações pela ótica do imaginário.

La Rocca (2018, p. 30) compara, em termos de sentidos, a relação entre homem e arquitetura com a de um corpo de um homem com o de uma mulher, “[...] nós apreciamos a sinuosidade de suas formas, o elevaremos a ícone de beleza, o idealizaremos, o mitificaremos”. As representações arquitetônicas de uma cidade alimentam a sensação visual, e, conseqüentemente, a criação de imagens. Perante a uma obra arquitetônica, a admiração do indivíduo é de uma ordem semelhante à qual ele experimenta diante de um corpo humano.

Em suma, a arquitetura consiste em um elemento essencial para a compreensão da climatologia de uma cidade, assim como na construção de sentidos que nutrem o imaginário. Segundo La Rocca (2018), ela é responsável por organizar de maneira perceptível os diferentes espaços, além de constituir os traços simbólicos das experiências ali vividas pelos indivíduos. Ainda, atua como cenário de sonhos, deambulações, devaneios, desejos e de derivas psicogeográficas elaboradas como mapas mentais. Além da arquitetura, outros aspectos presentes no dia a dia da cidade devem ser considerados, entre eles, o som, que será discutido a seguir.

2.1.2 Sentidos sonoros

O som é primordial na revelação da magia relativa à experiência sensorial de um espaço vivido. Para La Rocca (2018), com intermédio da sonorização, por meio de dispositivos e instalações sonoras nas localidades urbanas, é possível “tocar” o espaço da cidade. O imaginário alimentado pelo som, em ambientes específicos, gera a participação afetiva coletiva e intimidade com o local, pois os sentidos auditivos têm capacidade de “[...] distender e contrair, de expandir e suspender, e condensar e deslocar aqueles acentos que acompanham todas as percepções” (WISNIK, 1989, p. 29).

Embora se tenha a impressão de que o imaginário está mais próximo dos sentidos visuais do que dos sentidos auditivos, Wisnik (1989) complementa que o elemento sonoro é essencial para a concretização da representação de imaginários. O som, com sua subjetividade, tem capacidade de fazer transcender todas as percepções da realidade, e toca o indivíduo com precisão, mesmo que não possa ser tocado diretamente. “As suas propriedades ditas dinâmogênicas tornam-se, assim, demoníacas (o seu poder, invasivo e às vezes incontrollável, é envolvente, apaixonante e aterrorizante)” (WISNIK, 1989, p. 18).

O som, segundo Wisnik (1989, p. 30), é um dos objetos mais diferenciados que povoam o imaginário, visto que é invisível e impalpável. O meio que o constitui “[...] escapa à esfera

tangível e se presta à identificação com uma outra ordem do real”, pois o som é mediador entre o mundo material e o mundo espiritual e invisível.

Quando uma criança ainda não aprendeu a falar, mas já percebeu que a linguagem significa, a voz da mãe, com suas melodias e seus toques, é pura música, ou é aquilo que depois continuaremos para sempre a ouvir na música: uma linguagem em que se percebe o horizonte de um sentido que, no entanto, não se discrimina em sentidos isolados, mas que só se intui como uma globalidade em perpétuo recuo, não verbal, intraduzível, mas à sua maneira, transparente (WISNIK, 1989, p. 30).

De maneira geral, o mundo de hoje produz um universo de dispositivos que moldam o olhar e o imaginário a partir da sonorização e, ainda, dentre outros sentidos, de um dilúvio de imagens, fundado especialmente com base no visual. No tópico posterior, será aprofundado esse aspecto, que é um dos traços característicos da climatologia urbana.

2.1.3 Estímulos visuais

Ao pensar em cidade, desenvolve-se de maneira automática e natural na mente do indivíduo uma seleção de imagens que criam uma “imagem da cidade”. Essa proliferação, de ordem visível e sensível, é oriunda de diferentes estímulos visuais que saturam o percurso da visão. Dentre eles, destacam-se as luzes, os grafites, os cartazes publicitários, entre outros (LA ROCCA, 2018).

Conforme La Rocca (2018, p. 166), [...] cada suporte urbano se torna uma ferramenta de expressão, a disponibilização de um sistema de produção e de reprodução, de criação e de recriação de imagens”. Esses sinais, de todos os tipos, formam uma unidade simbólica que, primordialmente, por meio da visão, alimentarão o imaginário da cidade.

La Rocca (2018) complementa que, devido a essa gama de sinais, muitas vezes, forma-se uma sensação de que a cidade não poderia existir sem ser invadida por essa proliferação de imagens, que estimulam a solicitação visual e as percepções dos momentos vividos. Ainda, destaca que todos esses estímulos são utilizados para desenvolver estratégias operativas, processos de comunicação que possibilitam o manejo da chamada *City Branding*. É necessário, nesse sentido, entender esse conjunto de técnicas como uma forma de direcionamento do olhar, “[...] com a intenção de produzir um determinado sentido por meio de uma semiótica visual. Esta última se revela como uma marca das cidades” (LA ROCCA, 2018, p. 166).

Em suma, La Rocca (2018, p. 167) salienta que, na atualidade, é comum encontrar códigos visuais que chamam a atenção dos sujeitos, que indicam um caminho, especialmente em termos turísticos. “Uma abordagem quase cenográfica da cidade em imagem, ou da imagem

na cidade, se instaura, levando em conta a solicitação da visão na criação do imaginário coletivo,” que está presente e toma forma no ato de descoberta da cidade, ou da simples imersão em seus diferentes espaços.

Deve-se salientar ainda que, atualmente, as imagens capturadas pela visão podem ser reproduzidas de forma tecnológica e digital, o que as tornam possíveis de serem circuladas e acumuladas de maneira instantânea. De acordo com La Rocca (2018), nos espaços do vivido está em curso uma polifonia visual que estrutura a mediação estética entre a cidade e o indivíduo, e que, por meio dos diferentes dispositivos, pode ser facilmente propagada para os demais.

Conforme La Rocca (2018), o imaginário alimentado pela articulação entre os sentidos sonoros e os estímulos visuais, agora apresentados, tem a capacidade de transportar o sujeito para além do universo apresentado, assim como nos superlugares.

2.1.4 Os Superlugares

Atualmente, com o crescimento de sociedades mais consumistas, bem como com o desenvolvimento tecnológico exacerbado, as cidades estão sendo afetadas cada vez mais por transmutações, que contaminam todo o conjunto da geografia urbana. A partir disso, expressões surgem a fim de abranger essa nova configuração, entre elas, destaca-se o conceito de “superlugar”, nome criado com o prefixo “super”, com o intuito de demonstrar o excesso e a excepcionalidade dessas localidades. Para esses tipos de espaços, também são utilizadas outras denominações, como “cidade da moda”, “cidade do design”, entre outros. “Esses lugares são, assim, concebidos na forma de estruturas temáticas que orientam os estilos, os gostos e os comportamentos dos indivíduos” (LA ROCCA, 2018. p. 63).

Os superlugares, caracterizados por oferecerem entretenimento tanto para adultos quanto para crianças, atuam como ímãs, devido à quantidade de elementos de forte atração psicofísica presentes nos seus espaços, como luzes, mercadorias, telas etc. Os indivíduos são levados a esses locais magnetizados a partir do desejo de consumir não somente objetos, mas também desejos, pulsões e sonhos. Com o objetivo de ter momentos de frenesis felizes, unem-se ao contorno de festas, jogos e todos os tipos de atrações que são “[...] um sinal efêmero da diversão que conota e acompanha a imersão espacial” (LA ROCCA, 2018, p. 66).

La Rocca (2018) complementa que o efeito de penetração dessas megaestruturas remete ao instante proporcionado ao sujeito diante de uma paisagem da fantasia de “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll (1865).

Um maravilhamento moldando uma espécie de orinopolis: concretização de um imaginário do sono, da fantasmagoria, da atração, que encontra expressão na artificialidade dessas estruturas, reproduzindo um distrito multifuncional de lazer e de comércio (LA ROCCA, 2018, p. 69).

Os superlugares podem ser vistos como epicentros das experiências, que, como será abordado no próximo capítulo, são buscadas pela necessidade do indivíduo em exteriorizar sua presença ao mundo. Segundo La Rocca (2018), em todos os locais acontece alguma coisa, no entanto, nos superlugares, ocorrem verdadeiros espetáculos, que ativam a esfera sensória e emocional do sujeito em busca de experiências excitantes, que podem ser definidos como a “arquitetura do desejo”, ou mesmo, na trilha de Baudrillard, como um “espelho da produção” e da simulação dos sinais e dos objetos. A partir dessas atrações, o indivíduo vive sua experiência no mundo como uma cena de teatro, gozando dos sentidos oculares, assim como dos táteis, tanto em relação ao espaço quanto em sua conexão com o outro.

Nesse sentido, assim como apresentado por Debord, que afirma que a sociedade está cada vez mais se tornando um grande “espetáculo”, La Rocca (2016), salienta que uma das principais características das cidades pós-modernas é a espetacularização das formas. No caso dos superlugares, surge a cidade do espetáculo, que, a partir das suas atrações, torna o indivíduo um protagonista ao mesmo tempo que um espectador do evento, do lugar. Contudo, é necessário salientar ainda que essas megaestruturas não devem ser vistas unicamente como locais de usos imediatos, transitórios, de fácil circulação, mas sim como práticas vividas com intensidade, espaços tanto mentais quanto físicos, que começam a elaborar uma história.

Em suma, com a expansão cada vez maior dos superlugares, é necessário, para entender os fatores de transformação urbana e o imaginário coletivo, ir além das críticas contra o capitalismo e a mercadoria. Segundo La Rocca (2018, p. 75), esses locais tendem a aniquilar as margens territoriais, além de transformar o rosto da cidade, sua pele arquitetônica e criar “[...] diversas formas de apreensão do espaço cada vez mais vivido na mobilidade”.

Outro conceito que relaciona-se às mudanças urbanas contemporâneas e a construção do imaginário das cidades é o de “Hype City”, que será apresentado em seguida.

2.1.5 Conceito de *Hype City*

Hoje em dia, os espaços urbanos ofertam uma variedade de fenômenos que dinamizam a cidade e formam seu estado de espírito, que impregna e proporciona diversas conexões e pluralidade de interações espaciais aos indivíduos. São oferecidas uma variedade de

oportunidades, uma gama de situações de divertimento para realizar os desejos dos sujeitos ali estabelecidos.

A cidade, por meio de seus diversos agentes, produz ambiências, cria momentos, lugares de encontro e de reuniões para responder às expectativas e satisfazer a necessidade de expressão dos indivíduos. O jogo, a arte, o espetáculo, o festivo e, mais amplamente, o eventual, que contém todos esses elementos, permitem, de certa maneira, uma catarse, logo, a liberação das pulsões por meio da representação simbólica das paixões (LA ROCCA, 2018, p. 94).

Nessa direção, surge o conceito de “*Hype City*”, um *modus operandi* que, assim como um *modus vivendi*, fundamentalmente está vinculado às tendências de moda. A palavra em inglês “*Hype*” é utilizada para se referir ao que está sendo muito repercutido, no auge, chamado a atenção dos sujeitos. Assim, esse termo é empregado para se referir aos espaços em evidência que produzem eventos que se relacionam com a dimensão lúdica da existência humana, bem como com a capacidade de satisfazer os desejos do espírito festivo dos indivíduos. “Numa concepção heideggeriana, é um elemento essencial de nosso “modo de estar no mundo” (LA ROCCA, 2018, p. 97).

A chamada *Hype City* produz modas e se torna uma, assim como desenvolve eventos e se transforma em um também. De acordo com La Rocca (2018), o intuito dessas cidades é propagar em suas atrações, por meio de uma multidão, um efeito de transe coletiva, originando uma liberação comum de energia, tanto física quanto mental. Seus eventos, assim como um simulacro, se repetem, são copiados e se reproduzem em diversas facetas lúdicas, que são, cada vez mais, levadas em consideração no contexto do desenvolvimento do chamado *City Marketing*. Esse processo comunicacional tende à valorização de alguns contextos urbanos com a finalidade de atrair os consumidores de emoções. Nesse sentido, na tentativa de busca pelos sujeitos interessados por instantes de prazer, sentimentos e experiências vividas, são fabricadas imagens de um território festivo, fantasmagórico e/ou fantástico.

Ainda, La Rocca (2018, p. 107) salienta que a imersão nas diferentes situações lúdicas nas cidades relaciona-se diretamente com as análises de Benjamin sobre o “[...] surgimento da metrópole moderna no século XIX, com seu aparato de distrações fantásticas que seduzem cada vez mais as massas urbanas.” Essas distrações são, cada vez mais, relacionadas com o uso de dispositivos digitais, que será debatido na sequência.

2.1.6 Uso de dispositivos digitais como próteses do ambiente

O território urbano não é mais vivido em uma dupla relação, que constitui-se pela separação entre o espaço físico e o espaço da *web*. Atualmente, essa vinculação torna-se mais confusa, se dá de maneira única, entrelaçada, sem fronteiras e barreiras. As tecnologias da informação e da comunicação passam a ser próteses do ambiente da cidade, participando da construção da significação do espaço e da forma de habitar esse mesmo espaço. A simples presença de um computador ou de um telefone celular torna-se testemunho da intensidade das modificações do vivido (LA ROCCA, 2018).

O conjunto das relações existentes entre o sujeito e o meio é modificado pelo homem devido às implantações tecnológicas que permitem uma reconfiguração da experiência de habitar os espaços. A tecnologia não somente integra-se ao ambiente da cidade, como também é responsável por aumentar a experiência do indivíduo nessa localidade. “Ela se orienta e influencia a mobilidade e, conseqüentemente, influencia o homem nas suas identificações espaciais” (LA ROCCA, 2018, p. 221).

Os trajetos percorridos nas cidades, atrelados à instantaneidade gerada pelos dispositivos digitais, transforma os contextos e causa um aumento da experiência espacial e existencial. Aliados à facilidade de conexão à internet, segundo La Rocca (2018, p. 227), os aparatos de comunicação impulsionam novas significações do espaço, onde “[...] cada canto, seja um banco, um muro ou escadas, se torna uma implantação física que substitui os lugares habituais do escritório ou de nossas casas”. Como extensões do corpo, as tecnologias tornam-se companheiros de viagem, instalando-se no imaginário e participando da relação do indivíduo com o espaço.

Nessa perspectiva, considerando a diversidade dos elementos tecnológicos, torna-se necessário adaptar as diferentes concepções referentes à transfiguração do espaço. Os dispositivos de comunicação têm a capacidade de modificar um conjunto de características culturais, arquitetônicas, sociais, entre outros, e, por esse motivo, a fim de dar conta da atualidade do cotidiano, deve-se compreender que essa variedade tecnológica é capaz de criar “outra” imagem da territorialidade (LA ROCCA, 2018).

La Rocca (2018) complementa que, devido à infiltração das tecnologias, o imaginário contemporâneo se inscreve e é vivido também nos diversos espaços da internet. Hoje, é possível considerar a *web* como um local verdadeiramente habitado, que se concebe como um dos fatores obrigatórios da renovação da imagem do espaço urbano contemporâneo. A visão da cidade é alterada com o crescimento da proposta metafórica de *Second City* – uma segunda cidade –

“[...] nutrida pela tecnologia, pelos experimentos, pelas práticas e pelas aplicações mostradas no ciberespaço com uma transposição urbana” (LA ROCCA, 2018, p. 244).

Ainda, em virtude das novas tecnologias, manifesta-se, cada vez mais, uma espacialidade instantânea, plural, amplificada, versátil e interativa, abandonando-se assim, a ideia de uma cidade estática, somente funcional. Além disso, segundo La Rocca (2018), tal como os pensamentos de McLuhan, os aparatos tecnológicos atuam como extensões dos corpos e dos modos de habitar, o que afeta diretamente nas relações entre os sentidos e as estruturas da percepção.

Em suma, La Rocca (2018) comenta que a tecnologia, com seus impactos nos territórios, constitui-se como um elemento primordial para fundar um olhar atento sobre a contemporaneidade das cidades e sobre o presente da sociedade como um todo. Os processos tecnológicos, tão presentes no vivido contemporâneo, oferecem uma variedade de informações sobre as localidades, dirigindo a atenção para as diferentes mutações ocorridas nos espaços e nas práticas cotidianas.

Hoje, dentre os diferentes municípios do Rio Grande do Sul, destaca-se Gramado, que utiliza elementos que alimentam o imaginário para se relacionar com os diferentes públicos, como moradores e turistas. Em seguida, será apresentada informações sobre o município, seu contexto histórico, assim como a produção de sentidos atribuída.

2.2 A CIDADE DE GRAMADO/RS

Gramado localiza-se na Serra Gaúcha, no extremo sul do Brasil. Faz divisa com Caxias do Sul ao norte, Três Coroas ao sul, Canela a leste e Nova Petrópolis a oeste. Seu principal acesso se dá por meio da RS-115, embora também seja atendida pelas rodovias RS-235 e RS-373. Sua área estimada é de 237,019 quilômetros quadrados e sua população de 36.555 pessoas, segundo dados do *IBGE* de 2020 (GRAMADO, [2020]).

A localização geográfica de Gramado, a 830m de altitude, confere-lhe paisagens acidentadas e um clima úmido e temperado, com regime definido de chuvas, assim como de estações. No verão, prevalece uma temperatura amena, em torno de 22 °C, com alguns dias mais quentes, mas com noites agradáveis. Já no inverno, predominam as temperaturas mais baixas, às vezes menores que 0 °C, com geadas frequentes e alguns episódios de neve (VARGAS; GASTAL, 2015).

A cidade de Gramado pertence à Região das Hortênsias, território formado também por Canela, Nova Petrópolis e São Francisco de Paula. Dentre os municípios do local, o que mais

se destaca é Gramado (AS 15 CIDADES..., 2018), pois, para se promover, além de sua beleza natural, gastronomia, arquitetura, entre outros, explora a realização de eventos em um calendário extenso durante todo o ano.

Ainda, nos últimos anos, conforme o site oficial da Prefeitura de Gramado, a cidade tem se dedicado também à inovação e à sustentabilidade, a partir dos conceitos de *Senseable City* – ou Cidade Sensível. Com a construção do Programa Gramado Cidade InteliGENTE, utilizando ferramentas tecnológicas, o município visa desenvolver cada vez mais um ambiente propício para a implementação de vários projetos que facilitem a vida dos seus diferentes públicos.

Segundo Dorneles (2001), entender a história da cidade não significa atentar-se apenas aos fatos do passado, mas concebê-los como parte de um processo de seleção e (re)significação de acontecimentos por aqueles que a contam. Por esse motivo, na sequência, será abordada a história do município de Gramado, e, posteriormente, apresentados os sentidos atribuídos ao local.

2.2.1 Contexto histórico

Conforme registros históricos, Gramado começou a se constituir como cidade em torno de 1875, a partir da instalação de famílias luso-açorianas no território, que era originalmente ocupado por indígenas. Os novos moradores exerciam atividades associadas ao tropeirismo, o que originou, mais tarde, o nome da cidade, que se refere a um gramado, próximo a um riacho, que servia de área de descanso para tropeiros em trânsito pela região (VARGAS; GASTAL, 2015).

Nos anos seguintes, de acordo com Vargas e Gastal (2015), os europeus vindos da Península Itálica se estabeleceram no interior do município como produtores rurais. Os germânicos, de maneira especial aqueles já residentes desde as décadas iniciais do século XIX na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, chegaram a Gramado apenas anos mais tarde, já no início do século XX, adotando a cidade como local de segunda residência. De maneira geral, essa miscigenação refletirá, posteriormente, na construção dos eventos, na cultura, nos costumes etc.

No mesmo período, Griebeler, Berti e Júnior (2017) salientam que, por meio do ato Municipal nº 72, Gramado passou à condição de 5º Distrito de Taquara, com sede na Linha Nova. Nos anos posteriores, a cidade começou a se desenvolver economicamente, especialmente por meio da hotelaria, após a chegada do trem à localidade, em 1921. Henrique Bertolucci foi o responsável por abrir o primeiro hotel de Gramado, que levou seu próprio nome.

As instalações limitavam-se a duas camas de ferro e duas camas de lona. Mais tarde, foram construídos também os hotéis Candiago e Sperb. Conforme Dorneles (2001, p. 47), [...] “as reservas eram feitas com muita antecedência via correio, sendo que cada hoteleiro enviava à estação de trem meninas com um “quepe” na cabeça onde lia-se o nome do hotel”.

Na década seguinte, o cenário próspero fez emergir o loteamento Vila Planalto que, sob a direção de Leopoldo Rosenfeldt, tinha o objetivo no turismo de segunda residência. Para qualificar o espaço, foram plantados xaxins, araucárias, ciprestes e azaleias no local, além de construída uma praia de areia para que os turistas pudessem pegar sol. Para divulgar o empreendimento foi criado “[...] o primeiro roteiro turístico da cidade, denominado: Gramado, maravilha do Veraneio” (VARGAS; GASTAL, 2015, p. 77).

Nos anos posteriores, a cidade de Gramado beneficiou-se, cada vez mais, pelas facilidades proporcionadas pelo trem, contrapostas à dificuldade de acesso a outros pontos do Estado, como ao litoral ou às estâncias termais no Norte. A metade do século XX esteve marcada pela expansão da cidade e a presença do turismo, além da construção de novos loteamentos no município, atraindo a atenção de investidores imobiliários (GRIEBELER; BERTI; JÚNIOR, 2017).

Todavia, de acordo com Vargas e Gastal (2015), é necessário destacar que a trajetória de Gramado não foi constituída apenas de momentos de sucesso. Entre os anos de 1920 e 1950, a estrada de ferro, que ligava os municípios de Taquara e Canela, auxiliou diretamente no desenvolvimento da região. No entanto, posteriormente, ocorreu a desativação da linha férrea, prejudicando, dessa forma, os municípios.

Ainda, a partir da década de 50, as praias começaram a ser loteadas e, com isso, houve o retorno do litoral como principal destino para os veranistas. Com isso, a preocupação das autoridades de Gramado em relação a possíveis formas de atrair o público novamente para a cidade aumentou. Há uma mobilização da comunidade para alterar tal cenário, que se dá, primeiramente, na busca pelo reconhecimento de Gramado como município, que acontece em 1954 (DORNELES, 2001).

Daros e Barroso (2000) salientam que, segundo relatos locais, a partir da emancipação política do município, o desenvolvimento do turismo na cidade foi impulsionado por ações de empreendedores locais, especialmente voltados para produção e comercialização de chocolate, e por um programa de realização de eventos, construído a partir da parceria entre o poder público, a iniciativa privada e a comunidade gramadense. A estratégia em empregar os eventos para atrair os turistas se deu, primeiramente, a partir da dificuldade encontrada diante da

sazonalidade, pois, nessa época, as praias eram a primeira opção dos veranistas nos meses mais quentes.

Nesse sentido, o prefeito da época, Walter Bertolucci, desenvolveu, em 1958, a primeira edição da “Festa das Hortênsias”. Para Dorneles (2001), o evento, marcado pela presença da imprensa, foi considerado o precursor da promoção de Gramado. Nos anos posteriores, os investimentos foram crescendo, propiciando também a criação do Festival de Cinema de Gramado, que mesmo se dirigindo a um público específico, tinha alto poder de repercussão na mídia, e o Natal Luz, que será aprofundado no próximo capítulo (VARGAS; GASTAL, 2015).

Nas décadas seguintes, a localidade colonial cresceu, atraindo veranistas motivados por participar dos eventos, pela qualidade paisagística e pelo clima ameno da cidade, considerado, na época, como propício à saúde e ao tratamento de doenças respiratórias. Os cronistas registram que os “[...] efeitos benéficos se tornaram conhecidos e o fluxo de pessoas de cidades grandes se tornou intenso, marcando a presença de um tipo especial de população” (DAROS; BARROSO, 2000, p. 26).

A produção de sentidos atrelada ao município de Gramado, segundo Dorneles (2001), alimentou-se, ao longo dos anos, por meio da mídia e da elaboração de eventos. No tópico a seguir, essa construção será abordada de maneira mais profunda.

2.2.2 Gramado/RS e a produção de sentidos

Gramado é considerado, cada vez mais, um destino turístico modelo por uma soma de fatores e sentidos que são atribuídos ao imaginário da cidade. “Não é uma coisa só, não é uma cascata, é um conjunto” (AZAMBUJA; MECCA, 2017, p. 10). Conforme apresentado por Dorneles (2001), a sensação transmitida aos sujeitos, muitas vezes, ao se pensar na localidade, é de que Gramado é uma criação, uma cidade montada, diferente de qualquer outro espaço. Além disso, pode ser vista como uma “cidade de bonecas”, de ficção científica, ou como uma ilha da fantasia.

Azambuja e Mecca (2017) salientam que outros sentidos atribuídos ao município são atrelados ao clima, considerado mais agradável para que os sujeitos possam aproveitar os parques locais, restaurantes, lojas a céu aberto etc. Dorneles (2001), por outro lado, destaca que Gramado faz uso de suas temperaturas mais baixas para promover o personagem do Papai Noel, figura mitológica associada ao frio, à neve e ao hemisfério norte. Ademais, características relacionadas à organização e à segurança da cidade também devem ser frisadas, além do ambiente arborizado, florido e romântico emanado nos diferentes espaços do território.

Ainda, Dorneles (2001) comenta que, nos produtos vendidos, assim como na decoração da cidade, é possível facilmente encontrar imagens de personagens do universo infantil, como bonecas de porcelana, ursos de pelúcia e objetos em miniatura, que nutrem o imaginário da cidade.

É comum também, nesse sentido, encontrar em algumas lojas de venda de chocolate, bonecos feitos com esse produto como: gnomos, duendes, branca de neve, coelhos, além do próprio Papai Noel sempre presente nas vitrinas intensificado bem mais no período do Natal (DORNELES, 2001, p. 40).

De acordo com Dorneles (2001), é necessário compreender ainda que os imigrantes, especialmente italianos e alemães que se estabeleceram no município desde o século XIX, trouxeram particularidades étnicas que são reforçadas constantemente no imaginário social da cidade. Essas características, de certa maneira, estão diretamente relacionadas com o turismo praticado em Gramado, bem como com sua história. Sobre isso, Dorneles (2001) complementa que a imagem que se constrói da localidade privilegia a descendência étnica do local, como pode-se perceber, por exemplo, no caso do evento Natal Luz, que será abordado posteriormente.

Para Dorneles (2001), a principal ferramenta utilizada pela cidade para se relacionar com os diferentes públicos foi o uso de elementos que compõem o imaginário brasileiro, tendo como exemplo aqueles que consistem no mito de se viver um “estilo europeu”. É possível encontrar os sujeitos “[...] comprando camisetas, moletons, bonés, muitos destes com a seguinte frase escrita: Gramado naturalmente europeia” (DORNELES, 2001, p. 30).

Os processos simbolicamente atrelados a Gramado tornam-se diferenciais quando contrapostos com os sentidos de cunho nacional. Segundo Dorneles (2001), Gramado parece pertencer à Europa,

[...] porque está em contraste com o que seria comumente identificado como Brasil, mas, ao mesmo tempo, faz parte desse país. A diferenciação de Gramado se dá em contraposição ao Brasil, é isso que dá destaque, é o particular ou regional, que se opõe ao todo (DORNELES, 2001, p. 44).

O município também alimenta esse imaginário a partir de suas escolhas arquitetônicas, com o uso de materiais naturais, como pedra e madeira, e do estilo bávaro, além de outras ramificações da arquitetura germânica, como o enxaimel. Azambuja e Mecca (2017) completam que, além da cidade de Gramado estar vinculada ao imaginário de um lugar não brasileiro e de europeização, especialmente com seus projetos arquitetônicos, ainda é associada ao imaginário de “disneyficação”. Por meio de seus parques, eventos etc., que, conforme

Luciano Peccin (2018), criador do Natal Luz, foram inspirados diretamente no Walt Disney World Resort. No próximo capítulo, serão apresentados os eventos, de maneira especial, o Natal Luz, e sua relação com os sujeitos, por meio da experiência proporcionada.

3 OS EVENTOS E A EXPERIÊNCIA

Hoje, os eventos, que anteriormente eram considerados apenas celebrações ou exacerbações de uma dada festividade, passam a ser vistos como maneiras de lazer e entretenimento, destinados à produção de experiências. Ao serem comparados com as demais ações comunicacionais, os eventos mostram-se, cada vez mais, capazes de impactar de modo muito eficiente os diferentes públicos pretendidos. Além disso, tendem a apresentar retornos mais positivos e de forma mais duradoura (CZAJKOWSKI; CZAJKOWSKI JÚNIOR, 2017).

De acordo com Getz (2004), os eventos tornaram-se mais eficientes à medida que, por intermédio da singularidade, passaram a oferecer experiências únicas, impactando o dia a dia dos sujeitos. Essa característica tornou possível a formação de um verdadeiro espírito festivo, capaz de maximizar a autenticidade, as tradições e as interações entre os indivíduos. Conforme Bladen *et al.* (2012 *apud* FERREIRA, 2018), os impactos dos eventos nos sujeitos e na sociedade podem ser separados em três categorias distintas, são elas: impactos organizacionais, impactos externos e impactos pessoais. Os organizacionais referem-se aos resultados financeiros, nos recursos humanos, na capacidade organizacional e no marketing. Já os externos são as interações entre a indústria do setor, a economia, o ambiente, a sociedade e a cultura. Por outro lado, os pessoais são aqueles relacionados à felicidade/infelicidade, satisfação/insatisfação, expectativas atendidas ou não dos sujeitos participantes, por meio da experiência oferecida.

A experiência proporcionada pelos eventos é uma combinação de componentes criados e planejados de forma consciente. Dentre as diferentes características desse tipo de vivência, destaca-se o caráter de novidade, o envolvimento no consumo e a mudança no conhecimento, na memória e nas emoções do sujeito participante. Ainda, salienta-se a produção de sensações físicas, pessoais e espirituais, além do cunho singular, considerando que a experiência do indivíduo em um evento interage com seu estado interior (MARUJO, 2014).

Nesse sentido, entende-se que os eventos, “[...] dentro de uma leitura macro, ocuparão espaços cada vez maiores nos meios acadêmicos, empresariais e promocionais, pois se mostram habilitados a criar experiências únicas e marcantes” (CZAJKOWSKI; CZAJKOWSKI JÚNIOR, 2017, p. 14). Essas práticas que serão apresentadas em seguida, como desdobramentos de estratégias de comunicação, estão cada vez mais em evidência, tanto pela sua relevância em termos econômicos quanto pela sua capacidade de possibilitar experiências.

3.1 OS EVENTOS

Os eventos são acontecimentos criados e planejados, de acordo com Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017), para proporcionar experiências de cunho cultural, social ou corporativo, a fim de atender às necessidades específicas de determinada ocasião e público, podendo apresentar fins mercadológicos ou não. Andrade (2007) complementa que os eventos são atividades capazes de alterar dinâmicas econômicas, bem como de valorizar características dos locais-sedes. Ainda, atendem intrinsecamente às exigências do mercado, em matéria de entretenimento, lazer, conhecimento, entre outras motivações.

Conforme Getz (2004), os eventos podem ser vistos como acontecimentos, incidentes ou experiências, que costumam ter uma duração fixa e ser divulgados com antecedência, com aquilo que os torna únicos, como o programa, o ambiente e as pessoas. Vieira (2015) comenta, por outro lado, que esse tipo de atividade se trata de uma ocorrência efêmera promovida por qualquer tipo de empresa, organismo e instituição, organizada para comemorar uma data, para divertimento dos participantes ou por qualquer outro motivo. Pode-se referir a algo simples e de fácil planejamento ou de grande complexidade e organização. No caso do Natal Luz, por exemplo, Luciano Peccin (2018) salienta que os preparativos começam, todos os anos, pelo menos 6 meses antes da data de início do evento.

Melo Neto (2012) comenta que os eventos são estratégias de comunicação que podem ser utilizadas para a promoção de produtos, serviços, imagens, localidades, marcas etc. Trata-se de acontecimentos planejados, realizados em um espaço de tempo e que possibilitam a aproximação entre os participantes, permitindo a ampliação da vida social e pública dos indivíduos. Além disso, são capazes de mobilizar a opinião pública, de elaborar conceitos, criar fatos, gerar polêmicas e despertar emoções nas pessoas.

Existem autores que defendem que o surgimento dos eventos ocorreu ainda na pré-história, “[...] pois acreditam que a prática e a estrutura dos atos das comemorações e dos rituais religiosos realizados pelos homens primitivos já se caracterizavam como eventos” (CZAJKOWSKI; CZAJKOWSKI JÚNIOR, 2017, p. 54). No entanto, outros autores salientam que essa origem se deu apenas posteriormente, com a Santa Ceia como a primeira grande festividade planejada da história.

Mais tarde, na Idade Antiga (776 a. C.), representando o surgimento da atividade do turismo de eventos, surgiram os Jogos Olímpicos, na Grécia, responsáveis pelo primeiro calendário de competições esportivas. Seguidamente, em 500 a.C., foi instituída a Festa Saturnália, também conhecida como Festa de Saturno, considerada precursora do Carnaval

devido ao seu caráter de inversão da ordem social (CZAJKOWSKI; CZAJKOWSKI JÚNIOR, 2017).

Na sequência, segundo Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017), em 337 a.C., em Corinto, o primeiro evento designado como congresso teve seu aparecimento, com a reunião de delegados das cidades gregas para eleger Felipe como general da guerra contra a Pérsia. Posteriormente, como a última atividade do tipo da Idade Antiga, teve início a Conferência de Luca, reconciliando dois rivais: Pompeu e Crasso.

A partir disso, começaram a se desenvolver estruturas e locais destinados à realização da atividade além do espírito de hospitalidade nos anfitriões. Nos anos posteriores, de acordo com Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017), já no início da Idade Média, os eventos religiosos, como concílios e representações teatrais, tiveram seu auge. Os eventos comerciais passaram também a ter papel importante, com a adaptação de espaços distintos para atender feiras e exposições.

Posteriormente, na Idade Moderna, no ano de 1681, foi realizado o primeiro congresso científico do mundo, o Congresso de Medicina Geral, em Roma. Na sequência, surgiram os eventos técnicos, como o Congresso de Viena, em 1815. Mais tarde, em 1930, no Uruguai, aconteceu a primeira edição da Copa do Mundo, de responsabilidade da Federação Internacional de Futebol (FIFA). A competição é considerada até hoje um dos principais eventos mundiais, envolvendo fatores econômicos e políticos de diversos países (CZAJKOWSKI; CZAJKOWSKI JÚNIOR, 2017).

Em termos de Brasil, os registros de atividades relacionadas a eventos são anteriores à chegada da família real portuguesa, com a preparação das feiras comerciais. Seguidamente, em 1840, conforme Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017), foi feita a primeira celebração brasileira realizada em um espaço específico para a atividade, o Baile de Carnaval. Alguns anos mais tarde, em 1861, ocorreu a primeira Exposição Nacional. Todavia, a estruturação de espaços destinados ao setor e ao desenvolvimento do turismo de eventos no país se deu apenas depois, na Exposição Internacional do Centenário, no Rio de Janeiro, em 1922, em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil (CZAJKOWSKI; CZAJKOWSKI JÚNIOR, 2017).

A partir da segunda metade do século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, os eventos começaram a ter destaque no Brasil. Organizações destinadas a planejar, coordenar e prestar todo suporte necessário a essa prática começaram a se formar. Foi nesse período que a atividade também passou a ser parte importante do planejamento social e econômico de Gramado, com a primeira edição da Festa das Hortênsias, em 1958, do Festival

de Cinema, em 1973, e do Natal Luz, em 1986, cuja história será apresentada ainda neste capítulo.

O Brasil realiza nos dias de hoje uma quantidade significativa de eventos, além de ter espaços apropriados e específicos para a atividade, bem como entidades organizadoras e associações. Coutinho e Coutinho (2007) enfatizam que a prática tem sido utilizada para alavancar economicamente regiões, cidades e bairros em todo país. Conforme o Presidente do Fórum dos *Convention & Visitors Bureau*, Roberto Gheler, a realização de eventos no Brasil tem gerado cerca de R\$37 milhões (3,1% do PIB Nacional) ao ano e R\$4,2 milhões em impostos.

Para Melo Neto (2012), os eventos, na condição de ferramentas de comunicação, adquirem uma condição de importância tão grande na atual sociedade que, conforme o autor, estaria em formação aquilo que ele denomina de sociedade de eventos. Nela, as atividades realizadas pelo setor serão vistos como uma nova maneira de relacionamento, com capacidade de fortalecer o posicionamento das pessoas, empresas e, especialmente, localidades, perante seus vários *stakeholders*.

Segundo Andrade (2007), os eventos têm potencial de disseminar informações consideradas relevantes sobre dado território, permitindo que novos investimentos, tanto públicos quanto privados, sejam feitos. Com isso, torna-se possível promover o empreendedorismo local, com base no estímulo a novos negócios e favorecer a oferta de atividades vinculadas ao lazer e ao entretenimento, culminando em novos estabelecimentos, ou, ainda, com o aprimoramento dos já existentes.

Complementarmente, para Vieira (2015), tanto na atualidade quanto nos anos anteriores, a vida de todo indivíduo sempre foi marcada por eventos naturais ou organizados, públicos ou privados, ligados ou não à atividade profissional ou à vida pessoal ou coletiva, pois “[...] todos os dias se realizam eventos com a mais diversa finalidade como o lançamento de um novo produto, um congresso associativo, uma convenção empresarial, um jogo de futebol, uma festa de fim de curso, uma festa religiosa ou um concerto de música clássica ou ligeira” (VIEIRA, 2015, p. 17). Entretanto, a partir de novas inovações, o setor evoluiu, transformando a atividade em uma prática econômica distinta, com grande expansão universal, diversificada em caráter dos inúmeros tipos de eventos, exercida por profissionais especializados e com marcante influência no desenvolvimento das sociedades em nível local, regional e nacional.

Nessa direção, considerando a importância cada vez maior dos eventos nas sociedades atuais, os estudos sobre a temática, assim como o planejamento e a organização da atividade, tornam-se fundamentais. Nesses processos, o profissional de relações públicas tem papel

relevante, visto que, de modo estratégico, é capaz de direcionar o andamento das festividades aos resultados propostos, de forma mais assertiva, eficaz e eficiente.

Além do planejamento e da organização, de acordo com Getz (2004), a etapa de avaliação também é importante, pois trata-se de uma maneira de melhorar a gestão do evento no futuro. Nessa fase, o relações públicas pode avaliar se a atividade necessita ser modificada para as próximas edições, se agradou os públicos pretendidos e se alcançou os objetivos propostos, tanto em caráter econômico quanto de prestígio. No caso do Natal Luz, segundo Luciano Peccin (2018), são realizadas avaliações no final de cada edição do evento. No vigésimo quinto ano, por exemplo, 93% dos participantes da festividade a avaliaram como “Ótima” e a celebração passou, devido aos seus resultados, a ser autossuficiente em termos financeiros.

Ainda, é necessário salientar que além das etapas citadas anteriormente, os eventos precisam ser pensados, do início ao fim, para atuarem de modo marcante, criando nos participantes a sensação do novo, do extraordinário.

Para isto os profissionais envolvidos devem usar toda criatividade que possuem, gerar brainstorm, sair do óbvio e do convencional, despertar a curiosidade ao novo e seu desejo em participar do evento. Após analisar o orçamento, a palavra para um evento ser inesquecível, criar uma identidade e ser memorável deve ser: inovação, porém sem desviar o foco ou ir de encontro com as ideias e princípios da organização. Para maior repercussão de um evento, este deverá oferecer um produto ou um serviço que ninguém está oferecendo e é de interesse dos indivíduos. Deve diferenciar-se dos demais e sobressair-se ao concorrente [...] (SINATURA, 2015, p. 79).

Em suma, numa sociedade marcada pela globalização econômica, pelo capitalismo e pelo consumo, as variadas instituições, entre elas as cidades, apostam nos eventos como forma de diferenciação. Para isso, é fundamental satisfazer as necessidades e os desejos dos diferentes públicos. Uma das principais ferramentas utilizadas para esse fim se dá por meio da construção de experiências do sujeito, o que será aprofundado no tópico posterior.

3.2 A EXPERIÊNCIA E O SUJEITO

Anteriormente, vivia-se em uma sociedade que priorizava a posse de objetos. Hoje, de acordo com Lipovetsky (2007), os indivíduos primam pela experiência, por meio do entretenimento, do espetáculo, do jogo, do turismo e da distração, buscando por novos prazeres, afetos, ligações, sensações e emoções. Torna-se importante vender a experiência vivida, o inesperado e o extraordinário, para que a banalidade seja superada. Panosso Netto e Gaeta (2010) complementam que a humanidade chegou a um estágio em que poucos processos

simples lhe interessam, tornando primordial as atividades marcantes, diferentes e que fogem do senso comum, que se desenha na correria do dia a dia. Características que também devem ser priorizadas ao planejar e organizar um evento, que tem potencial para construir experiências, como visto anteriormente.

Lipovestky (2007) também salienta que o capitalismo atual se caracteriza por uma dimensão hedonística do consumo, ocasionando, assim, o crescimento do papel do lazer nas sociedades contemporâneas. Com esse acréscimo, busca-se, cada vez mais, vender experiências, aumentando os parques, as atrações, as viagens temáticas. Não é mais suficiente apenas ofertar o lazer, mas sim a experiência vivida. Nesse sentido, torna-se necessário questionar o caráter do que é oferecido, se o embasamento da experiência está atrelado ao contato e ao conhecimento ou apenas a sensações efêmeras, que podem ser facilmente substituídas.

Agora, conforme Panosso Netto e Gaeta (2010), a sociedade busca por novos horizontes, em que o indivíduo possa expressar seus maiores segredos e se maravilhar com o outro, com o novo, com o belo. A partir disso, pretende-se evitar que o cotidiano se torne vazio, procurando um sentido para a vida. “A era do vazio pode, portanto, forçar o surgimento da era da experiência, a qual traria maior enriquecimento humanístico para todos” (PANOSSO NETO; GAETA, 2010, p.49).

Ademais, para Panosso Netto e Gaeta (2010), é necessário considerar que na modernidade surgem os tempos livres institucionalizados – férias, feriados, folgas semanais – resultantes das lutas dos trabalhadores por melhores condições na realização das atividades profissionais. Tais conquistas são importantes na configuração do fenômeno da experiência. A própria vida do sujeito e sua cultura estão rotinizadas, circulando ao redor de variáveis sentidas como rígidas – como trabalho e casamento. Diante desse cenário, o indivíduo faz uso do seu tempo livre, cada vez mais, para reviver a autenticidade da experiência de outros povos ou de outros tempos.

De acordo com Schmitt (2000), as pessoas da contemporaneidade buscam viver experiências, visto que superam a característica de racionalidade (que processa toda a informação que recebe, tendo como exemplo as peculiaridades e os benefícios) para estabelecer o valor de compra do produto. A sociedade atual precisa de “algo a mais” que agregue valor perceptível, proporcionando sensações ímpares. A diferenciação entre os itens se dá a partir de necessidades individuais que incorporam a característica da emoção em suas demandas.

Nessa direção, Schmitt (2000) separa as estratégias experienciais em cinco módulos – perceber, sentir, pensar, agir e relacionar, são elas:

- 1) A experiência da percepção: influencia os sentidos do indivíduo, com o intuito de criar estratégias experienciais por meio da visão, audição, tato, paladar e olfato. Cria-se uma atmosfera peculiar, a partir de elementos como iluminação, decoração, música, entre outros. O consumidor passa a ser colecionador de experiências, e não comprador de objetos;
- 2) A experiência da sensação: envolve estados de espírito, como sentimento e prazer, com o objetivo de construir experiências afetivas que variam desde melhorar o humor até criar emoções fortes de alegria e orgulho. Os eventos destacam-se nesse módulo, pois são locais elaborados com o propósito de retirar o indivíduo do ambiente cotidiano, afastá-lo da realidade e do contato com os outros sujeitos que fazem parte de sua rotina. Entre as sensações provocadas, sobressaem-se aquelas atreladas à infância, a partir da ludicidade, da fantasia e da diversão, evocadas primordialmente pelos contos de fadas e histórias infantis;
- 3) A experiência do pensamento: conduz o indivíduo a um desafio intelectual, com a finalidade de resolver problemas que o envolvem de forma criativa, gerando experiências cognitivas. Em geral, apela para o raciocínio, pela surpresa e pela provocação, ampliando-se, muitas vezes, a vivência cultural, com abordagens antropológicas, históricas, sociológicas etc.;
- 4) A experiência da ação: enriquece a vida do indivíduo, melhorando suas capacidades físicas e seus inter-relacionamentos. Ligada a comportamentos e estilos de vida, relaciona-se com a aventura, a adrenalina, a superação dos limites corporais e a emoção de tentar o inatingível pela maioria das pessoas. Pode ocorrer em diferentes ambientes, como no mar e no ar;
- 5) A experiência do relacionamento: procura a identificação com o sujeito a partir de sentimentos individuais, pessoais e privativos, relacionando o indivíduo consigo mesmo e com diferentes pessoas e culturas. Envolve conversas e interação com o outro, criando uma experiência única e significativa que possibilite agregar informações e vivências. Trata-se de uma vivência personalizada que leva em consideração tempo, disponibilidade financeira, necessidades e outros.

Benjamin (1983), em contrapartida, separa a interação das pessoas com as situações entre *Erfahrung* (experiência), ligada à memória e à tradição, e *Erlebnis* (vivência), dada a partir do “choque”, isto é, pelo contato superficial com a realidade. A vivência trata-se de uma atividade sem força suficiente para ser guardada pela memória inconsciente, ou seja, não causa registro profundo. Além disso, transmite a impressão de ser uma ação necessitada de

assimilação às pressas e de efeitos imediatos, ao contrário da experiência, entendida como experiência de vida coletiva, que pode ser somente disseminada aos outros por identificação afetiva (*Einfühlung*) ou por empatia. De acordo com o autor, a modernidade caminha, cada vez mais, da experiência para a vivência, condenando os contemporâneos a serem “desmemoriados”.

Nessa direção, pode ser chamada de experiência a interação que permite despertar lembranças, isto é, que torna possível reviver dentro de uma atividade um leque de sensações já vividas, trazendo outros momentos para dentro do momento presente. Essa lembrança pode ser retomada por meio de acontecimentos que não são passíveis de controle, como o sabor, o odor, o som, entre outros estímulos. A experiência é um fato de tradição, tanto na vida coletiva quanto na vida particular, consistindo em acontecimentos isolados fixados na lembrança, como também em dados acumulados (BENJAMIN, 1983).

Segundo Benjamin (1983), quanto menos a interação penetrar no campo da experiência, mais se aproximará do conceito de vivência, o que pode ser observado em diferentes cenários. Para que um evento seja considerado relevante, é necessário que o indivíduo se disponha a conhecer e experimentar os variados espaços da festividade, bem como entrar em sua tradição e história. Caso a participação se dê rapidamente e de forma superficial, somente para que o momento seja fotografado e catalogado na coleção do sujeito, o caráter da interação se distanciará do processo de experiência, se associando, assim, ao quadro de vivência. Ao organizar um evento, se faz necessário compreender essa diferença a fim de proporcionar uma experiência de fato aos participantes.

Por essa perspectiva, a contemporaneidade é responsável por complexificar a relação do homem com o tempo. A velocidade dos acontecimentos, na atualidade, reduziu o contato do indivíduo com os atrativos culturais, naturais e artísticos à efemeridade. Todavia, é preciso salientar que o acesso ao novo e ao diferente tornou-se mais simples e fácil. Ainda, é importante considerar que, muitas vezes, a vivência pode ser um caminho para o que venha a ser uma experiência posteriormente.

Benjamin (1994) ainda caracteriza a experiência como uma expressão da subjetividade, visto que cada sujeito tem uma percepção diferenciada. Toda experiência é sempre nova e única, por maior semelhança que possa ter com a de outros sujeitos, o que retira a condição de verdade absoluta dada às significações e descrições do mundo. Panosso Netto e Gaeta (2010) complementam que cada sujeito constrói, de modo individual, a sua própria experiência, uma vez que o valor esperado de uma atividade difere de indivíduo para indivíduo e em função de cada contexto situacional.

Em geral, a experiência é entendida como um fluxo de eventos particulares conhecidos apenas pelo sujeito que os vivencia, levando em consideração as problemáticas relações com outros eventos, como os acontecimentos do mundo externo ou fluxos de eventos similares pertencentes a outras pessoas. O fluxo forma a vida consciente do sujeito possuidor. A experiência é, portanto, algo particular [...] (PANOSSO NETO; GAETA, 2010, p. 26).

Esse cenário corresponde a uma nova era, na qual os sujeitos buscam experiências pessoais e relações mais personalizadas possível. Nesse sentido, cada experiência tem capacidade para satisfazer uma gama diversificada de necessidades pessoais, que vão desde o prazer até a busca de significados. Além disso, a escolha é influenciada por diferentes circunstâncias, como a matriz social, o lugar, o período histórico, entre outros (PANOSSO NETO; GAETA, 2010).

Ademais, de acordo com Panosso Netto e Gaeta (2010), a experiência pode ser caracterizada também por sua relação direta com a socialização, uma vez que seus processos envolvem memória, reconhecimento e descrição, o que é aprendido por habilidades exercidas nas relações interpessoais, seja em grupo mais restrito, seja na sociedade. Além disso, a maneira como o indivíduo enxerga seus grupos e interage com a sociedade e o contexto manifesta-se em suas escolhas e interações, que podem posteriormente dar origem a vivência de uma experiência.

Panosso Netto e Gaeta (2010) também enfatizam que a experiência pode ser entendida por sua capacidade de abastecer o indivíduo de sentidos novos. Tem potência de alargar o conhecimento humano, modificando de modo positivo o pensar e agindo como contraponto à alienação e à superficialização inevitável dos laços sociais e da vida individual. Além disso, a experiência pode também ser compreendida como uma tentativa de reencontrar, ou de reposicionar, a possibilidade de ser pessoa (ou de se tornar um outro sujeito), mesmo que num intervalo curto de tempo.

De maneira geral, a experiência tem a ver com a emoção, com o prazer, e não com o sentimentalismo e a acomodação estéril. Parte simulacro, parte real, parte virtual, parte simbólico, está ligada “[...] ao prazer mais profundo do autoconhecimento, da descoberta e da possibilidade de aventura que nos deixe mais seguros da nossa existência como seres humanos” (PANOSSO NETO; GAETA, 2010, p. 32).

Independentemente do seu fim, Panosso Netto e Gaeta (2010) completam que a experiência pode ser avaliada positivamente, a partir de uma atividade espetacular, inesquecível e diferente de tudo o que já foi vivido, ou negativamente, com base em uma ação instalada abaixo das expectativas e que não se deseja repetir. “No caso das tentativas comerciais

contemporâneas de inserir serviços na sofisticada categoria da experiência, está implícito que eles devem ser agradáveis e reconfortantes, de qualidade e bem estruturados, ou seja, devem ser prazerosos” (PANOSSO NETO; GAETA, 2010, p. 27).

De acordo com Lalande (1999), não são todas as interações produzidas pela vida que podem ser denominadas experiências, mas sim apenas aquelas julgadas como vantajosas pelo indivíduo. Conforme o autor, a definição de experiência pode ser dividida em três categorias, apresentadas a seguir:

- 1) Ocorrência de um fato novo, que alarga ou enriquece o pensamento, e não somente atua como um fenômeno transitório;
- 2) Criação de modificações vantajosas cujo exercício gera nas faculdades progressos mentais resultantes da vida;
- 3) Fornecimento de conhecimentos válidos que não estão implicados na mera natureza do espírito enquanto puro sujeito cognoscente.

Para Bondía (2002), em qualquer que seja o caso, o que deve ser sempre levado em consideração é o sujeito, visto que é ele que atua como um território de passagem, como uma superfície sensível. É nele que a experiência afetar os modos, produzirá afetos, inscreverá marcas e deixará vestígios. Ou seja, o sujeito da experiência é, sobretudo, um espaço onde tem lugar os acontecimentos.

Ademais, o sujeito da experiência deve ser definido não por sua atividade, mas por sua disponibilidade e por sua abertura. “Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (BONDÍA, 2002, p. 24).

Nesse sentido, o sujeito da experiência é “ex-posto”, uma vez que “[...] é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (BONDÍA, 2002, p. 25). Não importa a posição, a oposição, a imposição e nem a proposição, mas sim a capacidade de se expor, apesar do risco e da vulnerabilidade acarretada. O autor adiciona:

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência (BONDÍA, 2002, p. 25).

Aloha (2005), sob outra perspectiva, define experiência como algo além do cotidiano, do fluxo diário de estilo casa-trabalho. De acordo com o autor, a experiência se dá por meio de sua ativação, que acontece baseada em eventos descontínuos ou não usuais, e de sua caracterização, que ocorre a partir da geração de níveis altos de intensidade de sentimentos e emoções. Ainda, Aloha (2005) separa três eixos de análise para o discurso sobre a noção desse tipo de vivência, são eles:

- 1) Fenômeno íntimo: a experiência trata-se de uma passagem individual, decorrente de um esforço multissensorial que envolve tanto os sentidos da pessoa que busca a experiência quanto a presença, o recorte da temporalidade e do sentido da sua existência, o imaginário e a corporeidade;
- 2) Descontinuidade do cotidiano: o mundo ocidental criou um estilo marcado pela repetição e pela intensificação. A experiência refere-se a uma ruptura nesse comportamento, permitindo a entrada do indivíduo em um período “extra-ordinário”, ou seja, fora do ordinário;
- 3) Fenômeno midiaticizado: a mídia interfere na construção do significado de experiência para o sujeito. Por isso, é necessário questionar-se quais são as características das mensagens midiaticizadas que influenciam no sentido atribuído à experiência.

Em suma, conforme Panosso Netto e Gaeta (2010, p. 76), a experiência para o indivíduo atua:

[...] no sentido de redescobrir um protagonismo, uma capacidade de definir seu próprio rumo e itinerário. Mas também no sentido de reencontrar a capacidade de sentir-se vivo, de tentar sair da condição de objeto, de experimentar eventualmente, de abrir acesso ao diferente, negociando com ele e com suas particularidades, trazendo para dentro da vida cotidiana, da volta para casa, uma série de questionamentos, esforços de redimensionamento e busca de novos horizontes de avaliação da totalidade da experiência humana como escolha, como mobilidade e como capacidade de sentir e de negociar com os próprios sentimentos – não no sentido de psicologizar as escolhas, mas no de integrar na vida a sensibilidade de modo estrutural e não apenas na superfície do estético, ou seja, no verniz do gosto.

De maneira geral, o que se aponta “[...] é que o tema da experiência foi fundamental para o século XX e vai continuar sendo no século XXI” (PANOSSO NETO; GAETA, 2010, p. 76). Gramado, desde sua emancipação, até os dias de hoje, projeta experiências a partir da realização de seus eventos, como visto anteriormente. Entre eles, destaca-se o Natal Luz, que será tratado a seguir.

3.3. NATAL LUZ

“O Natal não é só um evento. É uma data que o mundo inteiro comemora, festeja, se enfeita para isso. Nós gramadenses conseguimos, através desta data, dar mais carinho, mais emoção às pessoas. É isso que o Natal Luz representa”
(PECCIN, 2018, p. 252).

Na segunda metade do século XX, especialmente com a elaboração de eventos, Gramado passou a ser a primeira opção de destino. Contudo, essa escolha se dava, primordialmente, nos meses mais frios do ano, como julho e agosto. Com base na necessidade de encontrar uma forma de diminuir a sazonalidade, o então prefeito Pedro Bertolucci, juntamente com o Secretário de Turismo da época, Luciano Peccin, estudaram diversas maneiras de criar um evento para os meses mais quentes.

Num país tropical como o nosso, estar em uma cidade que fazia um frio de rachar, onde às vezes até nevava, era um grande diferencial para se vender. Mas dezembro, janeiro, nada. Na época, os poucos hotéis e restaurantes fechavam para dar férias coletivas. Tínhamos que montar um evento para esses meses (PECCIN, 2018, p. 241).

Nessa perspectiva, em 1986, foi realizado o primeiro Natal Luz, cujo objetivo inicial era proporcionar um Natal diferenciado, que fosse além de luzes e decoração. O evento foi inserido na programação oficial da 12ª, e última, edição da Festa das Hortênsias, como apresentado na figura 1, considerada o embrião dos eventos de Gramado. A festividade, inspirada na Festa da Uva de Caxias do Sul, foi criada por Oscar Knorr, em 1958, entretanto, ao contrário do Natal Luz, sucumbiu “[...] à falta de criatividade face a um mundo em transformação” (PECCIN, 2018, p. 177).

Figura 1 - Folheto da 12ª edição da Festa das Hortênsias



Fonte: Arquivo Público Municipal da Prefeitura de Gramado.

A primeira edição do Natal Luz estava prevista para ocorrer no dia 20 de dezembro de 1986, todavia, foi postergada para o dia 28 de dezembro, devido ao mau tempo. Apesar da mudança repentina de data, foi considerada um sucesso pelos gestores do município e pelos participantes (DORNELES, 2001). A celebração incluiu um concerto natalino com a participação de mais de 600 coristas, que se posicionaram na Praça Matriz da cidade de Gramado. A apresentação englobou também um espetáculo pirotécnico, acendimento de luzes e mostra de presépios. Além disso, assim como ocorrido nas edições posteriores, contou com o envolvimento da comunidade, por meio da decoração das casas e do comércio, com árvores e guirlandas, o que tornou o município ainda mais acolhedor (CROSDALES; TOMAZZONI, 2010).

De acordo com Peccin (2018), Secretário de Turismo da época, como já comentado, a ideia inicial era simples, pois ainda não havia um orçamento destinado especialmente ao evento. No entanto, o Secretário, considerado o criador do Natal Luz, tinha o desejo de realizar algo semelhante com o que havia tido contato anteriormente nos parques da Disney, onde a luz e o som atuavam como protagonistas na criação das experiências. Por isso, desde a primeira edição, além de todas as ruas principais serem iluminadas durante o evento, há também músicas tocando em diferentes espaços do município de Gramado. Ainda, completa,

Para enfeitar ainda mais a cidade, pintamos de branco os postes centrais da Av. Borges de Medeiros e com uma faixa de plástico vermelho os transformamos em pirulitos

gigantes. Nos canteiros centrais conseguimos 100 pinheiros naturais com a Floricultura Úrsula de Nova Petrópolis e transformamos canos pluviais em vasos gigantes, onde plantamos os pinheiros. Quanto menos se esperava, gramadenses que passavam pela avenida, ou que estavam nas lojas em frente, paravam e se juntavam à equipe para ajudar nesta tarefa. Dezenas de pessoas cheias de alegria e daquele sentimento de querer fazer parte, se doando para que tudo ficasse belo para a grande noite (PECCIN, 2018, p. 49).

Por ter sido considerado bem-sucedido, assim como por ter tido um público ainda maior do que o esperado, os organizadores do Natal Luz entenderam, a partir da primeira edição, que seria necessário transformar a ideia em um evento não somente de um dia, mas de um ou mais finais de semana, o que, posteriormente, se concretizou. Peccin (2018, p. 54) adiciona que a imprensa teve um papel fundamental para que o evento tenha sido dado como um sucesso, pois “[...] como ninguém fazia nada no Natal, a não ser o comércio para vender produtos, noticiar um show de Gramado foi uma manchete de primeira página”.

[...] a programação do evento evoluiu significativamente desde as celebrações do ano de 1986. Os indicadores importantes dessa evolução são a diversificação da programação, a melhora da infraestrutura, o fortalecimento da divulgação e o crescimento no número de visitantes e turistas (CROSDALES; TOMAZZONI, 2010, p. 10).

A partir disso, para que o evento pudesse tomar proporções maiores, tornou-se necessário procurar por patrocinadores, que, por meio de suas marcas, pudessem agregar valor à festividade. Conforme Peccin (2018, p. 56), “[...] os patrocinadores não poderiam ter vínculo com bebidas alcoólicas ou cigarros”, uma vez que o Natal Luz envolvia a participação de muitas crianças. Nesse sentido, a partir de diferentes contatos, os organizadores chegaram ao Banco Meridional, instituição considerada relevante na época, angariando uma verba modesta, mas que seria suficiente para atingir os planos para as próximas edições.

Mais tarde, em 2001, após serem buscadas inspirações na Alemanha, em Nova York, em Las Vegas e em Orlando, a organização do Natal Luz concluiu que o formato da festividade deveria ser modificado, visto que muitas pessoas ainda se aglomeravam no município em poucos dias de evento. Com isso, a festa passou a ocorrer de novembro a janeiro e a ter atrações diárias, ou seja, com uma programação que começava e terminava todos os dias, como em parques de diversão. Além disso, foi a partir da edição realizada em 2001 também que o evento passou a ser descentralizado, isto é, com atrativos dispersos pelas ruas da cidade (VIDAL, 2015).

Ademais, em 2001, houve também o projeto e a montagem da arquibancada móvel, estrutura que não era comum ainda no Brasil. Segundo Peccin (2018, p. 69), “[...] durante a

montagem das arquibancadas para o desfile na Avenida das Hortênsias, o comércio ficava prejudicado porque elas ficavam ali, como elefantes brancos, durante todo o evento”. Todavia, após a reestruturação, era possível, com facilidade, instalar a estrutura para a realização de espetáculos e, depois, desinstalá-la.

Em 2003, por outro lado, foi criado um dos principais símbolos do Natal Luz até hoje, o Projeto Pet. De acordo com Vidal (2015), a ideia consistia em incentivar as crianças, nas escolas, por meio de um concurso, a arrecadarem o maior número de garrafas pet. Entre os prêmios estavam brinquedos, tablets, celulares, câmeras fotográficas e outros. O material arrecadado era enviado para a equipe encarregada da decoração do evento, para ser transformado em diferentes ornamentos que seriam distribuídos pela cidade. Peccin (2018) enfatiza que o projeto não somente foi responsável por difundir a compreensão sobre reciclagem, como também criou um vínculo entre a comunidade e a festividade, especialmente com as crianças, que se sentiam parte do evento como ajudantes do Papai Noel. Além disso, os estudantes atuavam como fiscais, supervisionando para que todos os participantes da festa cuidassem das peças decorativas.

Posteriormente, em 2007, o conceito de Gramado tornar-se um parque de diversões no período do Natal Luz se consolidou. A partir disso, os organizadores da festividade, que estava no auge de sua reputação, entenderam a necessidade de comercialização antecipada de ingressos. Com isso, as entradas passaram a ser vendidas através da internet, auxiliando os visitantes no planejamento antecipado de suas férias (PECCIN, 2018). Mais tarde, em 2008, segundo Vidal (2015), o Natal Luz, por meio da Lei nº 13.060, tornou-se um Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

Em 2009, foi desenvolvido o Instituto Natal Luz das Artes Pedro Henrique Benetti, atualmente chamado de Escola das Artes. A ideia consistia em oferecer cursos gratuitos, totalmente custeados pelo evento, de variadas modalidades, como teatro, dança, circo, escultura e técnica vocal para crianças e adolescentes da comunidade gramadense. Com isso, de acordo com Peccin (2018, p. 170), “[...] além de dar uma oportunidade para jovens em uma área artística, estávamos oferecendo uma atividade que iria tirá-los das ruas”. Em poucos meses, havia mais de 400 matriculados, que tinham acesso a aulas de ballet, jazz, perna de pau, sapateado, violino, canto e outros. Vidal (2015) comenta que, da totalidade dos estudantes envolvidos no projeto, cerca de 90% eram incorporados ao corpo artístico do Natal Luz posteriormente.

A partir de 2010, o Natal Luz aumentou ainda mais sua estrutura. Os organizadores passaram a contar com escritório próprio, espaços para ensaios, pavilhões para construção das

decorações, entre outros. Além disso, dispuseram de equipes de segurança, de operação, de trânsito, de iluminação etc., e de profissionais especializados em figurino. Conforme Peccin (2018, p. 83), “[...] as roupas eram lindas, com personagens saídos dos mais belos livros infantis: palhaços, bailarinas, maquinistas, carpinteiros, costureiras, bonecos, pirulitos, todos pensados nos mínimos detalhes de colorido e beleza”. Os trajes, juntamente com outros elementos, como som, luzes e dança, faziam os participantes do evento se contorcem na tentativa de captar os melhores ângulos para fotos e vídeos, além de cantarem e dançarem alegremente com os artistas da festividade.

Quanto ao orçamento, o evento conquistou sua autossustentabilidade, gerando receita de mais de R\$ 17 milhões, sendo 0.1% de recursos municipais, 25% de patrocínios incentivados, 15% de patrocínios não incentivados e 59.9% de recursos próprios, gerados pela venda de ingressos, *souvenirs* etc. Além disso, também foi responsável por fomentar cerca de R\$15 milhões em mídia espontânea para a cidade de Gramado e realizar mais de dez ações sociais diferentes no município (PECCIN, 2018).

Atualmente, mais de 30 anos após o seu início, o Natal Luz é responsável por tornar o período de novembro a janeiro o mais movimentado da cidade de Gramado. Tem a capacidade de impulsionar tanto a cadeia econômica local quanto a regional, “[...] transbordando os seus efeitos para os municípios vizinhos, envolvendo dezenas de atividades paralelas, num círculo virtuoso que irriga a economia e fomenta o desenvolvimento de toda a Região das Hortênsias” (VIDAL, 2015, p. 79).

De acordo com Crosdales e Tomazzoni (2010), o evento se tornou a celebração natalina a céu aberto mais conhecida do Brasil e uma das maiores do mundo. Conforme Vidal (2015), o principal motivo para o crescimento da festividade é a sua capacidade de inovação constante, pois, a cada ano a festa apresenta melhorias nas atrações, além de oferecer novos espetáculos aos participantes. Peccin (2018, p. 197) complementa que no Brasil “[...] acontece muita coisa que começa bem e com o tempo vai se desgastando e acaba fracassando”, ao contrário do Natal Luz, que utiliza as novas edições para propor algo inédito e diferente, embora a temática sempre seja a mesma: o Natal.

No Carnaval, você liga com o profano. Aqui em Gramado, é o contrário. Aqui é o sagrado, é o místico, é o espiritual, é a crença do povo que está ali sendo representada. Não podemos errar. Afinal, trata-se de contar a história da anunciação do anjo Gabriel à Virgem Maria, passando pelo presépio até o encerramento com o Papai Noel sobre o trenó. Anjos, papais e mães Noel, duendes, renas, enfim todos os símbolos do Natal estão presentes na avenida. E o maior desafio é que a cada ano o tema é o mesmo, o Natal, o que muda é o foco que vamos dar a este ou àquele personagem, a

maneira como vamos desenvolver as vestimentas, os adereços, enfim o ponto de vista que vamos retratar naquele Natal (PECCIN, 2018, p. 197).

Além disso, para Peccin (2018), o sucesso do evento não está atrelado somente à participação da equipe organizadora da festividade, mas a toda comunidade. Para isso, foram realizados de maneira constante treinamentos e capacitações, com o objetivo de qualificar o atendimento, tanto com quem trabalhava diretamente no Natal Luz, como artistas, faxineiros, seguranças, motoristas, quanto com quem se envolvia indiretamente, como recepcionistas, guias, lojistas, garçons. Hoje, o comércio, por exemplo, celebra o Natal com árvores, luzes e guirlandas, mas também com um entusiasmo natalino único e especial.

Outro exemplo referente à integração entre o evento e a comunidade é a atração “Tannenbaumfest”. Trata-se de uma cerimônia em que todos, lojas, hotéis, restaurantes, patrocinadores saem às ruas para montar e decorar os pinheirinhos que são dispostos na principal avenida de Gramado: Avenida Borges de Medeiros. A celebração é acompanhada de moradores, turistas e de uma banda de soldadinhos de chumbo que anima a atração (VIDAL, 2015).

De acordo com Vidal (2015), a festividade tem demonstrado, ao longo dos anos, uma capacidade sem precedentes de incluir a comunidade local na organização e realização do evento. Peccin (2018) complementa que toda a população é criadora, produtora e artista da obra, pois tem a consciência da diferença que o Natal Luz faz no dia a dia do município, bem como no desenvolvimento econômico e social de Gramado.

No entanto, conforme Peccin (2018), a maior contribuição que o Natal Luz trouxe foi a de impulsionar a autoestima do cidadão gramadense, que passou a ter mais orgulho da sua cidade, atuando como fiscal permanente do município. “O resultado se vê claramente hoje com o carinho e cuidado que nosso povo tem com a cidade. Seja na limpeza ou em ser educado no trânsito, transmitindo isso aos visitantes do evento que facilmente se adaptam” (PECCIN, 2018, p. 228).

Em suma, como salientado por Peccin (2018, p. 211),

O Natal Luz é muito mais que um ‘rostinho bonito’. O Natal Luz é muito estudo, muito planejamento, muita troca de opiniões, muito esforço, muito trabalho, muita renúncia, muito comprometimento, muita responsabilidade. Mas também é muita inclusão, muito reconhecimento, muita alegria, muita emoção e muito amor.

O Natal Luz, assumindo a característica de ser inovador a cada nova edição, supre a necessidade salientada por Sinatura (2015) de oferecer, através do evento, uma experiência que ninguém mais oferece, indo além do tradicional. Dentre os diferentes públicos da festividade,

destacam-se as crianças, por desenvolverem uma relação ainda mais direta com os processos lúdicos apresentados, bem como com os variados personagens exibidos, como o Papai Noel, o soldadinho de chumbo, as renas, entre outros. Nesse sentido, no próximo capítulo, serão abordados aspectos relevantes sobre essa etapa da vida, sua relação com as celebrações, especialmente o Natal, por meio das tradições, mitos e ritos.

4 OS RITOS E A INFÂNCIA

Desde seu nascimento, para Rivière (1997), o sujeito, especialmente na fase da infância, passa por variados tipos de ritualizações que manifestam, no grupo que o rodeia, as representações imaginárias da ordem social. Contudo, não são todas as atividades presentes na rotina da criança que podem ser definidas como ritos, como atar os cadarços e resolver problemas matemáticos. É necessário “[...] uma encenação instituída com significação simbólica que remeta a valores, tenha o aspecto de comunicação codificada, respeite uma ordem bem definida e dê lugar a comportamentos repetitivos” (RIVIÈRE, 1997, p. 123).

Perez, Amaral e Mesquita (2012, p. 212) salientam que a criança ocupa-se, quase que exclusivamente, por desenvolver-se física, psicológica, social e culturalmente, o que permite “[...] disponibilidade e abertura quase absolutas à descoberta de si e do mundo”. Nessa direção, a infância constitui-se em um tempo dedicado ao cultivo da sensorialidade, das emoções e da imaginação, o que é mediado pelos símbolos culturais, como os ritos. No tópico a seguir serão discutidos mais aspectos sobre essa etapa da vida, assim como sua relação com a cultura.

4.1. CULTURAS DA INFÂNCIA

A infância, até a década de oitenta, não era considerada um tema de pesquisa importante para as ciências sociais e humanas. As crianças eram estudadas apenas em seu ofício de alunas no contexto escolar, ou como integrantes do núcleo familiar. Segundo Rego (2018), elas não tinham a possibilidade de falar por si mesmas, ou seja, eram os pais, os professores ou os médicos que diziam como elas pensavam e se sentiam.

A partir dos estudos realizados na Sociologia da Infância, movimento surgido na Europa, se passou a buscar a compreensão da perspectiva da criança sobre o mundo com base em seu próprio ponto de vista. No entanto, ainda hoje, de acordo com Cohn (2005), há uma dificuldade em reconhecer a infância como objeto legítimo de estudo, uma vez que, além de se realizar uma grande divisão entre o mundo adulto e das crianças, os sujeitos tendem a pensar nos menores como seres incompletos, que ainda serão formados e socializados.

Para Sarmiento e Cerisara (2004), esse obstáculo está atrelado ao princípio da negatividade da infância, que se refere a um conjunto de interdições e prescrições que negam ações, capacidades ou poderes às crianças. Entre os exemplos que podem ser citados está o fato de não votarem, não pagarem impostos, não trabalharem, não serem puníveis por crimes e não tomarem decisões consideradas relevantes.

Segundo Cohn (2005), a criança ainda está treinando para a vida adulta, mas enquanto adquire competências, já estabelece e encena papéis sociais. Nesse sentido, a diferença entre elas e os adultos não é quantitativa, mas sim qualitativa, isto é, a criança não sabe menos, sabe outra coisa. A autora ainda salienta que a infância deve ser vista sempre como uma maneira particular, e não universal, de pensar o menor, visto que, em outras culturas e sociedades, a ideia de infância pode não existir, ou ser formulada de outros modos.

Qvortrup (1991) comenta que caracterizar a infância significa distinguir um conjunto de características que as crianças têm em comum, numa região definida, num mesmo momento histórico, sob as mesmas estruturas econômicas e políticas, em princípio influenciados pelos mesmos parâmetros sociais. Ainda, de acordo com o autor, é possível realizar três afirmações sobre o assunto:

- 1) A infância é uma categoria que manifesta variações históricas, sociais e culturais e não exatamente uma fase da vida;
- 2) Tanto crianças quanto adultos são afetados pelas mudanças nas sociedades;
- 3) As crianças colaboram ativamente em qualquer sociedade, embora a natureza dessas contribuições seja diferente em distintas culturas.

As crianças são diferentes dos adultos, mas são igualmente ativas, criativas e competentes. Ademais, agem socialmente nas famílias, nas escolas e em outros espaços, como nos eventos que participam, o que será aprofundado no próximo capítulo. Para Qvortrup (1991), elas fazem parte do mundo e o incorporam ao mesmo passo em que o influenciam e criam significados a partir dele. Ou seja, não são meras reprodutoras das normas sociais, mas sim reinventoras dos processos em suas relações com seus pares e com os adultos.

Em contrapartida, Pinto e Sarmiento (1999) definem a infância como uma categoria geracional, a partir da ideia de que por meio das gerações se produzem os papéis assumidos pelas crianças e adultos. Conforme os autores, deve-se articular os elementos de homogeneidade, características comuns a todas as crianças, com os elementos de heterogeneidade, traços que as distinguem em diferentes contextos. Nesse sentido, pode-se diferenciar o que pertence ao âmbito da análise da estrutura social e da análise da ação social e simbólica das crianças.

Nessa direção, as crianças são atores sociais dotados de atributos próprios que se expressam na alteridade geracional (diferente face às outras gerações). A infância não é uma idade de transição, mas sim uma condição social que corresponde a uma faixa etária com características distintas das outras, em um período histórico específico (PINTO; SARMENTO, 1999).

Por outro lado, de acordo com Corsaro (1992), essa fase é um período temporário, mas também uma forma estrutural da coletividade. Trata-se de uma categoria que engloba uma parte da sociedade, assim como classe social e grupos etários. Para o autor, é uma estrutura permanente, embora seus membros se renovem e sua natureza e concepção variem historicamente.

A partir do entendimento sobre esses conceitos, é possível dissertar sobre as culturas da infância. Proust e James (1990) buscam desconstruir a ideia da criança incompleta e passiva, colocando-a como agente cultural, participante ativo da produção do mundo adulto e da sociedade em que vive. Propõem seis proposições sobre o assunto:

- 1) A infância não pode ser vista como um período de imaturidade biológica, isto é, uma fase inicial no percurso maturacional para a vida adulta; tampouco deve ser analisada a partir da noção de universalidade. Trata-se de um componente cultural e estrutural específico de um grande número de sociedades;
- 2) Outras variáveis como gênero, classe social e etnia devem ser relacionadas com o conceito de infância, uma vez que ela não se trata de um fenômeno único e universal, pelo contrário, sofre variações nos diferentes contextos históricos e culturais nos quais se constitui;
- 3) As relações sociais das crianças e suas culturas merecem ser estudadas em si mesmas, de modo independente das perspectivas do adulto. É necessário um olhar situado no universo próprio das crianças, buscando percebê-las a partir dos significados, práticas, formas de expressão e sentidos que atribuem às situações em que vivem e por meio dos conhecimentos e valores produzidos coletivamente nas suas relações;
- 4) As crianças devem ser consideradas atores na construção de sua vida social e da vida daqueles que as rodeiam. Trata-se de seres presentes, que agem de forma própria e intencional nos tempos e espaços em que se encontram, por meio das interações que estabelecem com seus pares, com os adultos e com a sociedade na qual estão inseridos;
- 5) O método etnográfico (que será utilizado neste estudo) permite uma maior penetração no mundo da infância, conferindo participação e voz direta às crianças e contribuindo para desvelar sua atividade social específica e seus próprios pontos de vista;
- 6) A infância é um processo no qual se encontra a “dupla hermenêutica”, apresentada por Giddens, nas ciências sociais, visto que proclamar um novo paradigma sociológico da infância é fomentar um fenômeno de reconstrução da criança e da sociedade.

Conforme Cohn (2005, p. 33), quando a cultura passa a ser vista como um sistema simbólico,

[...] a ideia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender ‘coisas’ pode ser revista. A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia.

Cohn (2005) salienta ainda que as crianças não são apenas produzidas pelas culturas, como também produtoras de culturas, ou seja, além de serem influenciadas pelos costumes, valores, tradições e ritos que as rodeiam, igualmente influenciam os diferentes modos. Elas elaboram sentidos para suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura, porém essa produção não se confunde e não pode ser reduzida àquela elaborada pelos adultos, uma vez que os sentidos construídos pelas crianças possuem particularidades.

Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos. Negá-lo seria ir de um extremo ao outro; seria afirmar a particularidade da experiência infantil sob o custo de cunhar uma nova, e dessa vez irredutível cisão entre os mundos. Seria tornar esses mundos incomunicáveis (COHN, 2005, p. 35).

Pinto e Sarmiento (1999) argumentam que considerar a criança como ator social implica em reconhecer sua capacidade de produção simbólica e a constituição das suas representações e crenças em processos culturais. Ainda, segundo os autores, é preciso compreender que a vida dos sujeitos nessa etapa da vida é caracterizada pela heterogeneidade, o que acarreta um sistema pluralizado de valores.

Além disso, é enfatizado por Pinto e Sarmiento (1999) que as culturas produzidas pelas crianças não são construídas no vazio social, e sim nas interações com os pares e com os adultos no dia a dia, nos jogos, nas brincadeiras, e pode-se pensar também nos eventos que fazem parte da sua realidade. Nesse sentido, ao se compreender as culturas da infância, torna-se necessário considerar as condições sociais nas quais as crianças vivem e com quem são feitas suas interações.

As culturas da infância, assim, exprimem os sistemas sociais culturais aos quais as crianças pertencem. Todavia, embora interajam com os adultos, os infantes fazem uso de formas específicas de inteligibilidade, de representação e de simbolização. De acordo com Pinto e Sarmiento (1999), é possível elencar quatro aspectos que marcam a diferença entre as culturas da infância da dos adultos, são eles:

- 1) Interatividade: a criança partilha ações, representações e emoções com outros sujeitos de sua faixa etária. Parte do crescimento, essa partilha é necessária para um entendimento mais perfeito do mundo;

- 2) Ludicidade: as brincadeiras têm papel fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis. São atividades sociais significativas para as crianças, pois tratam-se de reflexões e interpretações sobre as situações vividas no cotidiano. Nelas há a presença constante da ludicidade, que é uma peculiaridade das crianças, demarcando a alteridade entre elas e os adultos;
- 3) Fantasia do real: o mundo do “faz de conta” integra a construção da visão de mundo da criança e da sua atribuição de significados às situações, objetos, pessoas. Esse movimento imaginário atua na base da constituição da especificidade da vida do sujeito nessa etapa da vida, tornando-se um elemento central da capacidade de resistência que a criança possui diante das situações mais dolorosas da existência, permitindo enxergar os acontecimentos de modo mais aceitável;
- 4) Reiteração: também chamado de “não literalidade temporal”. A criança combina o tempo presente com o passado e com o futuro, numa recursividade temporal e uma reiteração de oportunidades que é específica da sua capacidade de transposição no espaço-tempo e de fusão do real com o imaginário. O tempo da criança é continuamente reinvestido de novas possibilidades, capaz de ser sempre reiniciado e repetido. Logo, o “conta outra vez” tem, na infância, sempre novos significados.

Como atores sociais competentes, as crianças assumem papéis de resistência, não se limitando a cumprir normas impostas pelos adultos. A fim de compreender as culturas da infância, deve-se pensar nas crianças como sujeitos capazes de transformação, cujos desenvolvimento e compartilhamento de significados ocorrem em meio a conflitos de interesses entre eles e adultos, que buscam constantemente hegemonia para suas verdades (PINTO; SARMENTO, 1999).

Corsaro (1992), um dos precursores em pensar a criança como construtora de seus próprios processos culturais, salienta que a cultura da infância não é algo que está somente na cabeça dos mais novos, mas sim em suas ações e comportamentos. Ou seja, trata-se de um procedimento público e coletivo, não privado e seletivo. Segundo o autor, pode-se definir cultura da infância como um conjunto estável de atividades, rotinas e interesses que as crianças produzem e compartilham em interação com os pares.

Torna-se necessário frisar que, para Corsaro (1992), “pares” não significa necessariamente seres com a mesma idade, apesar de, na maioria dos núcleos escolares, as crianças serem agrupadas por idade. “Pares” deve ser entendido como um grupo de jovens que passam algum tempo juntos de maneira frequente, como, por exemplo, crianças da vizinhança.

Ou ainda, no caso deste trabalho, crianças que participam ao mesmo tempo das atrações de um evento.

Corsaro (1992) ainda propõe o conceito de “reprodução interpretativa”. O autor utiliza o termo “reprodução” para salientar que as crianças não somente internalizam a sociedade e a cultura, como também contribuem de forma ativa para a produção e a mudança cultural. O uso de “interpretativa” é realizado para indicar os aspectos inovadores e criativos da participação da criança na sociedade.

A partir do entendimento de que as crianças são atores e produtores de cultura, surge a chamada cultura lúdica. Brougère (2010) enfatiza que esse tipo de expressão cultural tem embasamento na cultura de massa. O sujeito precisa dominar e dispor de um banco de imagens que traduza a realidade e lhe dê condições de compreender o significado de determinados elementos. Uma criança brincando com a miniatura de uma Ferrari é um dos exemplos citados pelo autor dessa categoria.

De acordo com Brougère (2010), a diversidade de produtos da cultura de massa destinada às crianças que contém imagens lúdicas inclui filmes, séries televisivas, brinquedos, jogos de vídeo game, livros, desenhos animados e sites da internet. Além disso, a circulação avança nas embalagens de alimentos e de produtos de higiene e na estampa de vestuários.

Em suma, parece haver um incentivo, cada vez mais intenso, a pesquisas nos mais diferentes contextos vivenciados pelas crianças, não apenas no escolar, visto que elas precisam ser observadas em todos os espaços sociais nos quais interagem, nas ruas, nas vilas, nas academias, nos shoppings, nas festas, nos fóruns da internet. Além disso, necessitam ser compreendidas se relacionando com os mais variados grupos, produzindo e compartilhando culturas (PONTE, 2019).

Os ritos, compostos por um conjunto de regras, são imbuídos de valor simbólico, cuja performance é, normalmente, prescrita e codificada pela cultura social em questão. No próximo tópico serão abordadas as principais ideias sobre essa peça tão importante na constituição das culturas da infância.

4.2. OS RITOS

De acordo com Rivière (1997), o que há de mais arcaico e constante na história, em termos de comportamentos entre os seres vivos, é o rito. Embora pareça ser mais numeroso e legível na vida cotidiana moderna, por efeito da focalização dos pesquisadores, a ritualização

sempre esteve presente na vida dos indivíduos, independentemente do período e do estado da sociedade.

Hoje, ainda não há consenso quanto à origem do termo “rito”. No entanto, vários teóricos propõem definições aproximadas entre si. Sabe-se que a palavra “rito” tem sua origem vinculada a vários idiomas, como do latim *ritus*, no sentido de ordem estabelecida; do grego *artys*, significando prescrição ou decreto; e do iraniano *arta*, de onde vem, também, a palavra “arte”. Segundo Färber (2013, p. 02), compreender esse conceito e seu espectro semântico “[...] favorece o acesso às possíveis interpretações dos seus usos e permite investigar em que medida o rito mimetiza a realidade ilustrando a vida, e como o imaginário humano é interpretado através do rito”.

Färber (2013, p. 01) enfatiza ainda que os ritos são inerentes à condição humana e “[...] fazem parte do conjunto de práticas que delimitam o *status* social e a pertença a um grupo, favorecendo a manutenção do equilíbrio do grupo e fortalecendo a noção de identidade dos indivíduos”. Tratam-se de um composto de palavras, músicas, gestos, roupas, danças, atuações, comidas, bebidas, objetos e outros elementos específicos do coletivo que os realiza.

Ainda, de acordo com Färber (2013), o rito pode ser considerado um agente redutor da ansiedade, uma vez que pode diluir o medo, trazendo mais equilíbrio para o indivíduo conseguir suportar momentos de situação-limite, “[...] como diante das crises de existência próprias dos ritos de passagem, e daquelas mais particulares referentes ao problema da morte” (FÄRBER, 2013, p. 06). As ritualizações também têm papel relevante, junto com as crenças, lendas e anedotas, em dar enquadramento, explicações e soluções para as indeterminações de uma situação estabelecida.

É apresentado ainda por Färber (2013) que, na realização dos ritos, existem funções e expectativas pré-estabelecidas. Por meio de uma cerimônia, o coletivo tem a capacidade de expressar simbolicamente suas crenças e sua cosmovisão, bem como de transferir poder e transmitir valores para os novos membros e para os iniciantes. Além disso, a força de um rito pode ser avaliada pela emoção que, a partir de seus procedimentos, suscita nos atores participantes. Isto é, quanto maior a comoção provocada pelo rito, por intermédio de suas diferentes etapas, maior pode ser considerada sua efetividade.

Durkheim (2003) conceitua os ritos como responsáveis por constituir uma expressão simbólica dos valores fundamentais que unificam os membros de uma sociedade. Ademais, o autor comenta que os ritos podem ser marcados também como regras de conduta que orientam como o sujeito deve se comportar em relação às coisas sagradas. Ou seja, o indivíduo, por meio

do rito, aprende como se portar corretamente frente aos códigos, normas e valores do universo de significação do qual faz parte.

Rivière (1997), por outro lado, define os ritos, envolvendo a ação padronizada dos membros do grupo, como meios e ocasiões de reconhecimento mútuo. De maneira geral, podem ser conceituados como

[...] um conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para os seus assistentes, condutas essas fundamentadas numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito (RIVIÈRE, 1997, p. 11).

Atualmente, conforme Rivière (1997), apesar do aparente declínio das grandes igrejas tradicionais, os ritos seguem presentes na vida dos sujeitos, visto que as ritualizações não estão geneticamente vinculadas à religião, mas sim imbricadas a realidades possuidoras de valor, e que permitem as expressões do imaginário do grupo envolvido. Nesse sentido, o autor separa as ritualizações em dois tipos: profanas e sagradas.

Os ritos profanos são aqueles que não estão vinculados nem às religiões nem ao imaginário religioso. Fundamentam-se nas práticas que se ordenam no fluxo do cotidiano e nas maneiras de agregação laica e secular, sem enaltecer ou desprezar a noção de sagrado presente na existência dos participantes do rito. Como exemplos, podem ser citados os campeonatos esportivos, as entrevistas de emprego, as caças e as pescas, as viagens e os eventos – como o Natal Luz, objeto desta pesquisa (FÄRBER, 2013).

Os ritos sagrados, em contrapartida, são aqueles ligados ao religioso, ao eclesial e ao confessional. Etimologicamente, a palavra “sagrado” tem origem no latim *sacer*, que significa “santo” e “venerável”. São exemplos dessa categoria as atividades praticadas individualmente ou em grupo “[...] com o propósito de promover o encontro do humano com a divindade”. (FÄRBER, 2013, p. 10).

Para Durkheim (2003), o mundo sagrado mantém com o mundo profano uma relação de antagonismo. Eles correspondem a duas formas de vida que se excluem ou que, pelo menos, não podem ser vividas simultaneamente com a mesma intensidade. Ainda, a vida profana não deve se misturar com a vida sagrada e com seus diferentes elementos, como sons, alimentos, personagens, entre outros.

Todas as etapas da vida dos sujeitos são marcadas por variados tipos de cerimônias especiais, primordialmente ligadas aos ritos de passagem e de iniciação, que representam,

segundo Färber (2013, p. 03), “[...] além de uma transição particular do indivíduo, a progressiva aceitação e participação na sociedade na qual está inserido”. A principal função dessa categoria é a de propor equilíbrio, tornando a realidade social mais harmoniosa e os elementos do grupo mais integrados, além de propagar noções e crenças que são partilhadas e lembradas aos membros antigos, como o que ocorre no batismo. Essa tipologia de ritualização marca o término de uma realidade, colocando o indivíduo em uma situação indeterminada que se estende até o assentimento em um novo estatuto.

Os ritos repetidos, por outro lado, são responsáveis por reforçar a ordem estabelecida, propagar a solidariedade do grupo e o pertencimento do indivíduo. Além disso, sustentam a continuidade e a preservação dos valores do coletivo em questão. Rivière (1997) complementa que o tempo estruturado pelo rito não se dá pelo recomeço, mas sim pela repetição. Podem seguir um ciclo sazonal, como a abertura de uma estação, um ciclo de vida, como no nascimento, no casamento e na morte, ou um ciclo anual, que recapitula o percurso escatológico de uma vida a partir de Cristo, como no Natal, que abordaremos a seguir.

De acordo com Rivière (1997), um rito pode ser classificado em uma ou outra das categorias conforme a atenção fixada a este ou aquele aspecto, como participantes, objetivos pretendidos, modo de ação etc. Ainda, um rito sistêmico total pode ser dividido em séries de ritos sistêmicos elementos, sendo cada sequência ritual comportada por ritemas, que compreendem os motivos.

Rivière (1997) também comenta sobre a possibilidade de dividir os ritos em quatro aspectos, são eles:

- 1) Aspecto social: é separado em três princípios formais:
 - a) Reunião: todos os ritos, com exceção dos hábitos individuais, implicam na presença de atores decididos a seguirem a ordem da ritualização, suas consequências e processos;
 - b) Delegação (ou representação): na falta de um ou mais membros do grupo, os ritos podem ser realizados por alguns representantes delegados;
 - c) Reciprocidade: rede de dons e obrigações entre participantes e grupos sociais representados devem ser tecidas.
- 2) Aspecto formal: é formado por duas tensões principais:
 - a) Nos ritos, encontra-se uma tensão entre o caráter impositivo, rígido dos espaços, tempos e símbolos, e a ideia de plasticidade, criatividade, controle e apropriação das regras;

- b) Há também nos ritos uma tensão entre o aspecto de realidade do rito, muitas vezes, aparentando ser mais consistente do que o da própria vida, e a impressão de ficção, realidade efêmera e ilusão.
- 3) Aspecto paradoxal: os ritos incluem contradições, ambivalências e intervalores. Os autores das ritualizações penetram em um cenário de tumulto, forças pulsionais e desregulamento e de coexistência de elementos antagônicos, como vida/morte, impuro/puro, entre outros;
- 4) Aspecto lúdico: são abrangidos nos ritos não somente fenômenos que devem ser vistos com seriedade, mas também características que se relacionam com a diversão, ou, pelo menos, com o desempenho de papéis diversificados.

A ludicidade existe de maneira especial nas ritualizações realizadas na infância. Rivière (1997, p. 115) comenta que os ritos estão presentes antes mesmo da criança nascer, no nome dado ao indivíduo pelos pais, “[...] atitude que vai atuar sobre o neném no momento do reconhecimento e do encontro, no meio de uma enxurrada de palavras que vão atingi-lo unicamente pelo invólucro sonoro”. A pronúncia do nome da mãe e do pai, que será constantemente incentivada pelos responsáveis, será também uma das primeiras experiências verbais da criança. Esses rituais atuam diretamente na representação do sujeito, como também na identificação de si mesmo e dos demais.

Rivière (1997) salienta também outros exemplos de ritualizações na infância. Entre eles estão, além dos sorrisos e beijos, as mamadeiras em horas fixas, os gestos de tomar a criança nos braços, a espera de um presentinho quando o pai volta de viagem, um passeio de carro ou uma ida ao cinema no final de semana. Ainda, pode-se destacar os ritos associados às datas festivas, como o aniversário e a realização de uma refeição especial, e o Natal e a espera pelo presente e o Papai Noel. O Natal Luz, por meio de suas diferentes atrações, reforça essa e outras ritualizações que acontecem na festa natalina.

Os ritos também podem ser ligados à fase da criança de discriminação do bem e do mal.

A noção de lei moral elabora-se na ritualização da aprovação e reprovação em situações recorrentes com forte carga simbólica. Um elemento numinoso aparece nos julgamentos da conduta infantil pelas pessoas mais próximas. Através deles, constrói-se a aura da autoridade e a imagem concreta da justiça (RIVIÈRE, 1997, p. 116).

Ainda, os variados ritos são responsáveis por fornecer modos de agir às crianças. Nas relações com o outro, que se dão de forma bastante espontânea na infância, são constituídos objetos de negociação e escalas de dominação e liderança, por meio da postura, dos gestos, do

vestuário, entre outros. Cada expressão, mesmo que com aspecto insignificante, determina estatutos e comportamentos que influenciam nas diferentes interações (RIVIÈRE, 1997).

Na infância, conforme Rivière (1997), de maneira geral, as ritualizações estão atreladas a meios que garantem a segurança da criança, bem como permitem o enfrentamento da realidade. Além disso, vinculam-se a regras e referências que auxiliam na aprendizagem posterior, na vida adulta, e nas repetições lúdicas que satisfazem a necessidade de encantamento.

No entanto, deve-se ainda destacar que nem todas as manifestações, tanto na infância quanto nas etapas subsequentes, podem ser consideradas ritos. De acordo com Rivière (1997), as forças morais que as ritualizações exprimem são reais e não têm por função despertar e manter imagens vazias sem objetivo, expressas pela mera satisfação e entretenimento de vê-las se manifestar.

De acordo com Rivière (1997), em geral, as crianças estão propensas a adicionar ritualizações no dia a dia à medida que gostam de regularidade, de gestos repetitivos e de hábitos da vida cotidiana. Contudo, também sentem com frequência a necessidade de mudar de atividade, o que pode ocasionar no bloqueio ou no atraso da expressão total e completa de um rito já iniciado.

No que concerne às crianças, é possível associá-las a diferentes rituais que influenciam no modo de agir e de ver o mundo. Dentre as variadas ritualizações relevantes na infância, destacam-se os procedimentos presentes na festa natalina. A seguir serão abordadas mais informações sobre essa festividade.

4.3. A FESTA NATALINA

Conforme Durkheim (2003), devido às exaltações que provocam, resultantes do sentimento de pertencimento gerado, as festas são responsáveis por aproximar os membros dos grupos que as celebram. Para Sirota (2005), todas as festividades, atreladas à religião ou não, têm o efeito de unir os sujeitos, movimentar as massas e suscitar um estado de efervescência, às vezes semelhante ao delírio. Ao festejar com sua família e amigos, o indivíduo desenvolve sua identidade e seu pertencimento social, construindo seu círculo e fazendo escolhas do que deseja levar para o seu cotidiano.

Sirota (2005) ainda salienta que as festividades, como as festas de aniversário, e pode-se pensar também, o Natal, a partir dos processos ritualizados, servem para a construção da cultura da comunidade em questão. Além disso, o sujeito, predisposto a colocar sua criatividade

para reinventar sua própria história e novas realidades, tem a capacidade de redefinir e reinterpretar costumes. Perez, Amaral e Mesquita (2012) complementam que as festas atuam como expressões culturais, permitindo compreender dimensões do trabalho, da política, da economia, da religião, da comunicação, e como se estrutura a sociedade.

Além disso, de acordo com Perez, Amaral e Mesquita (2012), nas festividades pode-se perceber a presença da ambiguidade modernidade/tradição. É possível observar adaptações e atualizações na estrutura dos ritos a serem utilizados, bem como particularidades da ação individual, ao mesmo passo em que pode-se encontrar a manutenção de certa ordem cultural e histórica.

Perez, Amaral e Mesquita (2012) destacam ainda que, por meio de manifestações como música, dança e teatro, presentes nas festividades, o participante da comemoração é transportado para longe de suas ocupações e preocupações diárias. Esses espaços proporcionam aberturas nas fendas do real, onde figuras alteradas, ou mesmo grotescas, e associações lúdicas e fantásticas ganham proeminência.

A festa natalina, que faz uso de diferentes figuras, como o Papai Noel, os anjos e as renas, é considerada, no Brasil, uma festa sacro-profana. Isto é, de maneira geral, embora a festividade tenha como base conteúdos míticos religiosos, também é formada por festejos considerados profanos. Segundo Perez, Amaral e Mesquita (2012), a estrutura do Natal é praticamente a mesma em todo país, Entretanto, não é possível encontrar duas festas idênticas, uma vez que os procedimentos seguidos costumam denunciar identidades regionais e locais.

Nesse sentido, a experiência de se viver uma festa natalina não será a mesma para todos, visto que a sequência ritual pode variar, bem como o significado dado à festividade por cada sujeito participante. Todavia, de forma geral, o Natal é considerado, desde os primórdios, uma das principais festividades para os brasileiros. No Almanaque do Rio de Janeiro do ano de 1817 (excerto a seguir), por exemplo, que tem como objetivo descrever as datas relevantes para a Grande Gala da Corte, já era possível encontrar a celebração elencada (PEREZ; AMARAL; MESQUITA, 2012).

- 6 de janeiro - Dia dos Reis;
- 7 de abril - Primeira Oitava de Páscoa;
- 13 de maio - Nascimento da Rainha Nossa Senhora;
- 13 de maio - Nascimento d'El Rei Nosso Senhor;
- 11 de junho - Procissão de Corpus Christi;
- 14 de junho - Dia do Nome d'El Rei Nosso Senhor;

- 15 de julho - Dia da Sereníssima Senhora d. Maria Francisca Benedita;
- 12 de outubro - Dia do Sereníssimo Senhor d. Pedro de Alcântara;
- 4 de novembro - Dia do Nome da Rainha Nossa Senhora;
- 8 de dezembro - Dia da Conceição da Santíssima Virgem Padroeira do Reino;
- 25 de dezembro - Natal.

O termo “Natal” é oriundo da palavra do latim *natalis*, que, por sua vez, é derivada do verbo nascer (*nāscor*). Já a palavra *Christmas*, do inglês, evoluiu de *Christes maesse* (Christ's mass) que significa “missa de Cristo”. A festividade teve sua origem em festas pagãs realizadas na Antiguidade. Nessa data, os romanos celebravam a chegada do inverno, que geralmente acontece entre os dias 21 e 22 de dezembro, próximo ao dia em que se comemora hoje o Natal. Na noite do solstício de inverno, aconteciam grandes festas que buscavam fertilidade e o renascimento do sol (HOLLARD, 1966).

No decorrer dos anos, a festa evoluiu e passou a ser realizada em homenagem a Mitra, personagem que foi introduzido na mitologia romana e tornou-se um dos principais deuses do panteão de Roma. A festividade celebrava o suposto nascimento dessa divindade, que era considerada o símbolo da luz. Mais tarde, teve início outra comemoração pagã que contribuiu para o nascimento da simbologia natalina, especialmente no Hemisfério Norte. A festa, conhecida como *Yule* ou *Jól*, acontecia entre os povos nórdicos e arrastava-se de 21 de dezembro a meados de janeiro. A árvore de Natal é um dos elementos herdados dessa celebração (HOLLARD, 1966).

Posteriormente, com a consolidação do Cristianismo, a festividade foi oficializada como *Natale Domini* (Natal do Senhor). Uma vez que não se tem conhecimento sobre o dia exato em que Jesus nasceu, essa foi uma maneira de cristianizar as festas pagãs romanas, conferindo-lhes uma nova simbologia. Inicialmente, os cristãos interessavam-se mais por datas atreladas à morte e à ressurreição de Cristo, por essa razão, a Páscoa era considerada a grande celebração anual (HOLLARD, 1966).

A história do Natal, para Belk (1987), reflete a luta persistente entre as forças religiosas e seculares. Hoje, no Brasil, conforme Vargas (2014), o ciclo natalino é curto e se estende de 24 de dezembro, véspera de Natal, a 06 de janeiro, dia dos Reis. Nesse período, ocorrem cultos, novenas e missas especiais, responsáveis por demarcar o território das igrejas, praças e ruas, fomentando a tradição e a fé cristã. No dia 25 de dezembro é celebrado o nascimento de Jesus Cristo.

Atualmente, segundo Belk (1987), o Natal é considerado um proeminente feriado religioso e uma das datas mais lucrativas para comerciantes do mundo cristão. É possível também incluí-la no âmbito comercial não-cristão, dado que, em virtude da influência da hegemonia norte-americana e à popularidade das figuras míticas natalinas, como o Papai Noel, a data também proporciona aumento nas vendas em países onde o Cristianismo não é a religião majoritária.

Lévi-Strauss (2003) salienta que o Natal, resultado direto da influência e do prestígio dos Estados Unidos, é essencialmente uma festa moderna, apesar da multiplicidade de suas características arcaizantes. Além disso, trata-se de um ritual cuja importância já flutuou bastante na história, conhecendo apogeu e declínios. Hoje, assume, cada vez mais, uma relevância sem precedentes em termos materiais, sociais, econômicos, entre outros.

De acordo com Almeida, Oliveira e Vargas (2011), a comemoração natalina está se tornando cada dia mais uma manifestação urbana e globalizada, com a participação de símbolos como a árvore de Natal e o Papai Noel, e o consumo de decorações e presentes. Em contrapartida, elementos populares tradicionais como a lapinha, a capelinha e a quermesse estão cada vez mais distantes, fazendo-se presentes somente em determinados territórios brasileiros.

Com a intenção de se compreender o contexto histórico e social, bem como os procedimentos rituais do Natal, torna-se necessário discorrer sobre os principais símbolos da festa natalina. Dentre eles, destacam-se as luzinhas e as velas. Para Vargas (2014), no período da celebração, as casas, as igrejas e os locais públicos são ornados com esses objetos com o intuito de anunciar a chegada do nascimento de Jesus, que assume o papel de representar a luz e de dissipar as trevas, a escuridão. Esses elementos são, em termos simbólicos, tão importantes para a festa natalina que deram origem ao nome do maior evento de Natal do país, o Natal Luz, objeto deste estudo.

Vargas (2014) adiciona que o presépio natalino também é outro componente a ser frisado, visto que se faz presente nas igrejas, nos lares e nos diversos espaços das cidades na época do Natal. Em diferentes tamanhos, cores e materiais, que variam conforme possibilidades financeiras e regiões demográficas, a adaptação tem o objetivo de reforçar a união do mundo material à dimensão divina, promovendo o encontro de Cristo com sua família terrena. Além dos anjos, dos Três Reis Magos e dos animais, participam da montagem o Menino Jesus, sua mãe, a Virgem Maria e o seu pai adotivo, São José.

Rivière (1997) salienta que a refeição festiva é outro aspecto fundamental a ser elencado sobre a festa natalina. A ceia de Natal, elaborada a partir de tradições culinárias, caracteriza-se por seu caráter particular familiar. Sua origem é atrelada ao antigo costume europeu de deixar

as portas das casas abertas no dia da celebração para receber viajantes e peregrinos. Segundo o autor, esse tipo de confraternização possibilita o reencontro entre familiares e a estabilização e a coesão social.

A música natalina, originada na igreja a fim de celebrar o nascimento de Jesus e reforçar os valores cristãos, é outro elemento a ser considerado sobre o Natal, especialmente em países cristãos, tanto católicos quanto protestantes. Perez, Amaral e Mesquita (2012) comentam que as músicas podem ser consideradas um dos principais canais de comunicação com o sagrado, conferindo à celebração um caráter emocional, que atua como veículo de expressão de sentimentos, ideias e valores.

Lévi-Strauss (2003) menciona que a árvore de Natal, símbolo da fertilidade e da continuidade da vida, é outro ponto a ser analisado ao se pensar na festa natalina. O pinheiro, como se conhece hoje, trata-se de uma invenção recente, com surgimento no século XVI, na Alemanha. Conforme o autor, sua origem está atrelada à necessidade de se montar um objeto que concentrasse todas as exigências simbólicas já apresentadas de maneira dispersa, como as luzes, a estrela de Belém etc.

Sirota (2005), por outro lado, comenta que os presentes, a partir da análise do Natal como um ritual de socialização, assumem um papel fundamental na festividade. Segundo a autora, eles são responsáveis por modelar a identidade do sujeito, bem como construir seu vínculo social. Belk (1987) salienta que os presentes natalinos extrapolam os valores comerciais e utilitários, uma vez que estão imbuídos de significados culturais e propriedades simbólicas, além de serem considerados um elemento de troca entre as relações sociais.

Os presentes ganham ainda maior relevância ao serem relacionados ao Papai Noel, figura que, em muitas culturas ocidentais, é responsável por escolher e levar os presentes aos lares de crianças bem-comportadas. No próximo tópico, será apresentado a função desse personagem natalino, bem como seu caráter histórico.

4.3.1 O Papai Noel

De acordo com Belk (1987), dentre os elementos simbólicos atribuídos à festa natalina, destaca-se o Papai Noel, associado à tradição de presentear. Com participação em shoppings, campanhas publicitárias, lojas de departamento, decorações e eventos (como no caso do Natal Luz), a figura do “bom velhinho” tornou-se o símbolo mais popular e mais presente da festividade.

A maneira na qual o Papai Noel apresenta-se hoje é um combinado de elementos antigos e modernos. No decorrer dos anos, foram encontradas fórmulas para perpetuar, transformar ou revivificar antigos usos. Segundo Lévi-Strauss (2003), a variedade de nomes atribuídos ao personagem ao longo da história, Papai Noel, São Nicolau, Santa Claus etc., demonstra o caráter adaptável e flexível da figura natalina.

A história atual sobre a residência do Papai Noel, conforme Lévi-Strauss (2003), desenvolveu-se sobretudo no curso da Segunda Guerra Mundial, em razão da permanência de algumas forças americanas na Islândia e na Groenlândia. Já a ideia de seu meio de transporte, o trenó puxado por renas, teve origem na Renascença, época em que se elaboravam troféus em formato de renas para os campeões das competições natalinas. Os duendes, ajudantes do Papai Noel, por outro lado, tiveram sua origem na tradição escandinava, a partir de trabalhadores que atuavam protegendo as casas.

Lévi-Strauss (2003) salienta que o semblante do Papai Noel moderno é resultado da fusão sincrética de vários atores ao longo da história. O autor realiza uma analogia entre a figura do “bom velhinho” no Natal e o personagem do ritual *katchina* dos índios do sudeste dos Estados Unidos, visto que ambos se tratam de sujeitos fantasiados e mascarados que, sob a encarnação de deuses e ancestrais, retornam periodicamente para visitar, dançar, punir e premiar as crianças. Ademais, o autor também apresenta o próprio São Nicolau como referência, cuja festa, também em dezembro, remonta às crenças relativas às meias e aos sapatos nas lareiras.

Embora já se saiba que a barba branca faça referência ao seu caráter ancião, encarnando a forma benevolente da autoridade dos idosos, e a touca e as botas indiquem o frio de sua região de origem, a categoria simbólica na qual o Papai Noel encontra-se ainda é muito discutida. Para Lévi-Strauss (2003, p. 10), o personagem não pode ser considerado um ser mítico

[...] pois não há um mito que dê conta de sua origem e de suas funções; ainda menos é um personagem de lenda, pois nenhum relato semi-histórico lhe está associado. Na verdade, este ser sobrenatural e imutável, eternamente fixado na sua forma e definido por uma função exclusiva e por um retorno periódico, descende principalmente da família das divindades. Recebe, aliás, um culto por parte das crianças, em certas épocas do ano, sob a forma de cartas e de pedidos. Recompensa os bons e exclui os malvados. É a divindade de uma classe de idade de nossa sociedade – classe esta que a própria crença em Papai Noel basta para caracterizar. A única diferença em relação a uma divindade verdadeira é que os adultos não acreditam em Papai Noel, embora estimulem suas crianças a crer nele e sustentem esta crença por um grande número de mistificações.

O Papai Noel não pode ser elencado em apenas uma categoria, uma vez que se liga a um vasto conjunto de crenças, tradições, ritos e práticas que variam conforme a localidade e o

contexto histórico, bem como o olhar atento do sujeito. Além disso, de acordo com Lévi-Strauss (2003), é possível diferenciar o sentido dado pelas crianças do significado atribuído pelos adolescentes e adultos.

Ainda, deve-se considerar a ritualização atrelada a essa figura natalina. Conforme Lévi-Strauss (2003), os ritos de iniciação têm uma função prática nas sociedades humanas: auxiliar os mais velhos a manter os mais novos na ordem e na obediência. No caso do Natal, ao invocar a visita do Papai Noel durante todo o ano, os responsáveis pelas crianças reforçam que a generosidade do “bom velhinho” “[...] será medida pelo bom comportamento delas; e o caráter periódico da distribuição dos presentes tem a utilidade de disciplinar as reivindicações infantis, de reduzir a um período curto o momento em que estas têm verdadeiramente o direito de exigir presentes” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 11).

Nesse sentido, segundo Lévi-Strauss (2003), o processo de ritualização em torno do Papai Noel revela a segregação entre gerações, visto que, excluídas da sociedade dos adultos pela ignorância de certos mistérios, as crianças são ludibriadas e iludidas, até o momento em que o adulto decidir desvelar os segredos. “Vê-se imediatamente que a crença em Papai Noel não é apenas uma mistificação infligida agradavelmente pelos adultos às crianças. É, em grande medida, resultado de uma transação muito onerosa entre duas gerações” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 12).

Em suma, tanto os elementos natalinos elencados anteriormente quanto a figura do Papai Noel, são envoltos por processos simbólicos, que podem variar conforme vivências, faixa etária, entre outros. O evento Natal Luz, que será analisado no próximo capítulo, utiliza desses recursos para encantar os sujeitos, sobretudo, as crianças. No tópico a seguir serão apresentadas as estratégias metodológicas selecionadas para que os objetivos propostos para este estudo sejam alcançados.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A escolha adequada da metodologia é fundamental na busca em alcançar os objetivos elencados. Para Severino (2000, p. 18), “[...] metodologia é um instrumental extremamente útil e seguro para a gestação de uma postura amadurecida frente aos problemas científicos, políticos e filosóficos que nossa educação universitária enfrenta”. A seguir serão apresentadas as estratégias metodológicas selecionadas.

5.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico, pois, de acordo com Amaral (2007), ela influenciará todas as etapas de uma pesquisa, à medida que der o embasamento teórico no qual se baseará o trabalho. Essa estratégia metodológica apoia-se no levantamento, seleção, fichamento e organização de informações relacionadas ao tema e aos objetivos propostos do estudo. Para realizar essa etapa de modo adequado, é necessário entender a importância de definir com clareza os procedimentos metodológicos (tipo de pesquisa, universo delimitado, instrumento de coleta de dados) que envolverão sua execução, assim como a exposição correta das fontes, de modo a apresentar as lentes que guiaram todo o processo (LIMA; MIOTO, 2007).

Neste trabalho, a pesquisa bibliográfica foi primordial, não somente para embasar as análises que servirão para que o objetivo geral da pesquisa seja alcançado, como também para auxiliar na compreensão dos objetivos específicos propostos. Além disso, esse tipo de estratégia metodológica faz parte do processo de pesquisa etnográfica, que será apresentada a seguir.

5.2 ETNOGRAFIA

Segundo Geertz (1989), a etnografia implica em uma extensa recolha de dados durante um período mais ou menos longo, de forma naturalística. Além disso, de acordo com o autor (GEERTZ, 1989), nesse tipo de pesquisa é necessário que o investigador considere a cultura do grupo com quem trabalha, entendendo-a como um conjunto de padrões, de comportamento e de crenças que permitam compreender o modo de agir dos membros do grupo em questão.

Travancas (2006) enfatiza que os etnógrafos devem seguir as quatro seguintes etapas:

1. Pesquisa bibliográfica: antes de realizar a etnografia propriamente dita, o investigador, como informado no item anterior, precisa elaborar um levantamento bibliográfico sobre o tema, isto é, deve compreender o que já se sabe sobre o grupo em questão;
2. Elaboração de um diário de campo: com o intuito de registrar de modo descritivo o que presenciar no campo, o investigador precisa adquirir um diário que, além de abranger tudo o que foi observado, escutado e percebido durante o campo, também deve conter alguns pontos e questionamentos pensados previamente a respeito do grupo escolhido;
3. Entrada no “campo”: depois de realizar a pesquisa bibliográfica e adquirir o diário de campo, o pesquisador deve inserir-se no grupo. Dentro do campo, é possível compreender melhor os comportamentos dos indivíduos selecionados para a pesquisa, além de entender a necessidade ou não de utilizar outros procedimentos metodológicos, como entrevistas, observação participante etc.;
4. Construção do texto: além de realizar a transmissão das falas ouvidas e dos comportamentos observados, o pesquisador tem o papel fundamental de interpretar. “Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. O trabalho final do antropólogo – seu texto – é fruto de muitas vozes. Das vozes nativas, das vozes dos autores com quem dialoga e da sua voz” (TRAVANCAS, 2006, p. 103).

A partir desses pressupostos, realizou-se o campo etnográfico desta pesquisa, no evento Natal Luz, no ano de 2020, que será apresentado a seguir.

5.2.1 O campo

Devido à pandemia do novo Coronavírus, o Natal Luz de 2020 foi remodelado para garantir a segurança dos seus visitantes. A fim de tentar evitar que os sujeitos se concentrassem em determinadas datas nas atrações, com o intuito de aproveitar a festividade, o Natal Luz teve maior duração, começando no mês de outubro, ao invés de novembro, seguindo até janeiro, como de modo habitual. Além disso, não foram realizados os espetáculos com venda de ingresso antecipado, que aglomeravam centenas de pessoas, como desfiles, teatros e musicais.

A festividade durou 83 dias (a contar da primeira atividade até a última), nesse sentido, elencou-se a metade, 42 dias, para a imersão no campo – de 2 de novembro de 2020 a 02 de janeiro de 2021. Nesse período, foram definidos turnos (manhã, tarde e noite), como mostrado no quadro 1. A etnografia foi adaptada e ocorreu em dias e horários determinados (e não na totalidade do evento) não somente para manter a segurança da pesquisadora, como também para

abranger a diversidade dos públicos, uma vez que os participantes poderiam ser de perfis diferentes dependendo dos turnos.

Quadro 1 - Roteiro

NÚMERO	DIA MÊS	LOCAL	TURNO	DIA SEMANA
1	22/11	1	NOITE	DOMINGO
2	23/11	2	TARDE	SEGUNDA
3	24/11	3	MANHÃ	TERÇA
4	25/11	3	NOITE	QUARTA
5	26/11	1	TARDE	QUINTA
6	27/11	2	MANHÃ	SEXTA
7	28/11	2	NOITE	SÁBADO
8	29/11	3	TARDE	DOMINGO
9	30/11	1	MANHÃ	SEGUNDA
10	1/12	1	NOITE	TERÇA
11	2/12	2	TARDE	QUARTA
12	3/12	3	MANHÃ	QUINTA
13	4/12	3	NOITE	SEXTA
14	5/12	1	TARDE	SÁBADO
15	6/12	2	MANHÃ	DOMINGO
16	7/12	2	NOITE	SEGUNDA
17	8/12	3	TARDE	TERÇA
18	9/12	1	MANHÃ	QUARTA
19	10/12	1	NOITE	QUINTA
20	11/12	2	TARDE	SEXTA
21	12/12	3	MANHÃ	SÁBADO
22	13/12	3	NOITE	DOMINGO
23	14/12	1	TARDE	SEGUNDA
24	15/12	2	MANHÃ	TERÇA
25	16/12	2	NOITE	QUARTA
26	17/12	3	TARDE	QUINTA
27	18/12	1	MANHÃ	SEXTA
28	19/12	1	NOITE	SÁBADO
29	20/12	2	TARDE	DOMINGO
30	21/12	3	MANHÃ	SEGUNDA
31	22/12	3	NOITE	TERÇA
32	23/12	1	TARDE	QUARTA
33	24/12	2	MANHÃ	QUINTA
34	25/12	2	NOITE	SEXTA
35	26/12	3	TARDE	SÁBADO
36	27/12	1	MANHÃ	DOMINGO
37	28/12	1	NOITE	SEGUNDA
38	29/12	2	TARDE	TERÇA
39	30/12	3	MANHÃ	QUARTA
40	31/12	3	NOITE	QUINTA
41	01/01	1	TARDE	SEXTA
42	02/01	2	MANHÃ	SÁBADO

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Por se tratar de um evento que se estende por toda a cidade, realizaram-se estudos em três diferentes locais do município: Rua Coberta (quatorze vezes, sendo cinco noites, cinco tardes e quatro manhãs), Vila de Natal (quatorze vezes, sendo cinco noites, quatro tardes e cinco

manhãs) e Aldeia do Papai Noel (quatorze vezes, sendo quatro noites, cinco tardes e cinco manhãs), conforme apresentado na figura 2. Ao acessar a programação do evento, apenas as atividades localizadas nesses espaços aconteciam de forma fixa e diária. O restante ocorria somente de maneira aleatória pela cidade, em horários e dias não especificados.

Figura 2 - Mapa do campo



Fonte: elaborada pela autora (2021) a partir de Gramado... (c2022).

O número 1 no mapa acima se refere à Rua Coberta, localizada no centro da cidade de Gramado. Originalmente chamado de Rua Madre Verônica, o espaço passou por alterações há alguns anos, com a montagem de uma estrutura de acrílico e com o impedimento de passagem de carros. Hoje, trata-se de um ambiente gratuito de 100 metros de comprimento, que liga a principal avenida do município, a Borges de Medeiros, com a Rua Garibaldi. Considerado um ponto de encontro o ano inteiro, tanto para moradores quanto turistas, o local dispõe de restaurantes, lojas e cafés, além de diferentes atrações, como desfiles e música ao vivo. Durante o Natal Luz, a Rua Coberta conta com diferentes adornos decorativos, como luzes e árvores de Natal. Além disso, é utilizada como o palco do acendimento das luzes, que é realizado todos os dias a partir das dezenove horas.

O número 2 no mapa é a Aldeia do Papai Noel, o único parque natalino no país. A ideia surgiu a partir das iniciativas realizadas para a construção do Natal Luz. Atualmente, o espaço, aberto o ano todo, conta com variadas atrações, dentre elas, destaca-se a Casa do Papai Noel,

composta por cômodos decorados como cozinha, sala, banheiro, escritório da correspondência e sala dos bichos de pelúcia, a Árvore dos Desejos, com a disponibilização de plaquinhas de madeira para a escrita de pedidos ao Papai Noel, e a Fábrica de Brinquedos, constituída pela primeira máquina de fazer bolinhas de Natal do Brasil. Também é possível encontrar no local brinquedos como o Trenó Voador e o Monorail, e animais verdadeiros, como cervos e cachorros da raça São Bernardo. Os ingressos para acessar o parque variam de trinta reais, para crianças, a quarenta e seis reais, no caso dos adultos (preços do ano de 2020). No entanto, por se tratar de visitas com fins acadêmicos, foi possível acessar a Aldeia do Papai Noel gratuitamente.

Já o número 3 no mapa remete à Vila de Natal, localizada na Praça das Etnias. O local, aberto de forma gratuita todos os dias de evento, recebe expositores locais e seus produtos artesanais natalinos. Além disso, o espaço, considerado um dos lugares mais simbólicos e lúdicos do município durante o Natal Luz, é responsável por abrigar diferentes apresentações de Natal e por permitir aos seus visitantes contato direto com o Papai Noel, o qual tira fotos e recebe cartas e abraços das crianças.

É necessário destacar que a pesquisadora realizou a imersão como alguém que usufrui do evento, envolvendo-se nas atrações como os demais participantes. Ainda, a viabilidade deste trabalho se deu em decorrência da entrada ser gratuita em dois dos espaços selecionados para análise (Vila de Natal e Rua Coberta), e na obtenção da gratuidade, após a apresentação do tema da pesquisa aos responsáveis, no terceiro local (Aldeia do Papai Noel). Além disso, o estudo foi viável por Gramado ser a cidade onde a pesquisadora mora e por sua família não estar em isolamento, devido à sua ocupação no setor turístico.

Além disso, deve-se salientar que o irmão da pesquisadora, Miguel, de 9 anos, imagem a seguir (FIGURA 3), pediu para que pudesse acompanhar a imersão alguns dias, visto que aprecia o evento e a celebração natalina. Por se tratar de uma pesquisa com o público infantil, entendeu-se que a companhia seria interessante, não somente para que presença da pesquisadora se desse de forma menos explícita, mas também para que fosse possível ter a companhia de uma criança, expressando suas visões e observações sobre as situações vivenciadas.

Figura 3 - Pesquisadora no campo com seu irmão Miguel



Fonte: elaborada pela autora (2020).

5.2.2 Instrumentos

Inicialmente foi utilizado um caderno de campo para que fosse apontado tudo o que fosse considerado relevante para a pesquisa, como sons, percepções, observações, além de um celular, com o intuito de registrar elementos como decoração, vestimentas, públicos, entre outros. Entretanto, a partir da segunda semana de imersão escolheu-se usar apenas o celular, tanto para capturar fotografias e vídeos, quanto para substituir o caderno de campo para fins de anotações, uma vez que a pesquisadora, ao transitar pelos espaços portando o caderno, sentia-se desconfortável e observada com estranhamento.

É necessário salientar também que os participantes do evento utilizavam frequentemente tecnologias da informação e da comunicação, ou seja, tratava-se de um ambiente em que a captura de imagens por seus frequentadores era constante. Ainda assim, com o intuito de preservar a privacidade dos sujeitos, nos registros fotográficos, utilizados apenas para fins de estudo, os envolvidos serão mantidos em anonimato.

5.2.3 O Natal Luz na pandemia

É necessário frisar que, como comentado anteriormente, a edição da festividade analisada se deu em meio à pandemia da COVID-19, e o cumprimento das medidas sanitárias por parte dos participantes se fazia obrigatório. Grande parte dos adultos e cerca de metade das crianças observadas, assim como relatado na imagem (FIGURA 4), utilizavam máscaras sempre ao se locomover. Contudo, deve-se frisar que foi visualizado mau uso do equipamento constantemente. Foram observados sujeitos, especialmente mais novos, colocando a proteção

acima ou abaixo da região do nariz e da boca, deixando cair no chão etc., diferentemente do que é indicado.

Figura 4 - Criança usando máscara



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Além disso, reparou-se também que ao posar para fotografias e vídeos, os sujeitos tendiam a retirar o equipamento de proteção individual, o que ocasionava, muitas vezes, em advertências dos responsáveis por fiscalizar o evento. No décimo terceiro dia, na Vila de Natal, foi observado cerca de dez repreensões por parte dos fiscais em apenas um turno de imersão, com falas como “*Estamos na bandeira vermelha, não pode tirar nem pra foto*”, seguidas de justificativas e explicações dos advertidos. Foram testemunhados também pedidos dos participantes, especialmente dos pais, para que pudessem fotografar os filhos sem máscara diante das atrações do evento, que foram negados pelos profissionais incumbidos de fiscalizar.

Testemunhou-se ainda, no trigésimo primeiro dia, na Vila de Natal, senhores debatendo, ao ler as placas com as medidas sanitárias necessárias para participar do evento, o uso do equipamento por parte das crianças. Também sobre isso, pode-se comentar sobre situações vivenciadas em que os participantes mais novos tentavam retirar o equipamento de proteção individual. Como exemplo pode ser citado uma menina, na Rua Coberta, no décimo oitavo dia de imersão, entregando a máscara para a sua avó e expressando a seguinte fala: “*Não quero mais, vó, pega*”.

Por fim, observou-se também fiscais reclamando uns com os outros o quão desgastante estava sendo ter que insistir frequentemente para os participantes colocarem e permanecerem

com as máscaras. É preciso, todavia, destacar ainda que, ao acessar espaços como a Vila de Natal e a Aldeia do Papai Noel, era necessário, na entrada, realizar a aferição da temperatura. Nas imersões iniciais, situadas nos primeiros dias de evento, confirmou-se o cumprimento da medida. Entretanto, no decorrer do campo, observou-se que o cuidado não continuou sendo seguido, visto que a medição parou de ser realizada ou, ao ser efetivada, não era verificada corretamente pelos profissionais responsáveis.

5.2.4 Perfil: a experiência de quais crianças?

A partir do pressuposto apresentado anteriormente por Qvortrup (1991), que descreve a infância como um conjunto de características que as crianças têm em comum, em determinado espaço, com parâmetros sociais, econômicos e políticos semelhantes, com a finalidade de se compreender a experiência da criança no evento Natal Luz, objetivo desta pesquisa, torna-se preciso em primeiro lugar considerar qual é o perfil do indivíduo participante. No entanto, deve-se destacar que, em função de não terem sido aplicados questionários ou entrevistas, não é possível traçar um perfil único e exato dos sujeitos, e sim relatar comportamentos que possam indicar padrões, como origem, cor, vestimenta, idade e configuração familiar.

De forma geral, pôde-se reparar, ao escutar as falas das crianças, que grande parte dos participantes do evento não era do Rio Grande do Sul, uma vez que apresentava sotaques comumente encontrados em outros estados. Pode-se citar como exemplo um menino percebido no primeiro dia, de cerca de 10 anos, oriundo da Região Nordeste, que incorporava em seu discurso expressões como “oxi”.

Foi notado também que, embora o público fosse proveniente de diferentes localidades brasileiras, a grande maioria dos sujeitos participantes tratava-se de pessoas brancas. Há somente um registro de uma família negra, nas diferentes anotações, imagens e vídeos capturados, que se deu no décimo primeiro dia, na Aldeia do Papai Noel. A situação atraiu a atenção da pesquisadora uma vez que o adulto do grupo, ao transitar pelo museu (que abordava a história e o desenvolvimento dos brinquedos no decorrer dos anos), comentou com a criança presente: *“Olha aqui como quase nenhum boneco anteriormente era negro”*.

Outra questão visualizada refere-se à vestimenta dos participantes. As crianças envolvidas na festividade geralmente estavam bem agasalhadas. Mesmo que o evento tenha acontecido no verão, nos meses considerados mais quentes, os sujeitos, tanto os mais novos quanto os adultos, utilizavam trajes normalmente atreladas ao frio, como casacos, botas e toucas, como exposto na imagem a seguir (FIGURA 5), com duas crianças na Rua Coberta, no

final do mês de novembro. Na noite em que a captura foi feita, a temperatura no município estava em 20°C. É possível relacionar essa observação com a ideia já comentada por Dorneles (2001), que associa o frio, a neve e o hemisfério norte aos sentidos atribuídos ao município de Gramado/RS. Deve-se salientar também que, de maneira geral, as roupas, os tênis e os acessórios usados normalmente faziam referência a marcas conhecidas mundialmente, como *Nike, Polo, Adidas e Tommy Hilfiger*.

Figura 5 - Vestimenta dos participantes



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ainda em termos de vestuário, foi possível observar também a utilização de roupas e acessórios personalizados por famílias e grupos, com frases e estampas customizadas, que, com frequência, remetiam ao evento e à festa natalina. O uso de capas de chuva, conforme exibido na imagem (FIGURA 6) também foi recorrente, mesmo em dias em que o sol estava presente, o que pode ser relacionado novamente ao imaginário do município de um lugar não brasileiro e de europeização já apresentado.

Figura 6 - Criança utilizando capa de chuva



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ademais, é possível destacar também que, ao analisar o material coletado, pode-se dizer que o público infantil do evento refere-se majoritariamente a crianças com cerca de até 6 anos de idade. Essa faixa etária está presente em pelo menos metade das mais de 300 capturas fotográficas realizadas durante o campo. Além disso, foi observada a presença constante de participantes transitando em carrinhos de bebê pelos variados espaços do evento, como apresentado em seguida na imagem (FIGURA 7).

Figura 7 - Criança no carrinho de bebê



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Outro ponto que pode ser comentado é que as crianças normalmente circulavam pelas diferentes atrações do evento portando algum objeto, como bonecas, balões e carrinhos. Foi observado também, conforme mostrado na imagem abaixo (FIGURA 8), muitas vezes, a

presença de sacolas da patrocinadora oficial do Natal Luz, a Criamigos. A loja, originada na cidade de Gramado e destinada ao público infantil, possibilita à criança personalizar seu animal de pelúcia, selecionando suas vestimentas, seus acessórios e, inclusive, sua voz. Além disso, permite que os consumidores escolham figuras natalinas para customizar, com adereços próprios da festividade, como a touca do Papai Noel.

Figura 8 - Sacola da loja Criamigos



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Pode-se perceber também, ao analisar imagens, vídeos e anotações realizadas, a configuração familiar das crianças presentes no evento. De forma geral, foi possível observar que os participantes eram acompanhados somente por seus pais. A presença de irmãos e de avós foi reparada somente em poucos casos.

5.2.5 A experiência da criança no Natal Luz

Após apresentar, de modo geral, o perfil observado pela pesquisadora, a fim de entendermos a experiência das crianças no evento, é necessário apontarmos, analisarmos e interpretarmos os dados obtidos durante o campo. Para isso, separou-se o material coletado em três dimensões, são elas: **dimensão dos fluxos, dimensão do imaginário das cidades e dimensão das ritualizações.**

A primeira dimensão foi elencada como consequência das observações realizadas durante a imersão, que apontam particularidades na maneira da criança de se movimentar pelos diferentes espaços, bem como de interagir com as atrações. Compreender os diferentes modos

de transitar e se portar pelo evento pode trazer à tona informações sobre a evolução e o estado do público observado (LA ROCCA, 2018).

Já a dimensão do imaginário das cidades surgiu a partir do pressuposto apontado por La Rocca (2018) de que atentar-se aos elementos gerados pelas variadas localidades, como sentidos sonoros e estímulos visuais, pode caracterizar a experiência de habitar o mundo do sujeito. Além disso, ao compreender a rede da cidade que o engloba, percebe-se os mitos, os deuses e as fantasias presentes em seu cotidiano (NOGUEIRA, 1998).

A terceira dimensão, por outro lado, foi baseada na ideia de que os ritos são responsáveis por dinamizar a criança modos de agir, de negociar e de se relacionar, o que impacta diretamente na experiência do sujeito. Ademais, fazem parte dessa dimensão aspectos fundamentais da festa natalina, como o Papai Noel, a refeição festiva, o presépio, os presentes, entre outros.

5.2.5.1 Dimensão dos fluxos

Em termos da dimensão dos fluxos, é preciso comentar a respeito dos modos particulares das crianças de transitar pelos variados espaços observados pela pesquisadora. Inicialmente, pode-se destacar que a presença de crianças animadas para aproveitar o evento e todas as atrações, acarretava, muitas vezes, em comportamentos acelerados. Observou-se, na Rua Coberta, por exemplo, no quinto dia de campo, uma menina, com sua mãe, como mostrado na imagem a seguir (Figura 9). A criança, com o desejo de ver todos os espaços do Natal Luz, corria e puxava a sua acompanhante, com quem estava de mãos dadas. Além disso, a participante, ansiosa para tirar fotos com todas as atrações, comentava: “*Vamos, mãe, pronto, ela já tirou, agora é minha vez, vamos*”. A adulta pedia para que ela tivesse mais calma, pois tinham tempo e conseguiriam aproveitar todo o evento.

Figura 9 - Criança puxando seu responsável



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Foi notado um comportamento semelhante no irmão da pesquisadora, que, embora já tivesse ido ao evento em outras edições, e já conhecesse a cidade por se tratar de seu local de residência, caminhava sempre de maneira acelerada, frequentemente à frente do adulto responsável. A imagem que segue (FIGURA 10) foi capturada no sexto dia de imersão, na Aldeia do Papai Noel, espaço que, mesmo já visitado anteriormente pela criança, provocava animação e ansiedade.

Figura 10 - Irmão da pesquisadora andando à frente



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Além disso, observou-se também o movimento constante com a cabeça para todos os lados por parte da criança, com um olhar atento, para que nada pudesse passar despercebido. Dentre os diferentes comentários feitos pelo irmão da pesquisadora, destaca-se “*Eu não me canso nunca de ver isso*”, ao entrar na Aldeia do Papai Noel, no trigésimo quinto dia de imersão.

Os exemplos listados podem ser relacionados ao que foi comentado por Bladen *et al.* (2012 *apud* FERREIRA, 2018). Segundo o autor, os impactos pessoais são uma das principais mobilizações realizadas pelos eventos, por meio do fomento da animosidade, ansiedade, expectativa, assim como percebido nos sujeitos participantes.

No entanto é necessário mencionar que nem sempre a animação de participar do evento provocava passos acelerados nas crianças analisadas. Reparou-se também em participantes que, com o desejo de apreciar cada detalhe minuciosamente, andavam de maneira devagar, tocando e observando tudo, o que acarretava em falas por parte dos responsáveis como “*anda, vamos, filho, presta atenção onde tu ta andando*”, como escutado no décimo primeiro dia de imersão, na Aldeia do Papai Noel.

Embora, conforme Dorneles (2001), a sensação seja, muitas vezes, de que Gramado é uma cidade montada, diferente de qualquer outro espaço, assim como parece pertencer à Europa, pois se contrasta com o que é comumente identificado como Brasil, tanto os responsáveis pelos sujeitos que andavam com passos mais acelerados quanto os tutores dos participantes que caminhavam mais lentamente demonstravam preocupação em se separar das crianças nas quais acompanhavam. Isto é, mesmo em uma localidade considerada, com frequência, de “conto de fadas”, ou, como salientado por La Rocca (2018) ao se referir aos superlugares, de “Alice no País das Maravilhas”, a preocupação com a segurança se faz presente.

Ainda, não foi possível visualizar, durante toda a imersão, nenhuma criança transitando sozinha pelos espaços e pelas atrações do evento. Percebeu-se, inclusive, que muitos pais, avós, irmãos mais velhos, entre outros, solicitavam constantemente para que as crianças ficassem próximas. Com frequência, até mesmo, de mãos dadas, como mostrado em seguida, na Figura 11. Na situação apresentada, a criança tentava continuamente se afastar, desfazendo a união das mãos de sua responsável.

Como exemplos disso podem ser citados: “*Vem filha, tá chovendo, fica perto*”, dito por um pai, na Vila de Natal, no décimo segundo dia, e “*Catarina, não corre, tá cheio, Catarina*”, exclamado no vigésimo primeiro dia por uma senhora, provável avó da criança em questão, também na Vila. Também pode ser comentada a fala “*Presta atenção, qualquer coisa, o pai tá*

de casaco azul”, ocorrida no vigésimo sétimo dia, na Rua Coberta, e “*Melissa, se correr de mim de novo, não vai mais descer (do colo)*”, presenciada na Aldeia do Papai Noel, no vigésimo sexto dia de imersão.

Figura 11 - Criança de mãos dadas



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Pode-se também salientar que as crianças, ao transitarem pelos diferentes espaços, tinham interesse em entender os mapas e as placas disponíveis nos lugares analisados. Como na imagem a seguir (FIGURA 12), capturada no sétimo dia de imersão, na Aldeia do Papai Noel. A criança, com o intuito de poder ver todas as atrações do parque, tentava compreender o mapa do local, muitas vezes, pedindo auxílio para os seus responsáveis.

Figura 12 - Criança segurando mapa



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Além disso, foram vistos participantes com faixa etária semelhante, nos três espaços de imersão, procurando por sinalizações, para que pudessem se localizar e encontrar as demais atrações. Como uma menina, visualizada na Aldeia do Papai Noel no trigésimo terceiro dia de campo, que entendeu, por meio de uma placa, que havia renas no parque e exclamou para seus pais “*Eu vi, eu vi que tem rena, eu vi que tem rena, vamos procurar*”.

Nesses casos, é possível verificar que embora seja provável que as crianças não tenham tido o mesmo contato com a escolarização do que os adultos, são capazes de utilizar os instrumentos disponíveis para incorporar e criar significados a partir do mundo em que as rodeiam. Além do mais, assim como frisado por Prout e James (1990), elas têm a capacidade de estabelecer interações com seus pares, adultos e com o contexto em que estão inseridas.

Outro aspecto fundamental a ser frisado na dimensão dos fluxos é referente às maneiras particulares das crianças em interagir com as atrações do evento. Pode-se citar como exemplo as crianças que tentavam entrar na Casa do Papai Noel, na Vila de Natal. Embora o espaço estivesse trancado (o encontro dos participantes com o Papai Noel se dava por meio de um vidro, devido aos protocolos sanitários exigidos contra a pandemia da COVID-19), os sujeitos empenhavam-se para acessar a parte interna do local, tanto em períodos que o personagem se fazia presente quanto nos demais momentos do dia. Além disso, eram feitas tentativas de espiar, tanto pelas janelas quanto pelas portas, o conteúdo que tinha no interior da casa, como mostrado na imagem que segue (FIGURA 13), no décimo terceiro dia de campo.

Figura 13 - Menina olhando pela janela da Casa do Papai Noel



Fonte: elaborada pela autora (2020).

As situações vivenciadas na Casa do Papai Noel da Aldeia do Papai Noel também podem ser analisadas. Na atração, é possível ter contato com todos os cômodos da residência do personagem, como quarto, banheiro, sala de estar, despensa, cozinha, sala de brinquedos, entre outros. Não é possível, no entanto, entrar nos espaços, conforme imagem mostrada em seguida (FIGURA 14), uma vez que as entradas são bloqueadas. Pôde-se observar algumas vezes, todavia, crianças tentando acessar as partes internas, como, por exemplo, no décimo sexto dia de imersão. Na circunstância uma menina, que tentava entrar em todos os locais e abrir todas as portas foi advertida por seus pais, e tentou justificar sua ação comentando que estava à procura do seu presente e do Papai Noel.

Figura 14 - Bloqueio nas portas dos cômodos



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ainda, pôde-se observar que a passagem das crianças pelas atrações se dava, de modo frequente, diferentemente dos adultos. Um exemplo disso ocorreu nos primeiros dias da festividade. Na ocasião, foi possível visualizar um sujeito, de cerca de 9 anos, às dezoito horas, insistindo para poder ficar mais tempo na Rua Coberta, visto que queria assistir o acendimento das luzes, que acontecia a partir das dezenove horas: “*Nós vamos esperar sim, a gente veio para ver as luzes acenderem*”. Os pais queriam ir embora para poder descansar no hotel, após um dia de muitos passeios, Todavia, a criança pedia para que esperassem a atração acontecer, o que acabou sendo atendido pelos responsáveis.

Foi possível reparar também uma mãe pedindo para a filha, de cerca de 5 anos, para acompanhá-la, enquanto aguardavam o acendimento das luzes, na grife do Natal Luz, apresentada na imagem na sequência (Figura 15). Trata-se de uma loja localizada ao lado da Rua Coberta, responsável por comercializar produtos oficiais do evento. A criança, mesmo contrariada, aceitou o convite da mãe. Entretanto, ao saírem do estabelecimento, notaram que acabaram perdendo a atração. A filha ficou tão frustrada com a situação que acabou indo embora do local chorando.

Figura 15 - Grife com produtos oficiais do Natal Luz



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Os exemplos apresentados demonstram abertura por parte das crianças em experimentar o evento e suas atrações. Conforme já destacado por Bondía (2002), a experiência se dá a partir da capacidade de se expor, apesar do risco e da vulnerabilidade gerada, o que em geral foi percebido nos participantes analisados.

Contudo, é necessário salientar que ao mesmo passo que as crianças se demonstravam abertas para ver os diferentes espaços e as variadas atrações, também exprimiam o desejo de realizar períodos de pausa e de seguir hábitos costumeiros, como os horários para as refeições. Por se tratar de um período atípico do ano, muitas vezes, de férias dos participantes do evento, os intervalos para as refeições costumavam ser diferentes do habitual, o que era reprovado pelas crianças.

Notou-se, por exemplo, uma criança, no décimo quinto dia de campo, na Rua Coberta, exprimindo a seguinte fala: *“Não aguento mais de fome, por favor, vamos almoçar”*, às quinze horas. Já no décimo sétimo dia de imersão, na Vila de Natal, às quatorze horas, uma menina foi observada puxando seu pai pela camiseta em direção à saída do espaço, comentando a seguinte frase: *“Não vamos comer tarde hoje, por favor, tô com muita fome”*, como exposto na imagem a seguir (FIGURA 16).

Figura 16 - Menina puxando seu pai para irem almoçar



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Cenário similar foi registrado no quadragésimo primeiro dia de campo, na Rua Coberta. Na situação, ocorrida no turno da noite, dois irmãos, com menos de dez anos, insistiam exaustivamente para seus pais pararem em um dos restaurantes do espaço para que pudessem jantar. Os pais, todavia, comentaram que ainda tinham que visitar algumas atrações antes de realizar a refeição.

Tal prática realizada pelos responsáveis pode ser atrelada à ideia apresentada por Panosso Netto e Gaeta (2010) de que os sujeitos atualmente se interessam em fugir dos processos que normalmente se desenham na correria do dia a dia, como, por exemplo, o horário das refeições. Ademais, conforme salientado anteriormente por Aloha (2005), a experiência se dá, regularmente, pela descontinuidade do cotidiano, o que pode ser relacionado ao interesse dos adultos participantes em tentar romper com os comportamentos em que estão acostumados a vivenciar habitualmente.

Em suma, nessa dimensão, pode-se observar a presença predominantemente de crianças abertas, curiosas e animadas ao ter contato com as atrações dispostas do Natal Luz. Além disso, devido ao fato de estarem sempre acompanhados dos responsáveis, pode-se dizer que a vivência dos participantes no evento se dá em contato com os adultos, bem como de maneira dinâmica.

Destaca-se também a existência de comportamentos particulares por parte do público analisado, como a aceleração dos passos e a curiosidade em acessar todos os locais visualizados. É possível analisar ainda que, diferentemente dos adultos responsáveis, a criança, apesar do seu desejo em participar do evento, interessa-se em buscar por momentos de pausa e hábitos costumeiros.

Por fim, pode-se afirmar que a criança tem a capacidade de experienciar a festividade em sua totalidade de maneira própria, estabelecendo interações com as atrações, seus pares e os adultos. Além do mais, é capaz de utilizar todas as ferramentas disponíveis para incorporar e produzir significados a partir do contexto do evento em que está inserida.

5.2.5.2 Dimensão do imaginário das cidades

Já em relação à dimensão do imaginário das cidades, primeiramente, pode-se destacar a presença de atrações que reforçam o “estilo europeu” do município de Gramado, como frisado anteriormente por Dorneles (2001). A “Terra da Neve”, disposta na Aldeia do Papai Noel, pode ser citada como exemplo, uma vez que o espaço é decorado com toras de eucalipto, iglus, bonecos de neve e trenós e normalmente oferece neve artificial (que estava suspensa no momento devido aos protocolos sanitários para enfrentamento do novo Coronavírus, como mostrado na próxima imagem – Figura 17).

Figura 17 - Placa na Terra da Neve sobre a suspensão da neve artificial



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Além da atração, é possível ver o elemento sendo impulsionado pelos próprios participantes do evento, como observado no trigésimo quarto dia de imersão. Na ocasião, um menino, por meio de uma placa com o símbolo de neve, teve conhecimento da atração “Terra da Neve”. Após visualizar a sinalização, a criança perguntou animada para seus pais: “*Neve, meu deus, vamos, vamos na neve, por favor?*”. A mãe logo replicou: “*Podemos ir sim, mas você precisa se comportar, tem que respeitar onde o Papai Noel mora*”.

A arquitetura dos três locais analisados também estimula o elemento atrelado ao "estilo europeu" do município. A Casa do Papai Noel, disposta na Aldeia do Papai Noel, por exemplo, apontada na imagem abaixo (FIGURA 18), apresenta estilo bávaro, com adornos da cultura europeia produzidos por pintores italianos. Já a Rua Coberta e a Vila de Natal foram inspiradas em espaços encontrados nas principais cidades da Europa. Tal como discutido por La Rocca (2018), essas escolhas arquitetônicas têm a capacidade de construir os traços simbólicos das experiências ali vividas, visto que atuam como cenários de sonhos, desejos, devaneios etc.

Figura 18 - Arquitetura da Casa do Papai Noel na Aldeia do Papai Noel



Fonte: elaborada pela autora (2020).

A tecnologia é outro elemento analisado que pode ser relacionado ao imaginário das cidades, uma vez que pode ser considerada atualmente como prótese do ambiente dos municípios, conforme elencado por La Rocca (2018). Durante a imersão, percebeu-se dois tipos de utilização tecnológica, de maneira primordial, de *smartphones* e *tablets*. Primeiro e majoritariamente, as ferramentas eram manuseadas para a captura de imagens e vídeos das atrações do evento. Por segundo, e de forma minoritária, para fins de entretenimento, especialmente para a prática de jogos.

No primeiro caso, pode-se pensar que a tecnologia era empregada para que a experiência vivida pudesse ser compartilhada com outras pessoas de modo *on-line*, ou seja, para nutrir a chamada *Second City*, assim como já discutido por La Rocca (2018). Além do mais, é possível entender também que o constante registro de imagens e vídeos era realizado com o intuito de

conservar de alguma forma a experiência ali presenciada. Ou seja, para que se pudesse posteriormente, de algum modo, revisitar os momentos vivenciados naqueles instantes a partir do material capturado.

Em contrapartida, no segundo caso, os recursos tecnológicos eram utilizados para que as crianças pudessem se afastar da experiência que estava sendo proporcionada naqueles espaços. Isto é, os participantes, de modo geral, desconsideravam o que estava sendo apresentado, ao contrário do uso anterior, que manuseava a tecnologia para fortalecer ainda mais a experiência ali vivenciada.

Pode ser citado como exemplo referente ao primeiro tipo de utilização o irmão da pesquisadora, que embora não gostasse de aparecer em fotografias no dia a dia, solicitava frequentemente para que fossem registradas imagens dele nas atrações do evento. Nessa direção, pode-se comentar também sobre uma circunstância observada no décimo sexto dia de imersão, na Aldeia do Papai Noel. Na situação, uma criança, com menos de 5 anos, andava pelo parque fotografando e filmando os diferentes espaços. Ao ser questionado pela sua mãe se poderia emprestar o celular por um instante, respondeu em alto tom: “*Já disse que não, eu quero gravar tudo*”. Também pode ser citado como exemplo uma menina, no vigésimo terceiro dia de campo, na Rua Coberta, apresentada na imagem a seguir (FIGURA 19). Na ocasião, a criança solicitava para que sua mãe capturasse fotos dela em variadas posições e em diferentes cenários. Além disso, a participante usava seus trajes para fazer novos registros, colocando e tirando a máscara, vestindo um casaco, entre outros.

Figura 19 - Menina que solicitava fotografias em diferentes posições e cenários



Fonte: elaborada pela autora (2020).

No entanto, também foram visualizados, embora de maneira mais escassa, exemplos do segundo tipo de utilização. Como por exemplo, pode ser apresentada a situação observada na Vila de Natal, no décimo terceiro dia de imersão. Na ocasião, uma menina, exibida na imagem a seguir (FIGURA 20), privou-se de interagir com o seu grupo acompanhante e de integrar-se às atrações do evento para se dedicar aos jogos disponíveis em seu telefone celular.

Figura 20 - Criança utilizando o celular para a prática de jogos



Fonte: elaborada pela autora (2020).

La Rocca (2018) também enfatiza que tocar os diferentes espaços da cidade pode emanar um imaginário de visões e sensações. No campo, foi possível visualizar variados momentos em que as crianças circulavam pelos locais encostando nas paredes, no teto e no chão, bem como em elementos da decoração: árvores de Natal, bonecos, luzes etc. Um exemplo disso foi observado no dia trinta e sete de campo, na Rua Coberta. Na circunstância, a criança pediu para que seu pai a carregasse nas costas, com o intuito de conseguir tocar nos ornamentos natalinos pendurados ao teto.

Ainda, deve-se salientar que, muitas vezes, as crianças desejavam tocar nos produtos comercializados nas lojas, especialmente na Vila de Natal. Os participantes mais novos circulavam pelo espaço, que vendia bonecos do Papai Noel em diferentes cenários e posições: deitado na rede, preso a paraquedas, subindo escadas, entre outros, como apresentado a seguir (FIGURA 21), e iam encostando nos produtos conforme os viam. O que, geralmente, ocasionava em repressões por parte dos adultos acompanhantes.

Figura 21 - Bonecos do Papai Noel comercializados nas lojas



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Nessa direção, pode-se comentar também que, no início da imersão, era possível encostar e chegar próximo de alguns objetos natalinos. Contudo, percebeu-se que, no decorrer do campo, foram sendo adicionadas barreiras em torno dos ornamentos. A primeira imagem a seguir (FIGURA 22), por exemplo, capturada no décimo terceiro dia de campo, demonstra a possibilidade de se aproximar do boneco do Papai Noel e dos demais enfeites sem empecilhos. A segunda imagem (FIGURA 23), em seguida, entretanto, registrada no vigésimo primeiro dia de campo, expõe a incorporação de uma fita em volta da decoração, para evitar danos, provavelmente, com o toque e aproximação dos participantes.

Figura 22 - Boneco do Papai Noel no décimo terceiro dia de campo



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Figura 23 - Boneco do Papai Noel no vigésimo primeiro dia de campo



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ainda por essa perspectiva, deve-se frisar também que no quadragésimo primeiro dia de imersão foi possível observar duas crianças, na Rua Coberta, apresentadas na imagem a seguir (FIGURA 24), se aproximando e tocando no presépio, que, assim como salientado por Vargas (2014) anteriormente, tem o intuito de reforçar a junção do mundo material à dimensão divina. Os participantes, no entanto, acabaram derrubando uma das figuras no chão, o que foi advertido e reparado pelos responsáveis em seguida. As peças religiosas também estavam presentes na Aldeia do Papai Noel, além do espaço da Rua Coberta.

Figura 24 - Crianças tocando no presépio



Fonte: elaborada pela autora (2020).

La Rocca (2018), assim como já apresentado, ressalta que é possível “tocar” as localidades urbanas também por meio de dispositivos e instalações sonoras. Nos três espaços definidos para o campo, foi possível observar o efeito da sonorização nos sujeitos presentes,

fundamentalmente por intermédio das músicas natalinas. Conforme destacado por Wisnik (1989), o imaginário alimentado pelo som tem a capacidade de gerar participação afetiva e intimidade com o local, além de fazer transcender todas as percepções da realidade.

Em síntese, é possível ressaltar, nessa dimensão, que os elementos atrelados ao imaginário das cidades participam da experiência da criança no Natal Luz. Entre os sentidos atribuídos ao evento e ao município de Gramado, destaca-se a prevalência de componentes que reforçam o “estilo europeu” da localidade, por meio das atrações da festividade, da arquitetura dos espaços analisados e, inclusive, dos próprios participantes.

Pode-se salientar também que embora o uso dos aparelhos tecnológicos faça parte da experiência na criança no evento, sua utilização pode ser atrelada primordialmente à captura de imagens e vídeos. Ou seja, é possível relacionar o manuseio de tecnologias ao interesse dos participantes em reforçar ainda mais a vivência na festividade, seja compartilhando os registros de modo *on-line*, seja armazenando o material para acesso a posteriori.

Por último, é possível analisar a potência dos estímulos sonoros na produção da experiência das crianças no Natal Luz, especialmente por meio das músicas natalinas, que serão apresentadas a seguir. O toque, tanto dos espaços físicos selecionados quanto da decoração do evento, trata-se de outro componente capaz de impactar o público analisado, uma vez que tem a capacidade, fundamentalmente na infância, de emanar um imaginário de sentimentos e sensações.

5.2.5.3 Dimensão das ritualizações

Referente à dimensão dos fluxos, primeiro, pode-se analisar um dos principais elementos da festa de Natal: a música natalina, responsável por conferir emoção, muitas vezes, à celebração, segundo Perez, Amaral e Mesquita (2012). Dentre as diferentes canções presentes durante a imersão, destaca-se “*Feliz Navidad*”, de José Feliciano, que tocava praticamente todos os dias, nos três locais analisados. A letra, que reveza entre trechos na língua espanhola e na língua inglesa, encontra-se a seguir:

Feliz Navidad
Feliz Navidad
Feliz Navidad
Prospero año
Y Felicidad

Feliz Navidad
Feliz Navidad
Feliz Navidad

Prospero año
Y Felicidad

I wanna wish you
A Merry Christmas
I wanna wish you
A Merry Christmas
I wanna wish you
A Merry Christmas
From the bottom
Of my heart
I wanna wish you
A Merry Christmas
I wanna wish you
A Merry Christmas
I wanna wish you
A Merry Christmas
From the bottom
Of my heart

Por essa perspectiva, deve-se salientar ainda que as músicas natalinas geravam participação dos sujeitos, tanto crianças quanto adultos, por meio de cantorias e danças, nos três locais observados. Como exemplo, podem ser citadas duas meninas visualizadas na Rua Coberta, no primeiro dia de imersão, expostas na imagem a seguir (FIGURA 25), que começavam a cantar e dançar com os adultos acompanhantes sempre que uma música nova iniciava no ambiente.

Figura 25 - Crianças dançando com seus responsáveis



Fonte: elaborada pela autora (2020).

O consumo é outro elemento atrelado às ritualizações da festa de Natal. Assim como ressaltado por Belk (1987), em decorrência da influência norte-americana e da popularidade da

festividade, a época natalina é considerada hoje um dos períodos mais lucrativos para comerciantes, tanto do âmbito cristão quanto no comércio em geral.

Em relação ao consumo das atrações, foram observados participantes que ansiavam por comprar os ingressos para todos os brinquedos disponíveis na Aldeia do Papai Noel. No espaço, além do *ticket* para entrar no local, também pode-se adquirir separadamente o acesso para três brinquedos, são eles: Monorail, comboio que se move em um trilho suspenso; Trenó voador, trenó temático que percorre um trilho a seis metros de altura; e Trenzinho, trem que circula por diferentes espaços do parque.

No que diz respeito ao consumo de itens relacionados à festa natalina, destacam-se as observações realizadas na Vila de Natal. Como exemplo, pode ser mencionada uma menina, presente no vigésimo primeiro dia de campo, que insistiu demasiadamente para que sua avó, que lhe acompanhava durante o evento, lhe desse um boneco do Papai Noel, comercializado em uma das lojas do espaço. A adulta salientava: “*O Papai Noel é muito duro, não dá nem pra abraçar*”. No entanto, a criança, após muitas insistências e comentando que era isso mesmo que ela queria, acabou tendo seu pedido atendido.

Situação parecida foi observada também no trigésimo quinto dia de imersão. Na circunstância, uma menina, com cerca de cinco anos, pediu de forma contínua para que sua mãe lhe comprasse algum produto nas lojas disponíveis no espaço. A adulta responsável logo replicou: “*Não mesmo, filha, chega, tu já comprou um boneco desses antes*”. A criança, embora contrariada, concordou com a fala da mãe.

Referente ao consumo de produtos alimentícios, pode-se destacar particularmente o interesse em alimentos considerados “*junk food*”, como churros, pipoca, balas, pirulitos, batata frita, entre outros. Assim como já destacado por Rivière (1997), um dos elementos fundamentais da festa natalina pode ser atrelado às refeições festivas, frequentemente, diferentes das realizadas costumeiramente pelos participantes.

Salienta-se também, nessa perspectiva, uma observação realizada no vigésimo terceiro dia de campo, na Rua Coberta. Na situação, o irmão da pesquisadora comprou no local um balde de balas e pirulitos, como mostrado na imagem que segue (FIGURA 26). O menino, ao transitar pelos diferentes espaços, percebia o interesse das demais crianças presentes em sua compra, que, muitas vezes, apontavam e solicitavam o mesmo produto ao adulto acompanhante.

Figura 26 - Irmão da pesquisadora com balde de balas e pirulitos



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ainda, percebeu-se que, mesmo nas imersões ocorridas durante o turno da manhã, muitas crianças consumiam alimentos considerados não saudáveis. Enquanto os responsáveis alimentavam-se de bebidas como cafés e chás, os mais novos compravam produtos como sorvetes e refrigerantes. Além disso, foi possível notar que os adultos que a princípio não aceitavam os pedidos de compra das crianças acompanhantes, acabavam, constantemente, cedendo às solicitações. Uma situação observada no décimo dia de campo, na Rua Coberta, pode ser citada como exemplo. Uma menina, representada na imagem a seguir (FIGURA 27), ao ver outros participantes consumindo algodão doce, pediu ao seu pai: “*Posso comprar algodão doce?*”. A resposta, embora tivesse sido negativa inicialmente, devido ao fato de a participante já estar consumido pipoca, acabou sendo positiva após alguns minutos de conversa.

Figura 27 - Menina comendo pipoca



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ainda na dimensão das ritualizações, é necessário abordar sobre os presentes, que, assim como abordado por Sirota (2005), atuam como modeladores da identidade do sujeito, bem como na formulação do seu vínculo social. A presença desse elemento natalino foi notada nos três espaços analisados: Vila de Natal, Aldeia do Papai Noel e Rua Coberta, tanto em atrações e objetos decorativos quanto em comentários por parte dos participantes.

No terceiro dia de imersão, por exemplo, na Vila de Natal, foi possível presenciar o seguinte diálogo: *“Olha ali filho, teu presente deve estar aí já guardado.”* Comentou uma mãe, apontando para a Casa do Papai Noel disposta no espaço. Em seguida, o filho questionou: *“Meu presente? Onde?”*. A responsável então respondeu: *“Se tu se comportou, aí tá o problema”*.

Já na Aldeia do Papai Noel observou-se a presença de um caderno de anotações, bem como de uma árvore de desejos para preenchimento com as seguintes informações: nome, cidade, idade e presente desejado. Foi possível perceber a existência de diferentes tipos de pedidos. A maioria das solicitações feitas por parte dos adultos relacionava-se a elementos como amor, sucesso, paz e saúde. Enquanto as crianças majoritariamente pediam por brinquedos como bonecas e carrinhos. A cura e o fim da pandemia do novo Coronavírus também foram pedidos recorrentes, tanto por participantes adultos, quanto por crianças.

Na Rua Coberta, por outro lado, no quadragésimo primeiro dia de imersão, presenciou-se uma menina, com cerca de cinco anos, animada ao ver a estátua exibida na imagem a seguir (FIGURA 28). Segundo ela, o Papai Noel estava segurando o presente que ela pediu de Natal: um urso de pelúcia.

Figura 28 - Estátua do Papai Noel segurando urso de pelúcia



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Os presentes ganham ainda maior destaque na ritualização atrelada à festa natalina ao serem relacionados ao Papai Noel que, de acordo com a cultura Ocidental, é o responsável por escolher e levar os presentes aos lares das crianças. O personagem assume papel fundamental também no evento Natal Luz. Na edição analisada, por exemplo, foi possível observar a presença do elemento natalino em toda a cidade de Gramado, especialmente nos três espaços selecionados para a imersão, por meio de representações em estátuas, em telões, entre outros.

De forma geral, a maneira que o Papai Noel foi representado foi semelhante nos variados meios. Assim como frisado por Lévi-Strauss (2003), a barba branca, que indica o caráter ancião do personagem, se fez presentes nas exposições. Além disso, embora o evento tenha ocorrido no verão, a touca e as botas, que demonstram as baixas temperaturas da região em que a figura natalina foi originada, participaram das representações do “bom velhinho”, como pode ser visualizado na imagem a seguir (FIGURA 29), capturada na Aldeia do Papai Noel.

Figura 29 - Papai Noel na Aldeia do Papai Noel



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ademais, deve-se destacar o desejo observado nas crianças participantes em ter contato com os sujeitos que interpretavam o “bom velhinho”. Como exemplo, pode ser citada uma situação ocorrida no segundo dia de campo, na Aldeia do Papai Noel. Na ocasião, os responsáveis por uma menina, de cerca de 5 anos, perguntaram a ela: “*Vamos embora agora, meu amor?*”. A criança, ao negar o pedido, foi questionada novamente: “*E se formos em outro lugar que tenha o Papai Noel também?*”. Em seguida, a participante menor replicou: “*Tá, então.*”

Circunstâncias semelhantes ocorreram também na Rua Coberta e na Vila de Natal, no décimo e no quadragésimo dia de imersão, respectivamente. Em ambos os casos, as crianças comentaram que não queriam deixar os espaços, uma vez que tinham o desejo ainda de encontrar o Papai Noel. Na primeira situação, o responsável pelo menino participante respondeu: “*Vamos encontrar, filho, só procurar*”. Já na segunda, o adulto acompanhante replicou que era mesmo necessário ir embora, o que ocasionou em choro por parte da menina em questão.

Já na Aldeia do Papai Noel, no trigésimo quarto dia de imersão, foi observado uma menina que, durante o passeio, tentava entrar em todas as portas. Ao ser questionada pelos pais sobre o motivo do seu comportamento, ela respondeu: “*Quero ver tudo, o Papai Noel e tudo dele que der*”. Em seguida, seu irmão mais velho, que provavelmente já não tinha mais a mesma crença no personagem, começou a rir e disse que o que ela iria acabar encontrando era uma bruxa ou um lobisomem. Pode-se compreender, nesse caso, o ceticismo da criança como

resultado de uma transação entre duas gerações, como abordado por Lévi-Strauss (2003) anteriormente. É necessário frisar, contudo, que embora o participante demonstre descrença no elemento natalino, faz alusão a outros seres lendários, presentes no mundo do “faz de conta”, característico da visão de mundo da criança e da cultura da infância (PINTO; SARMENTO, 1999).

Nesse sentido, pode-se também discorrer sobre uma situação vivenciada na Vila de Natal, no trigésimo dia de campo. Na ocasião, uma mãe comentou com seus dois filhos, um mais velho, apresentado a seguir (FIGURA 30), e um mais novo, que a cartinha deles não estava pendurada na Casa do Papai Noel, visto que eles haviam esquecido de escrever. A fala foi logo seguida pela contestação do participante maior: “O *Papai Noel não existe.*” Prontamente, a responsável olhou para a fisionomia do participante menor e replicou ao filho mais velho: “*Eu sei que tu não acredita mais, mas essa é apenas a tua opinião, não quer dizer que isso é a verdade*”. A circunstância pode ser atrelada ao desejo da mãe em dinamizar a crença nas crianças da existência do Papai Noel e dos elementos da festa natalina, especialmente no que concerne ao filho mais novo.

Figura 30 - Irmão mais velho que não acredita no Papai Noel



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ainda, foi possível observar na conduta, tanto por parte dos responsáveis pelas crianças quanto pelos próprios atores que interpretam a figura natalina, de reforçar que a generosidade em relação aos presentes de Natal é medida conforme o bom comportamento dos menores durante o ano todo, como já comentado por Lévi-Strauss (2003). Um exemplo disso foi

observado no trigésimo oitavo dia de campo, na Aldeia do Papai Noel. Na situação, o Papai Noel comentou: *“Só lembra que apenas menino bom ganha presente”*, ao receber uma carta, com os pedidos de um menino de cerca de 5 anos.

Pode-se comentar a respeito também de uma outra circunstância, presenciada na Vila de Natal, no oitavo dia de imersão, quando uma criança comentou com o Papai Noel: *“Eu quero um carrinho”*. A mãe, em seguida, salientou: *“Tem que falar pra ele o que tu fez de bom.”* O participante menor então ressaltou: *“Eu ajudei minha mãe....na louça, arrumei o quarto...”* A figura natalina então sorriu para a criança e replicou: *“Parabéns, continue assim que vai merecer o presente, feliz Natal!”* O menino e o Papai Noel então se despediram, conforme imagem abaixo (FIGURA 31).

Figura 31 - Criança e Papai Noel se despedindo



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Nessa direção, é possível apresentar o seguinte diálogo, na Vila de Natal, também no oitavo dia de campo, entre um menino, de cerca de dez anos, e seu responsável: *“Assim filho, vai na fila e quando chegar tua vez, lembra tu não pode abraçar nem beijar o Papai Noel por causa do Covid, mas pode conversar com ele. Depois pergunta se ele recebeu o e-mail do teu pai, se ele não tiver o que tu quer, tu diz que pode ser outra coisa e que tu se comportou, tá?”*. A criança, após concordar, se encaminhou para a fila.

Outro exemplo que pode ser salientado, ocorrido no mesmo local e no mesmo dia, refere-se a uma conversa entre o Papai Noel, uma menina e sua mãe. A participante adulta comentou com o personagem natalino: *“O senhor não esquece que ela quer aquela boneca que tira a chupeta.”* A criança então adicionou: *“Mãe, mas também a maquiagem e o cachorro.”* O

ator do “bom velhinho” então respondeu: “*Tudo não sei se vai dar...*” A participante menor logo replicou: “*Então pode ser só um [presente] mesmo.*” Então antes de seguirem para a despedida, o Papai Noel falou: “*Não esquece que pra isso tem que continuar se comportando.*”

É necessário salientar também os comentários realizados pelo irmão da pesquisadora sobre o personagem do Papai Noel durante os dias em que acompanhou a imersão. Como exemplo, pode ser citado: “*A Casa do Papai Noel fica sempre aberta, Papai Noel deve ser bem popular*”, salientado durante o segundo dia de campo, na Aldeia do Papai Noel, ao ler a placa “Aberto o ano todo” na entrada do parque. Outro exemplo que pode ser apresentado é a fala: “*Quantas pessoas gostam do Papai Noel, assim como eu [gosto]!*”, também na Aldeia do Papai Noel, no vigésimo nono dia de imersão, ao ver a quantidade de pessoas na fila para acessar os brinquedos do espaço.

No que se refere à dimensão das ritualizações, em suma, pode-se frisar a respeito do impacto das músicas natalinas no evento, ao gerar cantorias, danças e interações entre crianças e adultos nos três espaços analisados. Ainda, é possível perceber a influência que o consumo atrelado ao Natal tem na experiência dos participantes da festividade, a partir da busca constante por parte das crianças em comprar objetos, atrações, guloseimas, entre outros.

Os presentes tratam-se também de elementos relevantes, especialmente ao serem relacionados ao “bom velhinho”, que, de maneira geral, foi representado de modo semelhante nos variados meios observados do evento. Além disso, é possível destacar o interesse constante dos adultos presentes na festividade em dinamizar a crença das crianças na existência do Papai Noel e demais ritualizações atreladas ao Natal, salientando a importância do bom comportamento para a obtenção de presentes.

De modo geral, deve-se salientar que é possível verificar, a partir das relações analisadas nas três dimensões, interações de negociação por parte das crianças participantes. O sujeito, mesmo na infância, como já salientado por Qvortrup (1991), age socialmente nos espaços em que frequenta, negociando, influenciando e dando significado aos processos em que faz parte, o que é possível observar no público analisado do evento.

Como exemplos de situações abrangendo práticas de negociação, podem ser citadas as trocas relatadas anteriormente entre as crianças e seus responsáveis referentes ao consumo de *junk food* e de produtos natalinos, assim como do horário para as refeições e de ir às atrações do evento. Também podem ser frisadas as circunstâncias envolvendo os pedidos de presentes, tanto entre os participantes analisados com os adultos, quanto das crianças com o personagem do Papai Noel.

Pode-se constatar ainda que, a partir da análise das três dimensões, a natureza do evento trata-se de viabilizar o encontro das crianças com objetos, personagens, atrações e produtos. Isto é, embora o público analisado experiencie a festividade sempre acompanhado, o Natal Luz não pode ser considerado agente promotor da socialização, do *networking* e da interação com o desconhecido. A pesquisadora, por exemplo, apesar do campo etnográfico realizado durante o evento, não foi convocada por nenhum outro participante a estabelecer comunicação durante o seu processo de imersão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral elencado para este estudo foi compreender a experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades. Já os objetivos específicos que orientaram esta pesquisa foram: discorrer sobre a relação entre imaginário e cidades; verificar a importância dos eventos e seu impacto nos sujeitos por meio da experiência e refletir sobre a presença dos ritos na infância.

No segundo capítulo, “A cidade como protagonista na construção do imaginário”, foi possível dissertar, baseado em autores como La Rocca (2018), sobre o imaginário produzido a partir de elementos presentes nas cidades, como a arquitetura, o som, entre outros. Além disso, abordou-se noções fundamentais para compreender os diferentes espaços na atualidade, como de Hype City e de superlugares.

No capítulo posterior, “Os eventos e a experiência”, discorreu-se primordialmente sobre as ideias relacionadas aos eventos, a partir de autores como Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017), e à experiência, segundo obras de Benjamin e Panosso Netto e Gaeta (2010), fundamentalmente. Também destacou-se a importância de ambos os conceitos no dia a dia dos sujeitos contemporâneos. Também foi apresentado o contexto histórico, econômico e social do evento Natal Luz.

O quarto capítulo, “Os ritos e a infância”, tratou de discutir, a partir de autores vinculados à Sociologia da Infância, a presença de aspectos culturais no cotidiano das crianças, em especial relacionados aos ritos. Também se ocupou em ressaltar o desenvolvimento dos principais elementos atrelados à festa Natalina nos dias de hoje, como o Papai Noel.

O quinto capítulo, “Percurso metodológico”, dedicou-se a descrever as metodologias selecionadas para este trabalho: pesquisa bibliográfica e etnografia. Também foi apresentado o material coletado durante o campo, bem como sua análise e interpretação. Considerando o problema de pesquisa selecionado para esta obra — de que formas podemos compreender a experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades?—, identificou-se três dimensões que operam diretamente na experiência dos participantes na festividade, são elas: dimensão dos fluxos, dimensão do imaginário das cidades e dimensão das ritualizações.

Em relação à dimensão dos fluxos, é necessário comentar a respeito do fomento da animosidade e da expectativa nos participantes do evento, estímulos denominados por Bladen *et al.* (2012 *apud* FERREIRA, 2018) como impactos pessoais. Deve-se salientar ainda que a

presença dessas características impulsionavam, muitas vezes, comportamentos específicos por parte das crianças, como passos acelerados e olhares atentos.

Os impactos pessoais observados podem ser relacionados à abertura efetuada pelas crianças em experimentar o novo, o evento e suas atrações. Como já elencado por Bondía (2002), para que uma experiência seja de fato vivenciada, é necessário que o participante tenha o interesse em se expor, apesar do risco e da vulnerabilidade que isso possa gerar. Entretanto, pode-se frisar que ao mesmo tempo em que as crianças demonstraram-se abertas para aproveitar os momentos, também exprimiam interesse em períodos de pausa e em seguir hábitos que estavam acostumadas.

Por fim, torna-se preciso destacar nessa dimensão que, embora Gramado possa ser considerada uma localidade de “conto de fadas”, a preocupação em relação à segurança se fez presente nas falas e nas práticas realizadas pelos tutores das crianças. Assim, devido ao fato de estarem sempre acompanhados dos responsáveis, pode-se dizer que a experiência do público analisado no evento se dá em contato com os adultos,

Já em relação à dimensão do imaginário das cidades, pode-se destacar a presença de atrações que reforçam o “estilo europeu” do município de Gramado, assim como salientado por Dorneles (2001) anteriormente. Tal estímulo também é desenvolvido pelos próprios participantes do evento, bem como pela arquitetura optada para os três espaços analisados.

No que concerne ao uso de dispositivos digitais como próteses do ambiente, como abordado por La Rocca (2018), pode-se frisar que, na maioria das vezes, os aparatos tecnológicos se fizeram presentes na experiência das crianças no evento. No entanto, de maneira geral, seu uso pode ser relacionado ao desejo de aproveitar ao máximo as atrações, capturando imagens e vídeos que pudessem ser revisitados posteriormente.

Ainda, foi possível observar a presença de outros elementos que impactam diretamente no imaginário das cidades, como o som e o toque. Nos três espaços selecionados para o campo, observou-se o efeito da sonorização nos participantes, fundamentalmente a partir das músicas natalinas. Visualizou-se também, em todos os locais analisados, a participação do toque por parte das crianças nas paredes, no chão, na decoração etc.

Por outro lado, ao que concerne à dimensão das ritualizações, pode-se comentar sobre a presença de diferentes elementos atrelados aos ritos de Natal. Entre eles, destaca-se a utilização de músicas natalinas nos três espaços analisados, bem como a propagação do consumo, seja de atrações, de alimentos ou de brinquedos.

Os presentes tratam-se também de elementos relevantes, especialmente ao serem relacionados ao “bom velhinho”. É possível destacar o interesse constante dos adultos

participantes da festividade em dinamizar a crença das crianças na existência do Papai Noel, reforçando que a generosidade na escolha do presente de Natal mede-se pelo comportamento dos menores durante o ano.

É necessário ainda salientar sobre a relevância do Papai Noel não somente na festa natalina, como também no evento e em suas atrações. Embora os participantes, muitas vezes, fossem de idades, cidades e contextos diferentes, foi possível observar o interesse comum no desejo de se relacionar com o personagem, que, de maneira geral, foi representado de modo semelhante nos variados meios e espaços, com uso de barbas e botas, fazendo referência ao frio e à idade mais avançada.

Em suma, a partir das relações analisadas nas três dimensões, é possível salientar que o sujeito, mesmo na infância, atua socialmente, negociando, influenciando e sendo influenciado pelo contexto em que está inserido. Ademais, pode-se afirmar que a criança tem a capacidade de utilizar todos os instrumentos dispostos na festividade para incorporar e criar significados e sentidos, além de ser capaz de experienciar o evento em sua totalidade, de maneira particular, interagindo com as atrações, seus pares e responsáveis. Pode-se constatar também que a essência do Natal Luz pode ser atrelada à viabilização do encontro de seus participantes não somente com os objetos, as atrações e os produtos, mas também com os diferentes ritos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. de; OLIVEIRA, C. D. M.; VARGAS, M. A. M. A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe. **Revista Geográfica de América Central**, San José, v. 2, n. 47, p. 1-16, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/1810/1716>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- ALOHA, E.-K. How is the concept of experience defined in consumer culture theory? Discussing different frames of analysis. **Kulutajutkimus**, [s. l.], v. 1, p. 91-98, 2005. Disponível em: <http://www.kulutustutkimus.net/wp-content/uploads/2006/09/1-10-ahola.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza: UFC, 2007.
- ANDRADE, R. B. **Manual de eventos**. 3. ed. Caxias do Sul: Educ, 2007.
- AS 15 CIDADES favoritas do Sul do Brasil. *In*: EXPEDIA Brasil. [S. l.], 12 abr. 2018. Disponível em: <https://viajando.expedia.com.br/as-15-cidades-favoritas-do-sul-do-brasil/>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- AZAMBUJA, V. A. de; MECCA, M. S. Os componentes da identidade de marca de Gramado/Brasil que geram sua imagem de “destino turístico modelo” e os relacionamentos da marca com os stakeholders internos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://rbtur.org/rbtur/article/view/1142/741>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- BELK, R. W. A child's christmas in America: Santa Claus as deity, consumption as religion. **Journal of american culture**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 87-100, 1987.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. *In*: OBRAS escolhidas. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.
- BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. *In*: COLEÇÃO os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20primeira%20nota%20sobre%20o,nos%20de%20nossa%20pr%C3%B3pria%20vida>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- BROUGÈRE, G. Culture de masse et culture enfantine. *In*: ARLEO, A.; DELANGE, J. (dirs.). **Cultures enfantines: universalité et diversité**. Rennes: PUR, 2010.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Cromosete, 2005.

CORSARO, W. Interpretive reproduction in children's peer cultures. **Social psychology quarterly**, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 160-177, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2786944>. Acesso em: 18 jul. 2021.

COUTINHO, H. P. M.; COUTINHO, H. R. M. Turismo de eventos como alternativa para o problema da sazonalidade turística. **Revista Eletrônica Aboré**, Manaus, v. 3, 2007. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/26883864/turismo-de-eventos-como-alternativa-para-o-problema>. Acesso em: 18 jul. 2021.

CROSDALES; L. D. C. C.; TOMAZZONI, E. D. Organização e gestão do evento natal luz e seus retornos para o turismo de Gramado (RS). *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6., 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tplSeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/anais/gt04/arquivos/04/Organizacao%20e%20gestao%20do%20evento%20natal%20luz%20e%20seus%20retornos.pdf. Acesso em: 23 jul. 2021.

CZAJKOWSKI, A.; CZAJKOWSKI JÚNIOR, S. **Eventos: uma estratégia baseada em experiências**. Curitiba: Intersaberes, 2017. v. 1.

DAROS, M.; BARROSO, V. L. M. (Orgs.). **Raízes de Gramado: 40 anos**. Porto Alegre: EST, 2000.

DORNELES, E. B. **Gramado: a produção e consumo de uma imagem europeia no sul do Brasil**. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FÄRBER, S. S. Hermenêutica do rito: de interpretado à intérprete. *In*: CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA, 1., 2013, São Leopoldo. **Anais eletrônicos [...]**. São Leopoldo: EST, v. 1, 2013. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/view/172/134>. Acesso em: 06 mar. 2022.

FERREIRA, A. R. A. Impacto dos eventos desportivos internacionais no turismo regional: um estudo de caso. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Económicas e Empresariais: Recursos Humanos) – Faculdade de Economia e Gestão, School of Business and Economics, Departamento de Economia e Direito, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/4792/1/DissertMestradoAnaRitaAmaralFerreira2018.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

GEERTZ, C. **A interpretação de culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GETZ, D. **Event management and event tourism**. New York: Cognizant Communications Corp. 2004.

GRAMADO RS. *In*: GOOGLE maps. Mountain View: Google, c2022. Disponível em: <https://goo.gl/maps/PfDnhioYw1yzkT3B8>. Acesso em: 06 mar. 2022.

GRAMADO. *In*: IBGE. Brasília, [2020]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/gramado/panorama>. Acesso em: 18 jul. 2021.

GRIEBELER, M. P. D.; BERTI, F.; JÚNIOR, A. A. M. Hierarquização das cadeias produtivas: diagnóstico das atividades econômicas de Gramado (RS). **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 112-124, jul. dez. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/10478/6816>. Acesso em: 18 jul. 2021.

HOLLARD, A. **As origens das comemorações do Natal**. Estrasburgo: Faculdade de Teologia, 1966.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LA ROCCA, F. **A cidade em todas as suas formas**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

LÉVI-STRAUSS, C. Papai Noel supliciado. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 5-18, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Levi-Lévi-Strauss.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

LIMA, T. C. S. D.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACHADO, A. R. Imagens Simbólicas e o turismo: o imaginário na publicidade do Natal Luz de Gramado. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 28. Caxias do Sul, 2017. **Anais eletrônicos** [...]. Caxias do Sul: UCS, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0179-1.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MARUJO, N. Turismo e eventos especiais: a Festa da Flor na Ilha da Madeira. **Tourism & Management Studies**, Faro, v. 10, n. 2, p. 26-31, 2014. Disponível em: <https://tmstudies.net/index.php/ectms/article/viewFile/699/1214>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MELO NETO, F. P. de. **Criatividade em eventos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NOGUEIRA, M. A. L. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 115-123 mar.-jun. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TJVSM8CMHGLNZ9t6zBw3dGm/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2021.

PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. **Turismo de experiência**. São Paulo: SENAC, 2012.

PECCIN, L. **A luz que transformou uma cidade: os bastidores do Natal Luz de Gramado**. [S. l.]: Capa comum. 2018.

PEREZ, L. F.; AMARAL, L.; MESQUITA, W. (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1999.

PONTE, V. P da. Embelezamento, mídia e construção do corpo em narrativas de crianças. **RUNA, archivo para las ciencias del hombre**, Buenos Aires, v. 40, p. 131-148, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/1808/180862611008/index.html>. Acesso em: 18 jul. 2021.

PROUT, A.; JAMES, A. **Constructing and reconstructing childhood**: contemporary issues in the sociology of childhood. London: Rountlege Falmer, 1990.

QVORTRUP, J. Childhood as a social phenomenon: introduction to a series of national reports. **Eurosocial Report 36**, Viena, [s. n.], 1991.

REGO, T. C. (Org.). **Cultura e sociologia da infância**: estudos contemporâneos. Curitiba: CRV, 2018. v. 1.

RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROCHA PITTA, D. P. Impactos do imaginário na organização do cotidiano. In: VICHETTI, S. M. P. (Org.). **Psicologia social e imaginário**. Sao Paulo: Zagodoni, 2012.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. A cidade como sede de sentidos. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 1-15, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9296/5364>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ROLNIK, R. **O que é Cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

SARMENTO, M. J., CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições Asa, 2004.

SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. D. (Orgs). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHMITT, B. **Marketing experimental**. São Paulo: Nobel, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, J. M. da. **Diferença e descobrimento**: o que é o imaginário? (a hipótese do excedente de significação). Porto Alegre: Sulina, 2017.

SINATURA, V. P. **Relações públicas**: elemento potencializador para o sucesso de um evento. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Departamento de Comunicação Social, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/128248/000846842.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SIROTA, R. Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 535-562, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RFc6Z4jtXFJXtvD5VBLfFdn/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2021.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

VARGAS, D. P.; GASTAL, S. Chocolate e turismo: o percurso histórico em Gramado, RS. **Turismo: visão e ação**, v. 17, n. 1, p. 66-102, 2015. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/7702/4402>. Acesso em: 18 jul. 2021.

VARGAS, M. A. M. Festas patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe. **Ateliê geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 252-273, 01 out. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/32100>. Acesso em: 18 jul. 2021.

VIDAL, R. P. **A influência do turismo de eventos na região das hortênsias, Rio Grande do Sul**: o caso do evento natal luz de Gramado. 2015. Programa de pós-graduação em desenvolvimento regional, Faculdades Integradas de Taquara, 2015.

VIEIRA, J. M. **Eventos e turismo**: planejamento e organização da teoria à prática. Lisboa: Sílabo, 2015.

WILKOSZYNSKI, A. do C. **Imagens da arquitetura**: narrativas do imaginário urbano em Porto Alegre. 2006. Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8163>. Acesso em: 18 jul. 2021.

WISNIK, J. M. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.